



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

**DESINFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO MEDO NO CENÁRIO DA
VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 NO BRASIL**

**JOÃO PESSOA, PB
2024**

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

**DESINFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO MEDO NO CENÁRIO DA
VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

**JOÃO PESSOA, PB
2024**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376d Cavalcante, Rayane Medeiros dos Santos.

Desinformação e produção discursiva do medo no
cenário da vacinação contra a Covid-19 no Brasil /
Rayane Medeiros dos Santos Cavalcante. - João Pessoa,
2024.

102 f. : il.

Orientação: Amanda Batista Braga.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

UFPB/BC

CDU 81'42(043)

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

**DESINFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO MEDO NO CENÁRIO DA
VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 NO BRASIL**

Dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

AMANDA BATISTA BRAGA

Data: 17/12/2024 22:19:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Amanda Batista Braga (UFPB)
(Presidente)

Prof. Dr. Vinícius Dorne (UFU)
(Examinador Externo)



Documento assinado digitalmente

ORIANA DE NADAI FULANETI

Data: 17/12/2024 19:35:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)
(Suplente)

**JOÃO PESSOA, PB
2024**

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi uma jornada atípica de dois anos e meio, e só pude concluir graças às instituições e às pessoas que mencionarei aqui. Primeiramente, gostaria de agradecer à CAPES por financiar essa pesquisa, auxiliando na construção da ciência brasileira. Além disso, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística - PROLING, e a todos os professores que auxiliaram na minha formação durante o curso de mestrado.

À espiritualidade, que se fez presente na figura dos meus guias, gostaria de agradecer por me convencerem a não desistir sempre que o desânimo aparecia. Graças a vocês, os momentos de solidão foram cheios de afeto e fé.

Professora Dra. Amanda Braga, sou grata pela sua orientação, conselhos, paciência e cuidado com o meu trabalho e comigo mesma. A senhora é um exemplo para mim, de professora, orientadora e pessoa. Muito obrigada por me fazer enxergar saídas quando eu não via e aumentar meu horizonte intelectual. Sou grata porque a melhor pesquisadora e orientadora esteve ao meu lado nesse momento.

Agradeço ao grupo Observatório do Discurso, nas figuras de Tata, Bruner, Myller, Jacy, Lulu, Marcela e Amanda Braga, por todas as discussões intelectuais que me proporcionaram inspiração para continuar meu trabalho. Para além da academia, considero todas vocês uma família escolhida por mim. Independentemente do futuro, saibam que vocês fizeram parte do momento mais difícil e mais feliz da minha vida, o mestrado. Gratidão eterna. Estaremos juntas, nessa e em outras vidas!

Sou grata à minha família, meu pai Gesse Cavalcante, que sempre me apoiou e me levou na maioria das aulas do mestrado, me ajudou a ajeitar o computador para eu continuar estudando e sempre me incentivou a não desistir. Agradeço também à minha mãe Mary Medeiros por me incentivar com palavras e gestos, e acreditar que eu conseguiria finalizar esse ciclo. Sou grata ao meu irmão, Rodrigo Medeiros, pelas memórias do passado e do presente, e por me dar muitas caronas para as aulas do mestrado, mesmo estando atrasado.

Agradeço à minha irmã, Rayssa Medeiros, por ser a primeira pessoa a sempre acreditar em mim e me incentivar, em qualquer coisa. Ter uma parceira de vida é um privilégio e graças à espiritualidade eu tenho. Sou grata e aproveitarei enquanto puder, nessa e em outras vidas!

Quero agradecer aos meus amigos, dos mais distantes aos mais próximos, aqueles que me incentivaram a tentar a seleção para o mestrado, seja com palavras ou gestos; ou ainda, aqueles que me apoiaram nos momentos de fragilidades desses últimos dois anos e meio, sou grata por segurarem minha mão, me acalmarem e me acolherem.

Gratidão Ana Luisa e Fernando Franco pela companhia, o acolhimento, a tranquilidade e a diversão que vocês me proporcionam, que foram essenciais nesses anos. Obrigada por serem luz na minha vida e terem paciência comigo. Sou grata!

Agradeço à minha família de Gurinhém, Marcele, Juci e tia Cila por me incentivarem e acreditarem em mim. Obrigada pela companhia, pelas palavras de consolo e incentivo. Vocês fizeram e fazem toda a diferença na minha vida. Amo vocês!

Obrigada Melissa Lima pela sua companhia nos momentos mais críticos desses anos de mestrado. Não duvido que nosso encontro seja espiritual e torço para te ter em outras vidas!

Mon cher, agradeço pela sua presença, admiração, cuidado e companheirismo. Obrigada por me escutar falar sobre a minha pesquisa e por insistir que eu fale, sobre isso e sobre qualquer outra coisa. Sua presença nessa reta final da pesquisa é um presente da espiritualidade, que eu acolho com gratidão e afeto!

Por fim, agradeço à minha psiquiatra dra. Thais Terehoff e à minha psicóloga Geisielly por me auxiliarem psicologicamente a superar meus medos e angústias advindos da vida acadêmica.

Todos vocês estarão em minha mente e orações a partir de agora. Um xero no coração!

RESUMO

O medo é uma emoção-choque, provocada pela consciência de um perigo iminente (Delumeau, 2007). Ao tornar-se coletivo, o medo pode se transformar em pânico, como no contexto da pandemia pelo coronavírus, que amplificou essa e outras emoções, sobretudo devido à infodemia, isto é, à superabundância informativa, provocada pelas *fake news* e pela pós-verdade. Considerando este cenário, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o funcionamento discursivo da pós-verdade e das *fake news*, e suas respectivas relações com as emoções, considerando o contexto histórico da pandemia pela Covid-19 e da vacinação. Em termos teórico-metodológicos, a pesquisa parte dos Estudos Discursivos Foucaultianos, lançando mão dos conceitos de discurso, sujeito, verdade, poder, biopolítica, racismo de Estado, governamentalidade, somados às discussões sobre necropolítica, de Achille Mbembe (2020), infodemia, de Massarani et al. (2021), história do medo, de Delumeau (2009), medo líquido, de Bauman (2022), além daquelas relativas à história das emoções (Courtine, 2016; Courtine; Corbin; Vigarello 2020). Para construir nossa discussão, utilizaremos como *corpus* enunciados falsos sobre as vacinas contra o coronavírus, presentes nos sites de mídia alternativa *Terra Brasil Notícias* e *Jornal Tribuna Nacional*, além de pronunciamentos do ex-presidente do país, Jair Bolsonaro, feitos por meio de *lives* em suas redes sociais digitais. Com as análises, demonstraremos que a produção discursiva do medo serve como base de apoio para a emergência e a disseminação de desinformação, produzindo um medo coletivo e proporcionando a emergência de enunciados antivacina e anticiência, além de ocasionar a descrença dos sujeitos em algumas instituições produtoras de verdade.

Palavras-chave: Discurso; Desinformação; Covid-19; Vacinação; Michel Foucault.

ABSTRACT

Fear is a shock-emotion triggered by the awareness of imminent danger (Delumeau, 2007). When it becomes collective, fear can turn into panic, as seen during the coronavirus pandemic, which amplified this and other emotions, especially due to the infodemic—that is, the overabundance of information caused by fake news and post-truth. Considering this scenario, this study aims to describe and analyze the discursive functioning of post-truth and fake news and their respective relationships with emotions, taking into account the historical context of the Covid-19 pandemic and vaccination. From a theoretical-methodological perspective, this research is based on Foucauldian Discourse Studies, employing the concepts of discourse, subject, truth, power, biopolitics, State racism, and governmentality, alongside discussions on necropolitics by Achille Mbembe (2020), infodemic by Massarani et al. (2021), the history of fear by Delumeau (2009), liquid fear by Bauman (2022), as well as those related to the history of emotions (Courtine, 2016; Courtine; Corbin; Vigarello, 2020). To construct our discussion, we will use as a corpus false statements about Covid-19 vaccines found on alternative media websites *Terra Brasil Notícias* and *Jornal Tribuna Nacional*, as well as speeches made by the former president of Brazil, Jair Bolsonaro, through live broadcasts on his digital social media platforms. Through our analysis, we will demonstrate that the discursive production of fear serves as a basis for the emergence and spread of disinformation, generating collective fear and fostering the rise of anti-vaccine and anti-science narratives. Additionally, it leads to public distrust in institutions responsible for producing truth.

Keywords: Discourse; Disinformation; Covid-19; Vaccination; Michel Foucault.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS: ALGUMAS FERRAMENTAS	14
1.1 Michel Foucault e os estudos do discurso	14
1.2 Discurso e verdade	19
1.3 A relação entre o discurso e o poder: disciplina, biopoder e governamentalidade	25
1.4 O racismo de Estado e a Necropolítica	32
2. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA PÓS-VERDADE E DAS <i>FAKE NEWS</i>	36
2.1 A circulação e o consumo das informações: o funcionamento das redes sociais digitais	36
2.2 A infodemia no contexto da pandemia de coronavírus: a circulação de desinformação	42
2.3 O funcionamento discursivo da pós-verdade e das <i>fake news</i> no contexto da pandemia pela Covid-19	47
2.4 O funcionamento discursivo da pós-verdade como enunciação política no contexto da pandemia pela Covid-19	52
2.5 O funcionamento discursivo das <i>fake news</i> nas mídias sociais no contexto da pandemia pela Covid-19	55
3. O DISCURSO E AS EMOÇÕES: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO MEDO	65
3.1 As emoções e o discurso: uma breve retomada histórica	65
3.2 A história do medo no Ocidente e suas atualizações no mundo líquido-moderno	70
3.3 A produção discursiva do medo em pós-verdades no contexto da pandemia pela Covid-19	78
3.4 A produção discursiva do medo em <i>fake news</i> no contexto da pandemia pela Covid-19	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2020, o Brasil e o mundo foram acometidos por uma emergência sanitária, a pandemia de coronavírus, que teve seu início na cidade de Wuhan, na China. Nesse cenário, o Brasil e o mundo passaram a conviver com as medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS, como uso de máscara, isolamento social, quarentena e testagem em massa. Desde o seu início até hoje (10/03/2025), o coronavírus já matou 715. 295 pessoas no Brasil¹.

Diante desse cenário caótico que o mundo enfrentava, emergiram vários discursos em apoio às medidas sanitárias, aos funcionários da saúde, como médicos e enfermeiros, e aos cientistas. Entretanto, também surgiram discursos negacionistas, xenofóbicos (contra a população chinesa) e discursos antivacina. Assim, além de ter que lidar com uma crise sanitária provocada por um vírus extremamente transmissível e mortal, o mundo ainda precisou enfrentar uma pandemia de desinformação, com funcionamentos discursivos complexos conhecidos como pós-verdade e *fake news*.

Neste trabalho, discutiremos os dois sentidos que a pós-verdade possui: o primeiro deles é a definição defendida por jornalistas e pesquisadores da área de comunicação (Farkas; Schou, 2019 *apud* Fernandes *et. al.*, 2020), que caracterizam a pós-verdade como uma “era”, isto é, um período histórico marcado pela descrença nos fatos, além da desacreditação das instituições e a supervalorização das emoções. A segunda definição que discutiremos diz respeito à pós-verdade como uma enunciação política, que apresenta um sujeito identificado por uma instituição, com um discurso carregado de emoções, além de uma vontade consciente de enganar os sujeitos (Fontana, 2021).

Nesse cenário, surgem novas subjetividades que são o reflexo da mudança no consumo de informações causada sobretudo pelo advento das redes sociais digitais. Dessa forma, diante de uma informação, os sujeitos da era da pós-verdade privilegiam suas emoções e convicções em detrimento da verdade factual, fazendo com que essa informação circule ou não nas mídias digitais.

O segundo funcionamento discursivo da desinformação trata-se das *fake news*, que se caracterizam como enunciados falsos que circulam em formato de boatos, sem um autor identificado institucionalmente, e costumam viralizar sobretudo nas redes sociais digitais, ganhando caráter de verdade a partir da repetição (Fontana, 2021).

¹ *Coronavírus Brasil*. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Considerando esse cenário de pós-verdade, *fake news* e emergência sanitária causada pelo coronavírus, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o funcionamento discursivo da pós-verdade e das *fake news*, e suas respectivas relações com as emoções, considerando o contexto histórico da pandemia pela Covid-19 e da vacinação. Para isso, estabelecemos alguns objetivos específicos: identificar e descrever como ocorre o processo de discursivização das notícias falsas, a fim de entender que efeitos elas produzem e em que condições de possibilidade elas emergem nas mídias; observar a linguagem, as escolhas lexicais e as escolhas discursivas utilizadas na construção dessas notícias falsas; discutir como a proliferação de notícias falsas nas mídias digitais está diretamente ligada à emergência do fenômeno da pós-verdade e à ascensão de governos de extrema-direita no mundo; estudar o conceito de verdade discutido por Michel Foucault em suas obras; analisar enunciados de duas mídias independentes de extrema direita, a saber, *Terra Brasil Notícias* e *Jornal Tribuna Nacional*; investigar como se articula a biopolítica, sobretudo no contexto da pandemia de coronavírus; discutir a história do medo no Ocidente, além de suas regularidades e dispersões.

Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos de Michel Foucault (1997; 2005; 2013; 2014a; 2014b; 2019; 2020) acerca dos conceitos de discurso, sujeito, verdade, poder, biopolítica, racismo de Estado, governamentalidade, entre outros. Somado a isso, complementaremos nossa discussão com os estudos sobre necropolítica, de Mbembe (2018), cultura da convergência, de Jenkins (2022), pós-informação, de Negroponte (1995), entre outros.

Nosso *corpus* de análise é constituído por pronunciamentos do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, bem como por notícias e matérias retiradas de sites de mídia alternativa de extrema-direita, a saber, *Jornal Tribuna Nacional* e *Terra Brasil Notícias*. Os pronunciamentos do ex-presidente foram selecionados considerando o fato de que, à época, o governo brasileiro foi acusado de compartilhar desinformação sobre os cuidados contra a Covid-19 e sobre a vacina.

Já os sites foram selecionados considerando dois fatores: o primeiro deles diz respeito ao fato de o site *Terra Brasil Notícias* ser “campeão” no número de compartilhamentos de notícias nas redes sociais digitais como WhatsApp e Telegram (Site, 2021). Além disso, escolhemos outro site de mídia alternativa, isto é, o *Jornal Tribuna Nacional*, visto que essa plataforma é utilizada de forma recorrente como fonte de notícias falsas que circulam nas redes sociais, sobretudo as citadas anteriormente, a fim de atribuir valor de verdade aos enunciados.

Sobre o recorte temporal, é preciso dizer que os pronunciamentos de Jair Bolsonaro foram selecionados considerando todo período temporal de seu mandato (2019-2022). Dos sites *Jornal Tribuna Nacional*² e *Terra Brasil Notícias*, por seu turno, foram selecionados enunciados sobre a vacina contra o coronavírus que emergiram durante os anos de 2020 a 2022. Essa escolha se justifica porque esses dois primeiros anos de pandemia foram cruciais para entender o funcionamento do vírus, além de ter-se produzido uma quantidade excessiva de informações sobre a pandemia e a vacina, das quais inúmeras eram falsas.

Somado a isso, para constituir esse *corpus*, fizemos um recorte e uma delimitação, privilegiando analisar, neste trabalho, enunciados referentes a vacinação. Portanto, nem todos os enunciados pertencentes ao *corpus* da pesquisa foram analisados nesta dissertação. Além disso, para selecionar os enunciados presentes nos site de mídia alternativa, procuramos na barra de pesquisa dos sites os termos “vacina”, “vacinação”, “CoronaVac” e “Covid-19.”

Justificamos nossa escolha temática e de objeto de estudo a partir da relevância da temática no contexto histórico atual, bem como da experiência pessoal de desinformação e disseminação do medo nas redes sociais vivida durante a pandemia de coronavírus. Nesse sentido, acessamos o Repositório de Teses e Dissertações da CAPES³ e buscamos por trabalhos que discutam desinformação, entre os anos de 2019 e 2024, e encontramos cerca de 411 trabalhos, nas diversas áreas dos saberes. Ao refinarmos a busca, no entanto, selecionando apenas os trabalhos da área de Linguística, Letras e Artes, encontramos apenas um trabalho⁴.

Ao buscarmos os termos “discurso do medo”, entre os anos de 2019 e 2023, encontramos cerca de 25 trabalhos, das mais diversas áreas dos saberes. Ao refinarmos a busca, selecionando apenas a área de Linguística, Letras e Artes, encontramos seis trabalhos⁵,

² Vale ressaltar que, durante a coleta de dados no site *Jornal Tribuna Nacional*, nos deparamos com o fato de que ele foi retirado do ar pelos moderadores. Apesar disso, acessamos o *Web Archive*, plataforma que funciona como uma biblioteca digital e arquiva alguns dados presentes em milhões de sites da web, e conseguimos acessar algumas notícias publicadas pelo *Jornal Tribuna Nacional* antes de ser removido ar.

³ Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2024.

⁴ Dissertação de mestrado de autoria de Jonathan Bernardo Menger intitulada “O impacto da desinformação em discursos de pós-verdade: as fake news como gênero discursivo à luz de estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin.”

⁵ O primeiro trabalho é uma tese de doutorado de autoria de Ana Paula Picagevicz, intitulada “A medida do peso e o peso da medida: memória e acontecimento ressignificando o sentido sobre/do corpo discursivo.” O segundo trabalho é uma dissertação de mestrado de autoria de Livia Alves Monteiro, intitulado “Quem tem medo de feminazis? O funcionamento dos discursos antifeministas em páginas do facebook. Além desses, temos a tese de doutorado de Andrey Ricardo Azevedo, que tem como título “Subjetividade e novos media em tempos de pós-verdade: um olhar analítico-discursivo em torno de (des)construções narrativas na contemporaneidade”; e a dissertação de Monize Adriana Buzo, intitulada “Entre ladeiras, procissões e topofobias: narrativas de assombrações da/na cidade de Porto Velho na obra *Rio de Histórias*.” Por fim, temos a dissertação de Ewerton William Estevam, que tem como título “O processo cognitivo-discursivo da construção de sentidos metafóricos

dentre os quais nenhum relacionava a desinformação e a produção do discurso do medo ao contexto da vacinação contra o coronavírus. Dessa forma, enfatizamos a relevância e a atualidade deste trabalho para a Linguística, bem como para os Estudos Discursivos Foucaultianos.

Finalmente, para construir nossa análise, sistematizamos o trabalho em seções que se complementam. Primeiramente, *Introdução* – momento em que tecemos algumas considerações preliminares sobre nosso trabalho; e Capítulo 1 – *Estudos discursivos foucaultianos: algumas ferramentas*, que está dividido em subtópicos: 1. Michel Foucault e os estudos do discurso; 1.2 Discurso e verdade; 1.3 A relação entre o discurso e o poder: disciplina, biopoder e governamentalidade; e 1.4 O racismo de Estado e a Necropolítica. Neste primeiro capítulo, discutiremos alguns conceitos basilares do método arqueológico, de Michel Foucault, bem como analisaremos os elementos que estruturam o discurso. Na sequência, problematizaremos a relação entre saber-poder e verdade, a partir da análise do surgimento da Psiquiatria, entre outras disciplinas. Retomaremos, ainda, a história do surgimento do poder disciplinar, desde os suplícios até o panóptico de Bentham, bem como o funcionamento da biopolítica. Em decorrência, apresentaremos o conceito de governamentalidade e suas implicações na modernidade, sobretudo no que diz respeito à conduta dos sujeitos na pandemia de coronavírus. Por fim, discutiremos o conceito de racismo de Estado e suas diferenças e semelhanças com a ideia de necropolítica.

Dando continuidade, temos o Capítulo 2 – *O funcionamento discursivo da pós-verdade e das fake news*, que é constituído pelos seguintes subtópicos: 2.1 A circulação e o consumo das informações: o funcionamento das redes sociais digitais; 2.2 A infodemia no contexto da pandemia de coronavírus: a circulação da desinformação; 2.3 O funcionamento discursivo da pós-verdade e das *fake news* no contexto da pandemia pela Covid-19; 2.4 O funcionamento discursivo da pós-verdade como enunciação política no contexto da pandemia pela Covid-19; 2.5 O funcionamento discursivo das *fake news* nas mídias sociais no contexto da pandemia pela Covid-19. Neste segundo capítulo, discutiremos acerca de alguns estudos que discorrem sobre o percurso das mídias ao longo da história. Discutiremos o surgimento das mídias digitais e o modo como elas impactaram na maneira como os sujeitos se relacionam com a informação. Por isso, trabalhamos conceitos como pós-informação, convergência das mídias, datificação, plataformização, infodemia, entre outros.

de medo em *O cemitério* à luz da linguística cognitiva”; e a tese de Samuel Barbosa, que tem como título “O discurso sobre a regulamentação do trabalho doméstico assalariado: atravessamento de classe, gênero e raça.”

Além disso, apresentaremos uma seleção dos principais acontecimentos sanitários e políticos que ocorreram na pandemia de coronavírus, assim como dados referentes ao número de contaminados e mortos, e a cobertura vacinal do Brasil, desde a primeira pessoa vacinada, até os números atuais, que comprovam, em parte, a eficácia da vacinação, considerando a redução na média móvel de vítimas do vírus. Além dessas informações, apresentaremos a instabilidade política do governo Bolsonaro durante a crise sanitária, com a troca de pelo menos doze ministros, cinco deles pertencentes ao Ministério da Saúde. Por fim, analisaremos dois enunciados com o funcionamento discursivo de *fake news*, um retirado do site *Jornal Tribuna Nacional* e outro retirado do site *Terra Brasil Notícias*.

Na continuidade, no Capítulo 3 – *O discurso e as emoções: a construção discursiva do medo*, temos as seguintes seções: 3.1 As emoções e o discurso: uma breve retomada histórica; 3.2 A história do medo no Ocidente e suas atualizações no mundo líquido-moderno; 3.3 A produção discursiva do medo em pós-verdades no contexto da pandemia pela Covid-19; 3.4 A produção discursiva do medo em *fake news* no contexto da pandemia pela Covid-19. Neste terceiro e último capítulo, apresentamos um apanhado histórico das emoções no Ocidente e dos regimes discursivos do medo. Além disso, discutimos como as expressões emotivas são efêmeras no mundo-líquido moderno, mas também evidenciamos de que maneira as emoções ressurgem na contemporaneidade a partir da memória discursiva dos sujeitos. Nesse ínterim, selecionamos enunciados que funcionam discursivamente como pós-verdades, que têm como agente identificado o ex-presidente do país, Jair Bolsonaro, o qual, nesses enunciados falsos, faz uma ligação entre o aumento do número de infectados por AIDS e a vacina contra o coronavírus. Já em outros enunciados, há a produção de efeitos de dúvida sobre a eficácia e a confiabilidade do imunizante, assim como a produção do discurso de “pânico da vacina”.

Finalmente, na última seção desse capítulo, apresentamos enunciados que possuem o funcionamento discursivo de *fake news*, os quais foram retirados do site *Jornal Tribuna Nacional*, e um dos enunciados também associa a vacina contra a Covid-19 e a AIDS, criando o neologismo “VAIDS”. Por fim, o outro enunciado relaciona o aumento do número de jovens com câncer ao imunizante contra o coronavírus, produzindo mais uma vez o discurso do medo da vacina.

1. ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS: ALGUMAS FERRAMENTAS

Neste capítulo inicial do trabalho, apresentamos alguns conceitos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a fim de entender como empreendemos a análise discursiva de um enunciado. Além da apresentação de conceitos sobre o discurso, trazemos também conceitos importantes para Michel Foucault no que diz respeito ao poder e a verdade, são esses: biopolítica, vontade de verdade, disciplina, racismo de Estado, etc. Por fim, discutimos o conceito de necropolítica fazendo um paralelo com o contexto da pandemia de coronavírus no Brasil.

1.1 Michel Foucault e os estudos do discurso

Michel Foucault foi um dos mais importantes filósofos do século XX, nascido na França, no ano de 1926. Sua primeira obra foi lançada no ano de 1954, e tem como título *Doença mental e Psicologia* (1954). Em seus primeiros estudos, Foucault se debruça sobre a temática da doença mental, da medicina e da loucura, por isso desenvolveu sua tese *História da loucura na Idade Clássica* (1961). Ao estudar como se constituem os objetos e os saberes, como a psicopatologia, o filósofo inicia sua investigação em busca das regras de formação dos objetos. Nesse contexto, Foucault entende que o saber psiquiátrico, assim como outros saberes, foi constituído por uma série de práticas discursivas que envolviam a exclusão e a punição.

Nessa perspectiva, a partir desse entendimento, Foucault toma o discurso como objeto de estudo, entendendo-o como elemento central na formação dos saberes, visto que é histórico e é descontínuo na própria história. A ideia de uma história descontínua, proposta pelo filósofo e duramente criticada, norteia seu método de análise e é definida como a emergência de discursos, ao longo da história, que não obedecem à lógica continuísta da história tradicional, que rompem com as proposições “verdadeiras” de dada época, e que criam um novo “regime” de verdade no discurso e no saber (Foucault, 2020).

Assim, Michel Foucault apresenta, em *A arqueologia do saber* (1969), o conceito de discurso, bem como os elementos que o constituem, além de descrever o método arqueológico de análise do discurso. No interior dos Estudos Discursivos Foucaultianos, existem alguns conceitos que são importantes para todo pesquisador que estuda o funcionamento do discurso a partir de Michel Foucault. O primeiro desses conceitos é o conceito de **enunciado**, que é definido como uma produção discursiva singular, nem inteiramente linguística, nem exclusivamente material. Para o autor, o enunciado é o átomo do discurso, isso porque a existência do discurso pressupõe a existência do enunciado, que o materializa (Foucault, 2020).

Nesse sentido, antes de definir o enunciado, Foucault (2020) retoma a teoria saussuriana sobre língua, e afirma que ela é um objeto utilizado para o estudo de outro objeto, isto é, o discurso, o qual tem a língua como condição de existência (Fernandes; Sargentini, 2022). Por isso, ao analisar o funcionamento de algumas teorias da linguagem, Foucault percebe que, para que haja enunciado, não é necessário haver uma estrutura proposicional definida, frase, ou ainda, ato elocutório. Isso porque língua e enunciado não estão em um mesmo nível de existencial, portanto, o enunciado tem características próprias de existência e funcionamento. Assim, a relação do enunciado com aquilo que ele enuncia não se assemelha à relação significante/significado, proposição/referente ou frase/sentido. Por isso, o enunciado

não é, em si mesmo, uma unidade, e sim uma função que se exerce de maneira vertical (Foucault, 2020).

Assim, o filósofo argumenta que se pode definir como correlato do enunciado “um conjunto de domínios em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas.” (Foucault, 2020, p. 110). Esse correlato apresentado por Foucault diz respeito ao **referencial**, uma das quatro características da função enunciativa, responsáveis por definir a maneira como um enunciado deve ser analisado. Esses elementos compõem o método arqueológico de análise dos discursos criado por Michel Foucault (2020).

Dando continuidade, o referencial “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos [...]” (Foucault, 2020, p. 110). Assim, entendemos que o referencial é um elemento responsável por determinar as condições de possibilidade, o lugar, os sujeitos, enfim, a historicidade do enunciado. Portanto, o referencial possui um papel essencial no processo de análise discursiva, pois localiza o enunciado em relação às suas condições históricas de possibilidade.

Além do referencial, outro elemento que constitui a função enunciativa é a **função sujeito**, que segundo Foucault, é uma função vazia: “é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes.” (Foucault, 2020, p. 115). Por isso, o filósofo afirma: “Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.” (Foucault, 2020, p. 116).

Ou seja, não é o enunciado que se “adequa” ao sujeito, e sim o sujeito que ocupa a posição vazia a partir da qual ele produz um enunciado, o que determinará a qual formação discursiva ele pertence, bem como em que condições históricas de emergência ele é produzido, além das relações de saber-poder e verdade intrínseca a ambos. Assim, ao analisar esse elemento, percebemos a complexidade da produção discursiva, uma vez que é um processo que relaciona sujeitos e enunciados, assim como suas respectivas historicidades.

Outro elemento que constitui a função enunciativa é o **domínio associado**, “que faz parte de uma frase ou de uma série de signos [...] e “forma uma trama complexa.” (Foucault, 2020, p. 118). Assim, para que um enunciado exista, é preciso relacioná-lo com um campo adjacente: um enunciado é sempre povoado por outros enunciados, ou seja, ele nunca existe ou produz sentido sozinho. O campo associado é formado por uma série de formulações; pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere; por um conjunto de formulações que emergem graças ao enunciado e que podem vir depois dele, como consequência; e por fim,

pelo conjunto das formulações que compartilham *status* com o enunciado em questão (Foucault, 2020).

Nesse sentido, o discurso científico, por exemplo, possui um campo associado que é formado por proposições científicas, além de enunciados que se contrapõem à ciência, como os discursos antivacina e negacionistas, muito evidente sobretudo durante os dois primeiros anos da pandemia de coronavírus, no Brasil e no mundo. Assim, o campo associado se constitui por discursos heterogêneos que formam uma trama complexa, como diz Michel Foucault (2020), o qual comparamos a uma colcha de retalhos. Dessa forma, percebe-se que uma das condições de existência do enunciado corresponde à premissa interdiscursiva: “não há enunciado que não suponha outros: não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e papéis.” (Foucault, 2020, p. 121).

Finalmente, a última característica do enunciado se refere à sua forma: ele deve ter **existência material**. Isso implica dizer que a materialidade do enunciado o constitui, por isso, ela não atua como suplemento ao enunciado. Assim, entendemos a materialidade como elemento determinante na identidade do enunciado. Isso porque, como diz Michel Foucault, uma frase dita em uma conversa, e a mesma frase publicada em um livro, jamais serão um mesmo enunciado (Foucault, 2020). Afinal, “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.” (Foucault, 2020, p. 123). Por isso, ainda que a materialidade seja repetível, o processo de enunciação é único e não se repete.

Um exemplo da relação entre a existência material do enunciado e sua identidade pode ser visto no enunciado “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”⁶, que pode ser encontrado na Bíblia Sagrada, no evangelho de João, capítulo 8, versículo 32, assim como pode ser visto nos inúmeros pronunciamentos do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, desde sua campanha para presidência da república, em 2018. Assim, apesar de terem a mesma estrutura verbal, eles não se configuram como um mesmo enunciado, já que foram produzidos por sujeitos diferentes e em momentos distintos, logo, o modo como funcionam e os efeitos de verdade que produzem também são distintos.

A partir dessa discussão, é possível entender do que trata a formação discursiva e o discurso. A **formação discursiva** é um princípio de dispersão e de repartição dos enunciados, isto é, um sistema de formação. Além disso, se trata de “um domínio em que estão em questão os enunciados, seu princípio de agrupamentos, as grandes unidades históricas que eles podem

⁶ João 8:32. Disponível em: <https://www.bible.com/pt-PT/bible/215/JHN.8.32.ARC>. Acesso em: 20 fev. 2024.

constituir e os métodos que permitem descrevê-los.” (Foucault, 2020, p. 140). Nessa perspectiva, o enunciado apresentado no exemplo anterior pertence à formação discursiva religiosa, mas se atualiza em uma formação discursiva política, evidenciando o limite entre uma formação e outra, e o princípio de dispersão do qual o filósofo falava. Além disso, a descrição do enunciado e a análise de uma formação discursiva são estabelecidas de maneira correlata, ou seja, elas coexistem. Por fim, a formação discursiva define a regularidade do enunciado e sua lei de existência (Foucault, 2020).

É importante compreender como se estrutura uma formação discursiva para entender de que maneira o discurso é constituído. Partindo dessa discussão, Michel Foucault (2020) define **discurso** como um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva (Foucault, 2020). Ou seja, para que haja discurso, é necessário que exista um número limitado de enunciados para os quais possamos definir suas condições de existência (Foucault, 2020). Por isso, a análise discursiva é um processo complexo, no qual é preciso considerar todos os elementos que compõem a função enunciativa, isto é, o enunciado, o referencial, a função sujeito, o campo associado e a materialidade, assim como a própria formação discursiva. Esses elementos são responsáveis por constituir o discurso e caracterizá-lo como histórico e descontínuo na própria história.

Em sequência, é preciso considerar, no processo de análise dos discursos, três efeitos: raridade, exterioridade e acúmulo. Sobre **raridade**, Foucault (2020, p. 147) a define da seguinte forma:

Essa raridade dos enunciados, a forma lacunar e retalhada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, em suma, podem ser ditas explicam que os enunciados não sejam, como o ar que respiramos, uma transparência infinita: mas sim coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar.

Ou seja, o efeito de raridade de um enunciado diz respeito ao fato de que poucas coisas são ditas em comparação a tudo que poderíamos dizer. Por isso, Foucault afirma que os enunciados se transmitem e se conservam, afinal, as coisas ditas são raras, logo limitadas. Nessa perspectiva, o processo de análise das formações discursivas irá considerar esse efeito de raridade dos enunciados para, a partir dele, encontrar uma regularidade que determine o lugar discursivo a que pertencem esses enunciados (Foucault, 2020). Afinal, essa análise objetiva “determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados.” (Foucault, 2020, p. 146). Esse processo pode ser norteado por uma simples questão: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2020, p. 33).

Outro efeito que a análise dos discursos considera é a **exterioridade**: “o que importa é reencontrar o exterior onde se repartem, em sua relativa raridade, em sua vizinhança lacunar, em seu espaço aberto, os acontecimentos enunciativos.” (Foucault, 2020, p. 149). Assim, é preciso considerar a exterioridade dos enunciados “para apreender sua própria irrupção no lugar e no momento que se produziu.” (Foucault, 2020, p. 149). Ou seja, considerar a exterioridade no processo de análise enunciativa corresponde a compreender segundo que regras de formação um enunciado se constituiu, bem como a que outros enunciados ele retoma, e a partir dele, que outros enunciados foram produzidos. Se assemelha à série de camadas de um solo, as quais, a partir da análise discursiva, pode-se compreender seus elementos constitutivos, isto é, de que maneira, onde e por quem essas camadas foram produzidas. Assim, é possível determinar a que formação discursiva esses enunciados pertencem, bem como determinar qual o seu princípio de regularidade.

Finalmente, o último efeito que a análise do discurso considera é o **acúmulo**: “o sistema que permite, usualmente, arrancar o discurso do passado de sua inércia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida.” (Foucault, 2020, p. 151). O acúmulo é o efeito que torna possível a remanência dos enunciados, que são conservados graças a certos suportes como suas materialidades, instituições, etc. Além disso, o esquecimento e a destruição de um enunciado também fazem parte dessa remanência, pois é preciso considerar “que modos de existência pode caracterizar os enunciados, independentemente de sua enunciação”, bem como analisar que condições de existência propiciaram o esquecimento desses enunciados (Foucault, 2020).

Nesse sentido, o acúmulo é o sistema que permite o reaparecimento de enunciados que se encontravam dispersos na linha temporal. Um exemplo de reaparecimento propiciado pelo sistema do acúmulo corresponde ao enunciado produzido pelo atual presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva, em um pronunciamento no ano de 2021. Ali, após o início da vacinação contra o coronavírus, ele questiona: “Cadê o Zé Gotinha? Cadê o nosso querido Zé Gotinha? Bolsonaro mandou embora porque pensou que era petista.” (Após, 2021). Nesse sentido, os efeitos de verdade produzidos por esse enunciado só ocorrem devido ao sistema de acúmulo, que proporciona o contato com a historicidade e retoma na memória dos sujeitos a figura do Zé Gotinha, bem como o efeito negativo de ser petista, construído pelos discursos dos sujeitos pertencentes à direita brasileira.

Por fim, no processo de análise dos enunciados, é preciso considerar dois elementos constitutivos do enunciado: o *a priori histórico* e o arquivo. Michel Foucault (2020) define o *a priori histórico* como um espaço limitado de comunicação. “Esse a priori deve dar conta

dos enunciados em sua dispersão [...] tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história.” (Foucault, 2020, p. 155). Dessa forma, o *a priori histórico* não considera os discursos apenas em sua regularidade ou linearidade, mas também em sua dispersão. Por isso, o *a priori histórico* não é constituído por uma massa uniforme. Além disso, ele é definido como um conjunto de regras que caracterizam uma prática discursiva, e está no limite entre uma formação discursiva e outra (Foucault, 2020).

Em continuidade, temos o **arquivo**, considerado um sistema que define os enunciados como acontecimentos, em suas condições e domínios de aparecimento. Assim, “o arquivo é a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares.” (Foucault, 2020, p. 158). O arquivo define o sistema de enunciabilidade e de funcionamento de um enunciado. Por fim, “é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.” (Foucault, 2020, p. 159). Por isso, é impossível descrever um arquivo em sua totalidade, pois ele se dá por fragmentos, e para analisá-lo, é necessária uma certa distância temporal.

Finalmente, a **regularidade** se caracteriza como um elemento essencial na análise dos enunciados. Isso porque “desingna, para qualquer performance verbal [...] o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência.” (Foucault, 2020, p. 176). Ou seja, a regularidade é responsável por especificar um campo efetivo de aparecimento de um tal discurso (Foucault, 2020).

Dessa forma, após discutirmos os elementos que constituem o discurso, como o enunciado, o referencial, a função sujeito, o domínio associado e a materialidade, bem como seu funcionamento, considerando os efeitos de raridade, exterioridade e acúmulo, além do *a priori histórico* e do arquivo, partiremos para a análise da relação entre o discurso e a verdade, desenvolvida na próxima seção deste capítulo.

1.2 Discurso e verdade

A verdade sempre foi uma temática em disputa ao longo da história humana. Na Antiguidade, na passagem do período Arcaico para o Clássico, a verdade deixa de residir na palavra dos homens poderosos, e passa a residir no que o próprio discurso dizia. Assim, percebe-se um deslocamento próprio da relação entre a verdade e o poder, visto que essa relação pressupõe embates contínuos em torno da própria definição de verdade (Curcino; Sargentini; Piovezani, 2021).

A temática da verdade também se encontra em discussão nos textos sagrados, como a Bíblia, no evangelho de João, capítulo 14, versículo 6, que diz: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim”⁷. Assim, o discurso religioso sustenta a narrativa de que a verdade é uma só, e é uma pessoa, Jesus, ou seja, fora desse lugar, não há verdade. Esse discurso é retomado novamente em outro versículo, exaustivamente citado por Jair Bolsonaro, quando era presidente do Brasil: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”⁸. O primeiro enunciado se utiliza do poder atribuído a uma figura metafísica para produzir efeitos de verdade. Enquanto isso, o segundo se utiliza do discurso religioso para atribuir valor de verdade ao que é dito pelo ex-presidente. Dessa forma, percebemos a intrínseca relação entre a verdade, o poder e o discurso, a qual entenderemos de maneira mais aprofundada posteriormente.

A partir dessas considerações, evocamos os elementos que atravessam a produção discursiva que, segundo Michel Foucault (2014a), é atravessada por interdições. Nesse sentido, na obra *A ordem do discurso*, uma transcrição da aula inaugural do filósofo no Collège de France, o autor cita três princípios de exclusão que acometem o discurso. O primeiro princípio diz respeito à *interdição*, que revela a ligação do discurso com o desejo e o poder (Foucault, 2014a). O segundo princípio de exclusão é denominado *separação/rejeição entre a razão e a loucura*, e é dirigido ao louco, o qual tem seu discurso proibido de circular. Por fim, o terceiro princípio de exclusão se refere à *vontade de verdade*, definida por Foucault (2014a) como o único princípio que não cansa de se atualizar e se tornar ainda mais complexo. A vontade de verdade é definida como “[...] o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se.” (Foucault, 2014a, p. 14).

Um dos exemplos mais emblemáticos da separação que a vontade de verdade produz é a mudança de paradigma científico que ocorre entre a teoria popperiana e a teoria kuhntiana. Isso porque Karl Popper defendia que o conhecimento científico decorre da experiência individual; em contrapartida, Thomas Khun defendia que o conhecimento científico precisa ter como base processos experimentais. Nesse sentido, Khun cria uma nova vontade de verdade sobre a filosofia da ciência, ao mesmo tempo em que exclui a antiga teoria popperiana, fazendo romper um novo paradigma científico.

⁷ João 14. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/nt/john/14?lang=por>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁸ João 8:32. Disponível em: <https://www.bible.com/pt-PT/bible/215/JHN.8.32.ARC>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Dando continuidade, para o filósofo, a vontade de verdade se apoia em um sistema institucional e é reconduzida pelo modo como um saber é aplicado em uma sociedade, como vimos no exemplo anterior (Foucault, 2014a). Nesse sentido, Michel Foucault toma como exemplo o sistema penal, que desde o século XVI buscava justificar suas práticas discursivas em uma teoria do direito, ou seja, um campo de saber. Somado a isso, no século XIX, o sistema penal busca validação a partir dos saberes sociológico, psicológico, médico e psiquiátrico (Foucault, 2014a).

Nessa perspectiva, na obra *A verdade e as formas jurídicas*, uma coletânea de aulas ministradas por Michel Foucault em 1973, no Rio de Janeiro, o filósofo analisa a produção da verdade considerando as práticas discursivas das instituições jurídicas ao longo da história. Isso porque, no século XIX, o saber nasce das práticas sociais de controle e vigilância, assim como a verdade. Segundo o autor, existem duas histórias da verdade, e a primeira é chamada de história interna da verdade: “[...] a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação.” (Foucault, 2013, p. 20). Essa história da verdade se faz a partir da história da ciência.

Em contrapartida, a segunda história da verdade a que Foucault se refere diz respeito aos “[...] vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas [...] e vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber.” (Foucault, 2013, p. 21). Entre os tipos de saber citados pelo pesquisador, tem-se o saber jurídico: “As práticas judiciárias [...] me parecem uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber e, por conseguinte, relações entre o homem e a verdade que merecem ser estudadas.” (Foucault, 2013, p. 21). Por isso, certas formas de verdade são definidas a partir dessas práticas judiciárias.

Para falar sobre a relação entre as práticas judiciárias e a verdade, Foucault (2013) retoma o Mito de Édipo a fim de explicar uma série de saberes que caracterizavam o pensamento grego: “Houve na Grécia, portanto, uma espécie de grande revolução que, através de uma série de lutas e contestações políticas, resultou na elaboração de uma determinada forma de descoberta judiciária, jurídica, da verdade.” (Foucault, 2013, p. 58).

Dessa forma, surgem o que o filósofo chama de “formas racionais da prova e da demonstração”, como por exemplo, o conhecimento por testemunho, por lembrança, por desafio etc. Na Idade Média, surge o inquérito, uma forma de saber-poder que tinha como objetivo pesquisar a verdade no interior da ordem jurídica (Foucault, 2013). Outra forma de verdade que surge a partir de problemas jurídicos, já no século XIX, é o exame. Essa forma de análise deu origem a saberes como Psicologia, Psiquiatria, Criminologia, Psicanálise etc. O

inquérito surge da junção entre um tipo de poder e um certo número de conhecimentos (Foucault, 2013).

Por isso, para falar da relação entre discurso e verdade, é necessário retomar a relação entre o saber e o poder. Michel Foucault, em *História da loucura*, analisou essa relação a partir do saber psiquiátrico, visto que “o perfil epistemológico da psiquiatria é pouco definido e porque a prática psiquiátrica está ligada a uma série de instituições [...]” (Foucault, 2019, p. 35-36). Assim, o filósofo percebeu que, no fim do século XVIII, surgiu um novo regime no discurso e no saber; a partir disso, ele propõe uma análise da história pautada na descontinuidade, pois o ritmo das transformações históricas não obedece a uma lógica continuísta, como afirmam os historiadores tradicionais.

Dessa forma, para o autor, quando se fala em enunciado verdadeiro, o que está em questão é o que rege esses enunciados e a forma como eles se sustentam, isto é, o poder. Por isso, para afirmar que uma proposição científica é verdadeira, é preciso observar que efeitos de poder circulam em torno desse enunciado, ou seja, a que regime de poder ele pertence. Assim, é necessário “ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos.” (Foucault, 2019, p. 44).

Portanto, Foucault (2014a) afirma que a verdade não é única; o que existe são vontades de verdade em torno dos discursos. Essa vontade de verdade é definida como um poder de coerção, que se apoia em instituições e é reconduzida pelo modo como um saber é aplicado em uma sociedade (Foucault, 2014a). Assim, considerando o saber psiquiátrico, a diferença entre o louco e o são é definida por uma vontade de verdade: “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros.” (Foucault, 2014a, p. 10).

Para Foucault (2019), em nossa sociedade e em nosso momento histórico, a verdade possui cinco características importantes: ela é centrada na forma do discurso científico e nas instituições científicas; está submetida a incitações econômicas e políticas; é um objeto de imensa difusão e consumo; é produzida sobre o controle de grandes aparelhos políticos e econômicos; e por fim, é objeto de debate político e embates sociais.

Quanto à primeira característica, a verdade centrada no discurso científico, retomamos os estudos de Foucault (2020) acerca do discurso da psicopatologia no século XIX, que teve duas questões como base de investigação: Pode-se estabelecer a regra a que o aparecimento do discurso psicopatológico estava submetido? Qual foi seu regime de existência enquanto objetos de discurso? Considerando essas questões, Michel Foucault (2020) faz uma lista dos elementos que compõem a formação da psicopatologia e os separa de acordo com categorias: primeiro, elementos que demarcam sua emergência, isto é, a arte, a sexualidade, a penalidade,

entre outros. Segundo o autor, os elementos que fazem parte de suas instâncias de delimitação são: a medicina, a justiça, a administração, a autoridade religiosa e a crítica literária e artística. E por fim, os elementos que compõem suas grades de especificação, como a alma, o corpo, a vida e a história (Foucault, 2020).

Para o filósofo, somente esses elementos não são responsáveis por formar a disciplina da psicopatologia, mas também as práticas discursivas que circulam no interior de cada instituição. Assim, Foucault (2020) observa que o discurso psicopatológico, que possui caráter científico, foi responsável pela produção de verdades e pela emergência de subjetividades como o sujeito delinquente. Assim, a conduta transgressora de um sujeito produziu uma série de objetos de saber, isso porque “[...] no discurso psiquiátrico foi empregado um conjunto de relações determinadas.” (Foucault, 2020, p. 53).

A emergência de subjetividades como o delinquente, além de crimes como homicídio, delitos sexuais, roubos, entre outros, é um exemplo de como a verdade está submetida a questões políticas e econômicas, segunda característica apresentada por Michel Foucault (2019). Além disso, entre os séculos XVIII e XIX, surgem alguns tipos de verdade que se definiam a partir da prática penal, ou seja, eram produzidas sobre o controle de aparelhos jurídicos, políticos, e consequentemente, econômicos.

A relação entre a produção de verdade e as instituições justificam o fato de a verdade ser um elemento de grande difusão e consumo, pois é produzida a partir de relações de poder e saber, e difundida em instituição de ensino como escola e universidade, ou ainda, nas mídias digitais. Nesse sentido, a verdade é um objeto de grande desejo, o que ocasiona disputas políticas e os embates sociais vistos ao longo da história. Um exemplo dessa difusão e desses embates é visto atualmente na chamada “era da pós-verdade” (Farkas; Schou, 2019 *apud* Fernandes *et. al.*, 2020; Dunker, 2017), em que irrompe uma disputa entre os “fatos alternativos” e as verdades produzidas pelas instituições tradicionais da sociedade, sobretudo a mídia, a justiça e a ciência.

Essas disputas discursivas ou jogos de verdade têm como “ringue de luta” sobretudo as redes sociais digitais, que abarcam discursos heterogêneos, sejam eles verdadeiros ou não, evidenciando o que Michel Foucault chama de jogos de verdade, observados pelo filósofo e definidos como as regras segundo as quais se atribui verdade a um discurso e falsidade a outro, considerando as relações de saber-poder intrínsecas a eles. Esses jogos de verdade são responsáveis pela objetivação e subjetivação dos sujeitos (Revel, 2005).

Por isso, no contexto atual de desinformação, percebe-se a emergência de um novo sujeito, isto é, o sujeito da pós-verdade, que privilegia suas emoções e crenças diante das

informações, em detrimento dos fatos. Assim, na “era da pós-verdade” (Farkas; Schou, 2019 *apud* Fernandes *et. al.*, 2020; Dunker, 2017), observa-se o perigo da junção entre as *fake news* e o grande alcance proporcionado pelas redes sociais digitais, que causaram um grande abalo nas instituições produtoras de verdade. Dessa forma, houve um colapso na indústria de comunicação de massa, com fechamentos de jornais e demissões em grande escala (Sargentini; Varoni, 2021, p. 78).

Nesse sentido, entendemos que, com a emergência das redes sociais digitais, surge também uma nova maneira de se comunicar e de consumir informações, implicando no surgimento de novos regimes de verdade, que ultrapassam a ideia anterior de Michel Foucault (2019) na qual a verdade reside no que é estabelecido pelas instituições científicas, jurídicas, religiosas, entre outras. Sobre isso, Sargentini e Varoni (2021, p. 76) afirmam:

Nos últimos anos, os regimes de verdade passam por mudanças referentes sobretudo aos mecanismos e às instâncias de verificação da veracidade dos discursos. A proliferação de notícias contestáveis, de enunciados produzidos em situação de falso contexto ou de falsas conexões atendem a vontades de verdade sustentadas pelo mercado, pelos grupos religiosos, pelos poderes dominantes.

Essa constatação explica um pouco o porquê os enunciados falsos têm tanta adesão, mesmo com o fácil acesso a informações que temos no século XXI. Apesar disso, o poder continua sendo uma questão primordial na atribuição de veracidade de um discurso, afinal, como foi dito por Sargentini e Varoni (2021), se um enunciado falso atende à vontade de verdade sustentada pelos poderes hegemônicos, a prioridade não é a sua veracidade factual, mas sua aderência às convicções desses poderes hegemônicos. Portanto, nos interessa apenas os efeitos de poder que fazem com que esses enunciados se tornem verdadeiros, como diz Michel Foucault (2019).

Dando continuidade, percebe-se que o poder é um elemento central na produção de efeitos de verdade e, do ponto de vista foucaultiano, é um elemento produtor de saberes e discursos, e não somente uma força repressiva. Assim, a verdade não existe sem o poder, pois ela é o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder.” (Foucault, 2019, p. 53). Nesse sentido, objetivando analisar o funcionamento do poder, Michel Foucault investiga a conduta do que ele chama de sociedade disciplinar, que será discutida no tópico seguinte.

Por fim, as discussões desenvolvidas pelo filósofo acerca do poder fazem com que muitos o confundam como seu objeto central de estudo e discussão, que na verdade é o sujeito.

Para tanto, Foucault se preocupa em definir o que é discurso, visto que ele é formado por e formador de sujeitos, ou seja, é responsável tanto pelo processo de objetivação quanto de subjetivação. Considerando esse fato, podemos dizer que o sujeito é fruto das relações de saber-poder e verdade inerentes ao processo de produção de discursos.

1.3 A relação entre o discurso e o poder: disciplina, biopoder e governamentalidade

“Depois de duas ou três tentativas, o carrasco Samson e o que lhe havia atenazado tiraram cada qual do bolso uma faca e lhe cortaram as coxas na junção com o tronco do corpo.” (Foucault, 2014b, p. 11). Esse ritual chamava-se suplício e era muito utilizado para punir os delinquentes, em meados do século XVIII. Os suplícios, bem como outros castigos como o enforcamento, eram executados em praça pública, e serviam de espetáculo e exemplo para produzir medo nas pessoas que pensassem em ir contra as ordens do soberano. Nesse período da história, o poder incidia sobre o corpo de maneira verticalizada – o poder do soberano sobre o homem – e se manifestava por meio de punições físicas cruéis.

Entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, surge uma nova tecnologia de poder, que atua de maneira contínua e ininterrupta sobre o corpo, mas também de maneira menos onerosa, chamada de poder disciplinar. Esse poder se exerce a partir de práticas coercitivas sutis que atuam sobre o corpo do sujeito e são chamadas de disciplinas: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade.” (Foucault, 2014b, p. 135).

As disciplinas são utilizadas para tornar dóceis e úteis os corpos dos sujeitos, ao mesmo tempo em que produz uma relação que, no mesmo mecanismo, faz com que, quanto mais obediente o corpo, mais útil ele é, e vice-versa. Nessa perspectiva, Michel Foucault evidencia quatro características principais que constituem o poder disciplinar: a distribuição dos indivíduos, o controle da atividade, a organização das gêneses e a composição das forças.

A distribuição dos indivíduos no espaço é um dos elementos principais do poder disciplinar. Os colégios e os quartéis são exemplos de instituições que se utilizam da distribuição, e conseqüentemente das disciplinas para docilizar e controlar. A arte das distribuições conta com alguns princípios de funcionamento como a cerca, a clausura, as localizações funcionais e a fila.

O controle da atividade diz respeito à administração do tempo e à sua utilidade, bem como à relação entre corpo e gestos: “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.”

(Foucault, 2014b, p. 150). Além disso, a relação entre a disciplina e o tempo diz respeito à máxima: “importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis.” (Foucault, 2014b, p. 151). A organização das gêneses também se relaciona com o tempo, à medida que é responsável por decompor esse tempo em sequências, separadas e ajustadas (Foucault, 2014b).

Por fim, tem-se a composição das forças: “A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.” (Foucault, 2014b, p. 161). Assim, toda atividade voltada para a disciplinarização do indivíduo, não precisa ser explicada ou formulada, necessita apenas que provoque o comportamento requerido. Considerando essas características citadas anteriormente, a disciplina produz quatro tipos de individualidade: celular, orgânica, genética e combinatória.

Além disso, Michel Foucault identifica alguns recursos para o bom adestramento dos indivíduos, são eles: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. A vigilância hierárquica diz respeito à necessidade de uma arquitetura que permita a aplicação de técnicas disciplinares, como por exemplo o acampamento disciplinar e o hospital. Dessa forma, a vigilância hierárquica permite “agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los.” (Foucault, 2014b, p. 169).

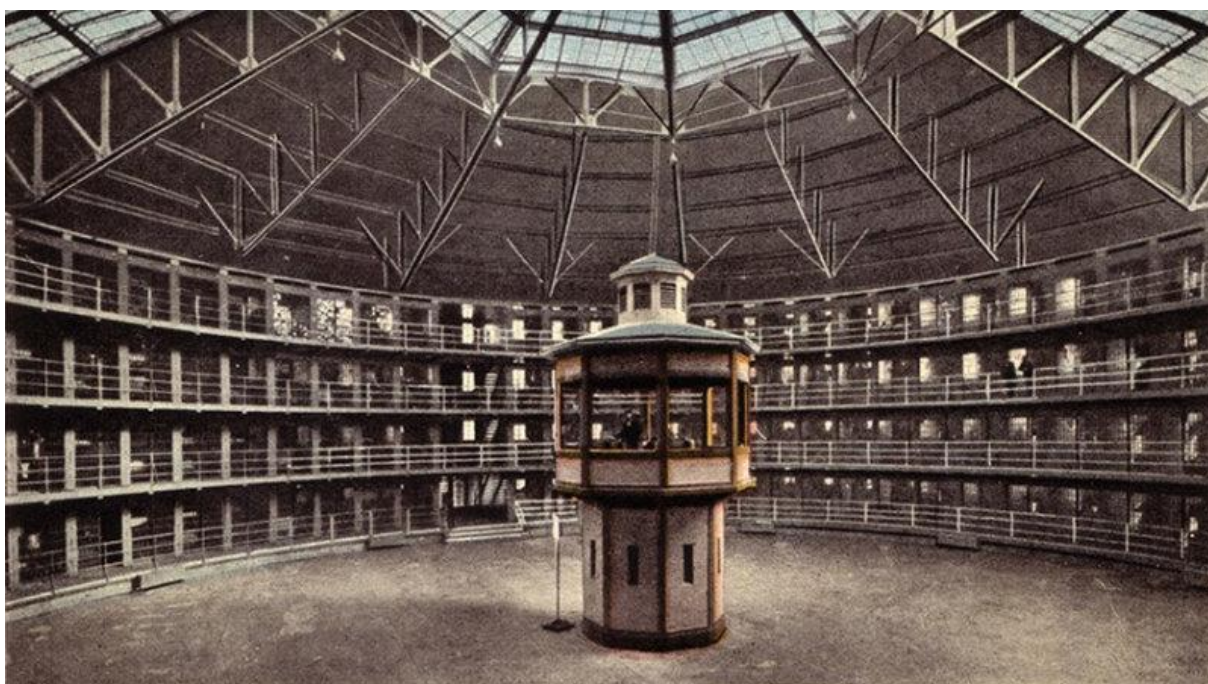
A sanção normalizadora se utiliza da relação desvio-punição para objetivar os indivíduos dentro das normas sociais da época. Por isso, “o que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios.” (Foucault, 2014b, p. 175-176). Além disso, esse recurso se utiliza da relação gratificação-sanção, ou seja, o sujeito é recompensado quando obedece; assim, demonstra-se a produtividade do poder. Por fim, na sanção normalizadora, a penalidade é utilizada pelas instituições disciplinares para comparar, hierarquizar e excluir, por isso, ela normaliza.

Finalmente, o último procedimento responsável por adestrar os indivíduos é o exame, que “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza.” (Foucault, 2014b, p. 181). O exame explicita a superposição das relações de saber e poder, além de ser um procedimento altamente ritualizado. Ele inverte a economia da visibilidade no exercício do poder, ou seja, quanto mais visível o indivíduo, mais o poder atua sobre ele, objetivando-o. Somado a isso, o exame faz a individualidade entrar num campo documentário, de forma que se vigia o comportamento dos indivíduos e são feitos registros sobre essas condutas. Por fim, esse procedimento faz de cada indivíduo “um caso”, ou seja, o objetiva, como louco ou são,

criminoso, infame, entre outros. Assim sendo, “o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto do poder, como efeito e objeto de saber.” (Foucault, 2014b, p. 188).

Nessa perspectiva, no Panóptico de Bentham, é possível ver esses três recursos para o bom adestramento articulando-se entre si, a fim de disciplinar, normalizar e objetivar os indivíduos. O Panóptico é uma estrutura arquitetônica construída em formato circular, como é possível ver na imagem abaixo:

Figura 1: Prisão em formato de panóptico



Fonte: O panóptico e o panoptismo – Michel Foucault. *Colunas Tortas*, 2020. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-panoptico-e-o-panoptismo-michel-foucault/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

A prisão em formato panóptico tem suas celas uma ao lado da outra, voltadas para a torre de vigilância que fica no centro. Dessa forma, “o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.” (Foucault, 2014b, p. 194). Por isso, a visibilidade passa a ser uma armadilha. Para Foucault, o efeito mais importante do panóptico é “induzir ao detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (Foucault, 2014b, p. 195). Por isso, no panoptismo, o poder tem uma superfície de aplicação.

Entre os séculos XVII e XIX, junto à emergência do poder disciplinar, surge uma preocupação, por parte dos governantes, com a saúde dos sujeitos, devido ao aparecimento de epidemias nas cidades, causadas também pela crescente urbanização. Dessa forma, havia

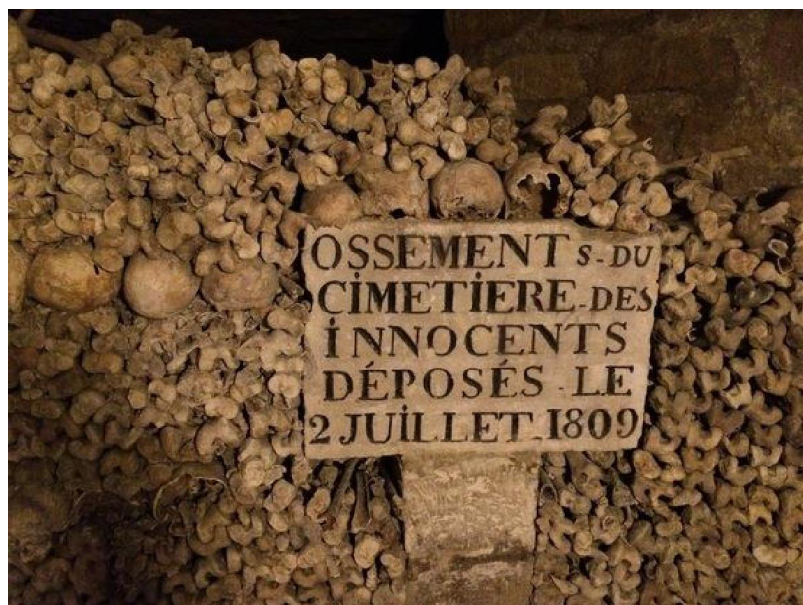
algumas medidas utilizadas pelo governo quando se declarava a peste em uma cidade: “Em primeiro lugar, um policiamento espacial estrito: fechamento, claro, da cidade e da ‘terra’, proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes; divisão da cidade em bairros diversos onde se estabelece o poder de um intendente.” (Foucault, 2014b, p. 190).

Essas medidas sanitárias se enquadram no modelo médico e político da quarentena, usado para evitar a proliferação de doenças diante de um contexto epidêmico, que era muito recorrente devido à urbanização em grande escala nas cidades. Essa urbanização torna-se um problema também no que se refere ao grande número de corpos sendo enterrados nos cemitérios da França. Entre eles havia o Cemitério dos Inocentes, onde eram depositados os corpos de pessoas pobres ou indigentes:

[...] existia no centro de Paris, onde eram jogados, uns sobre os outros, os cadáveres das pessoas que não eram bastante ricas ou notáveis para merecer ou poder pagar um túmulo individual. O amontoamento no interior do cemitério era tal que os cadáveres se empilhavam acima do muro do claustro e caíam do lado de fora. (Foucault, 2014b, p. 154).

Esse amontoamento de cadáveres causou o desmoronamento de casas, a contaminação do solo e da água, além de doenças. Para solucionar esse problema, foram criadas as catacumbas de Paris, entre os séculos XVIII e XIX. Essas catacumbas abrigam mais de 6 milhões de mortos que pertenciam aos cemitérios de Paris, como vemos a seguir:

Figura 2: Ossos dos Inocentes transferidos para de Paris



do Cemitério que foram as catacumbas

Fonte: Franconeti, 2019.

Nesse contexto, o hospital deixa de ser um depósito de pessoas doentes e surge como um instrumento terapêutico. Para isso, tem-se as viagens-inquérito, com o objetivo de definir um programa de reforma e reconstrução dos hospitais (Foucault, 2014b). O ponto de partida da reforma hospitalar foi o hospital marítimo e partia de três pontos principais: era preciso vigiar os homens no hospital militar para que não desertassem; era preciso curá-los; e era preciso evitar que eles fingissem estar doentes. Dessa forma, a organização hospitalar passa a ser feita pelas disciplinas.

Nessa perspectiva, junto à emergência de um novo modelo econômico, à urbanização desenfreada e à preocupação com a saúde dos sujeitos, surge uma nova tecnologia de poder chamada biopolítica, definida por Foucault (1997, p. 89) como: a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças.

Não podemos dissociar a emergência dos problemas citados por Foucault da ascensão do liberalismo, afinal, essas questões se tornam um problema diante da emergência desse novo sistema econômico. A partir disso, Foucault questiona: como o fenômeno da população, seus problemas e efeitos, pode ser considerado em uma sociedade liberal?

Para responder a essa questão, é necessário entender como o liberalismo funciona, por isso, Foucault (1997, p. 90) enfatiza: “O liberalismo deve ser analisado, então como princípio e método de racionalização do exercício de governo – racionalização que obedece, e aí está sua especificidade, à regra interna da economia máxima.” Além disso, o filósofo o enxerga

como uma reflexão crítica sobre a forma governamental, afinal, “governa-se em excesso” (Foucault, 1997).

Nessa perspectiva, o fenômeno da população é tomado pelo liberalismo como um problema de ordem governamental. Por isso a biopolítica surge para categorizar e, junto à disciplina, esquadrihar esse conjunto de sujeitos. Assim, essa nova técnica de poder atinge o homem-espécie, e não mais o homem-corpo; e surge a máxima: fazer viver e deixar morrer. Os objetos de saber da biopolítica são a natalidade, a taxa de reprodução, a fecundidade, entre outros. “Nos mecanismos implantados pela biopolítica, vai se tratar sobretudo, de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais.” (Foucault, 2005, p. 293).

Assim, diferentemente do período em que existia um soberano, que tinha o direito sobre a morte dos súditos – e por isso sobre a vida – na biopolítica, “a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais ‘privado’.” (Foucault, 1988, p. 130). Esse poder sobre a vida se desenvolve em duas formas principais: corpo-máquina e corpo-espécie. “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.” (Foucault, 1988, p. 131).

Dessa forma, a biopolítica se junta à disciplina para regular a vida dos sujeitos: “vai ser preciso modificar, baixar a morbidade; vai ser preciso encompridar a vida; vai ser preciso estimular a natalidade.” (Foucault, 2005, p. 293). Assim, surge uma preocupação com a relação entre os seres humanos, e a sexualidade passa a ser um objeto regulado pelo biopoder. “A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende da regulamentação.” (Foucault, 2005, p. 300). Além disso, o biopoder foi indispensável para o desenvolvimento do capitalismo: que só pôde ser garantido às custas da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. (Foucault, 1988, p. 132).

O ajustamento da população aos processos econômicos implica no investimento do poder sobre os corpos de forma que os normalize, isso porque o biopoder opera distribuições em torno da norma (Foucault, 1988). Nesse sentido, a lei judiciária se tornou um importante elemento nessa nova tecnologia: “a lei funciona cada vez mais como norma, e que a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos [...] cujas funções são sobretudo reguladoras.” (Foucault, 1988, p. 135).

Dessa forma, com a emergência da biopolítica, surge uma nova tecnologia de governo responsável por conduzir a conduta dos sujeitos, chamada de governamentalidade, e discutida por Michel Foucault em suas últimas obras. Segundo o filósofo, essa tecnologia atua

como forma de governo dos homens, que foi modificado e enriquecido com base no governo das almas da pastoral cristã, é uma tecnologia que coloca a questão de como conduzir a conduta dos outros. Visto que governar seja exercer um poder, ação sobre ações possíveis, agir sobre sujeitos (Foucault, 2014 *apud* Sousa, 2023, p. 215).

Percebemos, então, que a governamentalidade surge e se sustenta a partir das práticas disciplinares e biopolíticas, que foram capazes de perpetuar e aperfeiçoar as técnicas de poder e controle dos sujeitos utilizadas no governo pastoral. Assim, os sujeitos são conduzidos pelo governo das condutas a partir das técnicas da biopolítica, isto é, medidas sanitárias, estatísticas, administrativas, além das técnicas da disciplina, como por exemplo, a arte das distribuições, o controle da atividade, a organização das gêneses, etc (Foucault, 2019).

A governamentalidade se constitui como uma racionalidade política a qual já era observada, em outros termos, por Michel Foucault (1997), quando o autor discute o nascimento da biopolítica. Por isso, Foucault enfatiza que, para falar da emergência da biopolítica, é necessário também discutir o liberalismo, isto é, a “nova” racionalidade de governo do século XIX. O filósofo analisa o liberalismo não como uma ideologia, mas sim uma prática “orientada para objetivos e se regulando através de uma reflexão contínua.” (Foucault, 1997, p. 90).

Nessa perspectiva, analisaremos a nova forma de conduzir condutas, a saber, o neoliberalismo, da mesma forma que Foucault (1997) entendeu o liberalismo. Por isso, o neoliberalismo deve ser analisado “como princípio e método de racionalização do exercício de governo” (Foucault, 1997, p. 90) A partir dessa observação, entendemos que o neoliberalismo é, então, a nova forma de governo que emerge no fim do século XX e início do século XXI e “pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.” (Dardot; Laval, 2013, p.15).

Assim, o neoliberalismo se tornou a racionalidade de governo em nível mundial e fez com que surgissem novos sujeitos, novas práticas discursivas, e novas problemáticas relacionadas ao governo e à sociedade. Por isso, Dardot e Laval (2013, p. 22) enfatizam que “[...] a originalidade do neoliberalismo está no fato de criar um novo conjunto de regras que

definem não apenas outro “regime de acumulação”, mas também, mais amplamente, outra sociedade.”

Essa outra sociedade criada a partir da racionalidade neoliberal tem como base a concorrência entre os governos e os sujeitos. Nesse contexto, Dardot e Laval (2013, p. 14) apontam que essa racionalidade:

Produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos.

A partir dessas considerações, entendemos que o neoliberalismo, ao produzir certos tipos de sujeitos e relações de poder, além formas de vida e relações sociais, etc, influencia em todos os domínios da sociedade, como a política, a justiça, a cultura e a mídia. O neoliberalismo é responsável por dominar também a forma como o sujeito se comunica e consome informações, assim como na maneira com que os sujeitos sentem e expressam suas emoções, a qual discutiremos mais adiante neste trabalho.

Segundo Dardot e Laval (2013, p. 24), o neoliberalismo passa por uma severa crise, a qual se trata, sobretudo, para além da crise econômica, de “uma crise global do neoliberalismo como modo de governar sociedades.” Apesar desse contexto, o neoliberalismo se mantém como forma de racionalidade predominante no mundo, e esse fato pode ser explicado considerando o que Michel Foucault (2005) nomeia de racismo de Estado, bem como o que é apontado por Mbembe (2018) como necropolítica, que discutiremos na próxima seção.

1.4 O racismo de Estado e a Necropolítica

Foucault inicia a discussão sobre racismo de Estado a partir de um questionamento apresentado na aula de 17 de março de 1976, no âmbito do curso *Em defesa da sociedade*: “Quando for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como poderá fazê-lo, se se funciona no modo do biopoder?” (Foucault, 2005, p. 307). Na biopolítica, isto é, em uma sociedade normalizadora, a única condição aceitável de tirar a vida é por meio do racismo. Dessa forma, o biopoder sobrevive devido à separação que o racismo opera na sociedade. “Quanto mais numerosos forem os que morrerem entre nós, mais pura será a raça a que pertencemos.” (Foucault, 2005, p. 308). O racismo discutido pelo filósofo não diz respeito apenas à discriminação por raça, mas abrange outros tipos de discriminação, como

religiosa, sexual, territorial, entre outras. Assim, o Estado se utiliza da “eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano.” (Foucault, 2005, p. 309). Por isso, o racismo de Estado está intimamente ligado à soberania.

Considerando essa discussão desenvolvida por Michel Foucault sobre o nascimento da biopolítica, o filósofo camaronês Achille Mbembe tece algumas críticas acerca do conceito de biopoder e desenvolve o conceito de necropolítica a partir do seguinte questionamento: “essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político [...] faz do assassinato do inimigo seu objetivo primeiro e absoluto?” (Mbembe, 2018, p. 6).

Para responder a essa pergunta, Mbembe se baseará no conceito de biopoder, relacionando-o às noções de soberania e estado de exceção. O estado de exceção diz respeito a um arranjo espacial que se mantém fora do estado normal da lei. Enquanto a soberania diz respeito ao direito absoluto de matar; o soberano é mais poderoso que a própria morte. Além disso, há outro tipo de soberania que tem como projeto central “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e população.” (Mbembe, 2018, p. 10-11).

Nesse sentido, o autor pontua que a escravidão foi uma das primeiras manifestações da biopolítica. Assim, Mbembe se dedica a analisar o colonialismo e seus efeitos de poder na contemporaneidade – como por exemplo a ocupação colonial da Palestina. Para o filósofo, “a conquista colonial revelou um potencial de violência até então desconhecido.” (Mbembe, 2018, p. 32). A soberania e a colonização possuem relações estreitas, pois soberania significa ocupação, isto é, relegar ao colonizado uma terceira zona. “A soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é.” (Mbembe, 2018, p. 41).

Assim, a partir da análise da manifestação da soberania nas colônias contemporâneas, Mbembe estabelece o conceito de necropolítica: política de morte. Na colônia moderna, há uma combinação de poder disciplinar, biopolítica e necropolítica. Por isso, Mbembe (2018, p. 41) argumenta que: “a forma mais bem-sucedida de necropolítica/necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina.”

A partir dessa discussão, percebe-se uma aproximação entre o conceito de necropolítica, de Mbembe (2018), e o conceito de racismo de Estado, desenvolvido por Michel Foucault (1988). O filósofo francês apresenta o racismo de Estado como um elemento constitutivo da biopolítica, além de um mecanismo essencial para o seu funcionamento. Enquanto isso, Mbembe se debruça a estudar o funcionamento do biopoder considerando os territórios colonizados na contemporaneidade. Por isso, ele define que além de existir uma

biopolítica, preocupada com a manutenção da vida dos sujeitos, há também uma política de morte presente sobretudo nas colônias. Uma política que, além de deixar morrer, mata diretamente: essa é a diferença entre os dois conceitos discutidos neste trabalho.

A partir dessa discussão, observamos que o racismo de Estado e a necropolítica fizeram parte de toda a gestão do governo Bolsonaro durante a pandemia do coronavírus. Isso porque, logo após a declaração da pandemia da Covid-19 pela OMS, além do decreto de estado de emergência emitido pelo governo federal, Bolsonaro fez um pronunciamento em rede nacional, no mês de março de 2020, e chamou o coronavírus de “gripezinha” (2 momentos, 2020):

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.

Além dessas declarações em que o ex-presidente minimiza o vírus da Covid-19, o ex-ministro da saúde, Eduardo Pazuello, após assumir a posição ainda como interino em maio de 2020, divulgou uma nova versão de um documento técnico que recomendava aos profissionais de saúde que receitassem cloroquina e hidroxicloroquina, mesmo em casos leves de coronavírus (Ministério, 2020). Somado a isso, em setembro do mesmo ano, Pazuello toma posse como ministro da saúde e em seu pronunciamento, o ex-presidente chamou a si mesmo de “doutor Bolsonaro”, e o então ministro fez propaganda da hidroxicloroquina ao exibir o medicamento à plateia (Pazuello, 2021). Ambos os medicamentos mencionados por Pazuello e recomendados por Bolsonaro inúmeras vezes, não possuem comprovação científica, por isso, em março de 2021, a OMS declarou que a hidroxicloroquina não funciona contra a Covid-19 e pode causar efeitos adversos (Coraccini, 2021).

Esses pronunciamentos feitos pelas maiores lideranças brasileiras frente à pandemia evidenciam a tentativa de minimização do problema e o total desprezo pelas instituições científicas, bem como pelo número exorbitante de mortos pelo coronavírus. Portanto, percebe-se que o governo Bolsonaro foi responsável, a partir de sua necropolítica e de seu racismo de Estado, pelo alto número de infectados e mortos pela Covid-19, seja direta ou indiretamente. Isso se prova também a partir da investigação feita pela CPI da Covid, em junho de 2021, a qual constatou que a gestão do ex-presidente deixou de responder 53 e-mails da farmacêutica Pfizer, enviados para pedir um posicionamento do governo no que diz respeito à compra de vacinas (Ribeiro, 2021).

Além disso, um dos momentos mais marcantes da gestão da pandemia pelo governo Bolsonaro ocorreu ainda em seu início e evidenciou que a necropolítica e o racismo de Estado seriam a base para o governo administrar a crise sanitária. Dessa forma, no dia 20 de abril de 2020, quando o Brasil detinha o número de 2. 584 mortes, o ex-presidente deu uma declaração emblemática após ser questionado por um jornalista sobre o número de mortos pela Covid-19 no Brasil: “eu não sou coveiro”. Esse enunciado determinou a postura de Bolsonaro, enquanto esteve no poder, durante a pandemia pela Covid-19, isto é, uma atitude de desdém e indiferença.

2. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA PÓS-VERDADE E DAS *FAKE NEWS*

Nesse capítulo, iniciamos com uma discussão sobre o funcionamento das redes sociais digitais, e como, a partir delas os sujeitos passaram a produzir e consumir informações de maneira diferente. Além disso, apresentamos o conceito de desinformação e os dois funcionamentos discursivos pertencentes a esse fenômeno, isto é, a pós-verdade, como enunciação política, e a *fake news*. Por fim, selecionamos alguns enunciados falsos que funcionam discursivamente como pós-verdade e *fake news* a fim de entender as especificidades e estratégias presentes na construção desses enunciados.

2.1 A circulação e o consumo das informações: o funcionamento das redes sociais digitais

Na obra *A vida digital* (1995), Negroponte pontua que existem três eras: a era industrial, a era da informação e a era da pós-informação. A era industrial foi caracterizada pelos átomos e pela produção em massa. Em contrapartida, a era da informação, também conhecida como a “era dos computadores”, foi constituída pelas mesmas economias da era anterior, mas contou com a criação dos *bits*. Para o autor, nessa era, os meios de informação tornaram-se maiores e menores, ao mesmo tempo. Isso porque, no contexto norte-americano, as novas formas de transmissão televisiva atingiram públicos maiores, ao mesmo tempo em que revistas, videocassetes e serviços por cabo passaram a atender grupos demográficos pequenos e específicos, a partir do *narrowcasting*. Por fim, na pós-informação, o público é composto por apenas uma pessoa e a informação é extremamente personalizada: há uma individualização a partir da coleta de dados sobre os sujeitos. Nesse contexto, o autor estava antecipando o conceito de algoritmo.

Em *Cultura da convergência* (2022), Henry Jenkins também discute o funcionamento das mídias, sobretudo na era da pós-informação discutida por Negroponte (1995). Segundo o autor, a transformação midiática se dá a partir do que ele chama de cultura da convergência: “Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.” (Jenkins, 2022, p. 31). Nesse sentido, é dado a qualquer pessoa o poder de produzir conteúdos-verdades que são legitimados pelo número de seguidores desse sujeito.

Sendo assim, na cultura da convergência, os participantes interagem de acordo com um novo conjunto de regras que não corresponde ao conjunto tradicional de funcionamento das mídias. A convergência dos meios de comunicação parece ser um dos fortes motivos que contribuíram para a emergência do cenário de desinformação atual, composto pelos funcionamentos discursivos da pós-verdade e das *fake news*:

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (Jenkins, 2022, p. 32).

Essa definição de Jenkins (2022) indica que a convergência ocorre dentro do cérebro do consumidor, e se assemelha com a distinção que Rodrigo Seixas (2019) faz entre a convicção do sujeito e a pós-verdade: “o problema da pós-verdade está atrelado, para além da oposição verdade/mentira e da difusão de fake news, à questão das convicções.” (Seixas, 2019, p. 123). Para explicar o problema das convicções, o autor se utiliza da definição de Angenot (2008 *apud* Seixas, 2019, p. 123) e afirma: “a convicção política é questão de crença, sólida que seja, mas obedece às mesmas estruturas de funcionamento das crenças religiosas e de tantas outras.” (Seixas, 2019, p. 123).

Em consonância com o problema da crença levantado por Seixas (2019), Sargentini e Varoni (2021) apontam para dois significados de pós-verdade, em que o segundo diz respeito “à circulação e recepção desse conteúdo, diante do qual as crenças e ideologias do sujeito [...] determinam o que ele vai considerar, avaliar, compartilhar, comentar ou, em outras palavras, (re)colocar em circulação.” (Sargentini; Varoni, 2021, 78).

A partir dessa discussão, percebe-se que há uma mudança na relação dos sujeitos com as informações, possivelmente causada pelo surgimento de novas mídias, bem como a convergência desses novos elementos com os antigos meios de comunicação. Essa mudança se dá não somente pela maneira de consumir informação, mas também pela forma de propagá-las, uma vez que as redes sociais digitais proporcionam um alcance jamais visto anteriormente.

Para Ramonet (2012 *apud* Fernandes *et. al.*, 2020), a informação não circula mais em um sentido único, de cima pra baixo, das mídias tradicionais para a população; a informação agora se dá de forma horizontal ou circular, por isso, até mesmo o leitor pode se tornar um produtor de informação, quase como um “jornalista” (Fernandes *et. al.*, 2020, p. 5-6). Essa afirmação do teórico se confirma quando analisamos o número cada vez maior de sites de mídia alternativa de extrema-direita, como o *Terra Brasil Notícias* e o *Jornal Tribuna Livre*,

que são comandados por sujeitos comuns, fora do campo jornalístico. Essas mídias alternativas, bem como o disparo em massa de mensagens no aplicativo WhatsApp, foram responsáveis por propagar desinformação durante o cenário de pandemia pela Covid-19 no Brasil.

Além disso, a problemática da infodemia, que se refere se refere à quantidade excessiva de informações que são consumidas pelos sujeitos, a quais não se consegue avaliar a veracidade ou que são comprovativamente falsas, também foi responsável pela facilidade de acesso e propagação de desinformação nas redes sociais digitais (Massarani *et al.*, 2021 *apud* OMS, 2018). Entendemos desinformação como “uma informação falsa e a pessoa que a divulga sabe que é falsa. É uma mentira intencional e deliberada, e resulta em usuários sendo ativamente desinformados por pessoas maliciosas.” (Unesco, 2019, p. 47 - 48).

Nesse contexto, entendemos que não há como falar da problemática da desinformação, sobretudo, nas redes sociais digitais, sem falar do fenômeno da plataformação. Os estudiosos de software, da área de economia política e negócios, compreendem a plataformação como: “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida.” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 5).

A fim de complementar essa definição, apresentamos a perspectiva dos estudos culturais, os quais definem plataformação como um processo em que as práticas culturais e o imaginário social se organizam em torno das plataformas digitais. “Isso, por sua vez, molda a forma como as plataformas evoluem como infraestruturas de dados, mercados e estruturas de governança com particularidades.” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 5).

O processo de plataformação é dividido em três dimensões institucionais, isto é, infraestrutura de dados, mercado e governança, as quais possuem relações de poder desiguais. A infraestrutura de dados, explorada pelos estudiosos de software, diz respeito à maneira como as plataformas digitais se transformam em dados, a partir da datificação (Kitchin, 2014; Mayer-Schönberger; Cukier; 2013; Van Dijck, 2014; Meijas; Couldry, 2019 *apud* Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Nesse sentido, os aplicativos são os principais responsáveis por essa coleta de dados, que envolve sobretudo os metadados comportamentais. Dessa forma, o processo de “datificação é conduzido simultaneamente por complementadores, que, de forma ativa, transformam os dados das plataformas em produtos e serviços usados nas rotinas e práticas cotidianas.” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 6). Temos como exemplo de infraestrutura

de dados responsáveis pela distribuição de software a Apple e o Google, e ambas são altamente centralizadas (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Partindo para a segunda dimensão da plataformização, temos o fator financeiro, isto é, antes das plataformas digitais, o mercado financeiro costumava construir relações unilaterais entre vendedor e comprador. No entanto, com a ascensão das plataformas, o mercado financeiro atual funciona de maneira bilateral ou multilateral. Isso implica dizer “que funcionam como agregadores de transações entre usuários finais e uma grande variedade de terceiros.” (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 7).

Por fim, a terceira dimensão corresponde à governança das plataformas, isto é, o modo como os usuários interagem entre si e entre os complementadores. Nessa perspectiva, essa governança

se materializa por meio de classificação algorítmica, privilegiando sinais de dados específicos em detrimento de outros, moldando assim quais tipos de conteúdo e serviços se tornam visíveis e em destaque e o que permanece amplamente fora do alcance (Bucher, 2018; Pasquale, 2015 *apud* Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020).

Por isso, os algoritmos são elementos essenciais na construção e na manutenção das plataformas digitais, bem como das informações que circulam por meio delas. Assim, para além do conteúdo acessado pelo usuário, os algoritmos necessitam dos contratos e das políticas de privacidade das plataformas para operarem. Assim sendo, “com base nesses termos e diretrizes, as plataformas moderam o que usuários finais e complementadores podem compartilhar e como eles interagem entre si” (Gillespie, 2018 *apud* Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 9).

Nesse contexto, o fenômeno da datificação é um elemento central no funcionamento das plataformas digitais e, conseqüentemente, do processo de plataformização. Assim, “os metadados parecem ter se tornado a moeda corrente para os cidadãos pagarem por seus serviços de comunicação e segurança [...]” (Van Dijck, 2017, p. 40). Os dados recolhidos são quantificados, permitindo o monitoramento e a análise preditiva. Isto posto, Van Dijck (2017) problematiza a ideia de que coletar dados digitais dos usuários de plataformas é algo completamente seguro e confiável.

Promover a ideia dos metadados como traços do comportamento humano e das plataformas como facilitadoras neutras parece estar diretamente em conflito com as bem conhecidas prática de filtragem e manipulação algorítmica de dados por razões comerciais ou outras. A datificação e a mineração da vida se apoiam em pressupostos ideológicos, que são, por sua vez, enraizados em normas sociais dominantes. (Van Dijck, 2017, p. 45).

A partir dessa afirmação, a autora deixa explícito que a coleta e a utilização de dados digitais não são feitas de maneira imparcial, isto é, há uma lógica que responde sobretudo ao capital e ao poder dominante. Esse fato se confirma quando retomamos o escândalo que abalou o Facebook, responsável por vender mais de 50 milhões de dados de usuários à empresa Cambridge Analytica, para fins políticos (Entenda, 2018).

A Cambridge Analytica teria comprado acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usado esses dados para criar um sistema que permitiu prever e influenciar as escolhas dos eleitores nas urnas, segundo a investigação dos jornais *The Guardian* e *The New York Times*. (Entenda, 2018).

Nesse caso, os dados de usuários do Facebook foram utilizados para influenciar uma eleição, e a partir da manipulação dos algoritmos, os indivíduos foram persuadidos a votar em Donald Trump, sobretudo aqueles que ainda estavam em dúvida quanto ao seu voto. Assim, fica evidente a problemática da datificação no que diz respeito à coleta de dados e à finalidade de uso desses dados. Isso é ainda mais preocupante no contexto de desinformação mundial em que nos encontramos. Por isso, “os métodos quantitativos requerem firme questionamento qualitativo para contestar a alegação de que os padrões de dados são fenômenos naturais [...]” (Van Dijck, 2017, p. 47).

A partir dessa explanação do funcionamento das plataformas e de suas influências na cultura e nas práticas discursivas da sociedade, entendemos que o fenômeno da desinformação se encontra profundamente ligado ao funcionamento das redes sociais digitais, isto é, sua estrutura e seus algoritmos. Por isso, para entender esse funcionamento de maneira prática, apresentamos os estudos desenvolvidos a partir da abordagem chamada “análise de redes”: “é uma das perspectivas de estudo de grupos sociais que permite sua análise sistemática a partir de sua estrutura, através de medidas específicas para esta.” (Requero, 2017, p. 9).

A partir dessa abordagem, Requero e Gruzd (2019) investigam como a desinformação funciona nas redes sociais digitais, mais especificamente no Twitter. As autoras elucidam alguns conceitos cruciais para entender a problemática atual da desinformação, e o primeiro deles é o algoritmo e sua relação com os indivíduos, os quais são nomeados de “atores”. O primeiro deles refere-se aos algoritmos de visibilidade dessas ferramentas. Esses algoritmos selecionam o que será visto pelos atores com base em suas próprias ações e nas ações de sua rede social. (Parisier, 2011 *apud* Requero; Gruzd, 2019, p. 33).

O algoritmo seleciona, então, o que será visto pelos sujeitos e o que será omitido, tendo como base as preferências de conteúdos, e consequentemente aproximando sujeitos que possuem mentalidades semelhantes, fenômeno denominado “homofilia”. Nesse sentido, há outra movimentação pontuada pelas autoras que diz respeito ao comportamento dos usuários das redes sociais digitais:

O segundo elemento diz respeito às próprias escolhas dos atores, que decidem o que vão compartilhar, publicar ou tornar visível à sua rede social. Assim, mídia social, em âmbito de debate político, também é frequentemente associada à polarização (Soares; Requero; Zago, 2018; Gruzd; Roy, 2014 *apud* Requero; Gruzd, 2019, p. 33).

Esse funcionamento das mídias sociais é responsável por criar “bolhas discursivas” que se retroalimentam, fazendo com que os sujeitos jamais questionem as informações consumidas nesses grupos. Dessa forma, os algoritmos são responsáveis por fortalecer convicções e induzir ao extremismo, ainda que indiretamente, colaborando com discursos fascistas, isto é, que nega o diferente e o afasta. Por isso, as redes sociais digitais são um ambiente propício para a difusão de desinformação, visto que essas informações falsas jamais serão contestadas caso pertençam ao pensamento de determinado grupo. Nessa perspectiva, Horta-Ribeiro *et al.* (2017) apontam: “as pessoas tendem a acreditar em informações que condizem com sua percepção das narrativas sociais e a desacreditar em narrativas que desconstroem essa percepção.” (Horta-Ribeiro *et al.*, 2017 *apud* Requero; Gruzd, 2019, p. 33).

Dessa forma, no estudo desenvolvido por Requero e Gruzd (2019), percebeu-se uma grande polarização na rede social digital analisada, isto é, o Twitter. No estudo de caso, as pesquisadoras constataram uma grande polarização ao fazerem uma coleta de dados sobre uma temática em dois lugares, na rede inteira e na rede de *fake news*:

Podemos observar também que cada um dos clusters em questão envolve grande número de nós partidários de esquerda ou de direita, porém não de ambos. Ou seja, cada cluster tende a concentrar grande número de atores com uma única visão polarizada, com poucas pontes para o outro grupo. (Requero; Gruzd, 2019, p. 39).

Ou seja, os subgrupos (clusters) presentes nas redes sociais possuem um grande número de nós (atores sociais, organizações ou grupos) de direita ou de esquerda, mas nunca dos dois juntos. Isso implica dizer que cada subgrupo concentra um grande número de sujeitos com uma única visão e convicção, o que não permite o contato entre esses dois

grupos, ocasionando a polarização. Além disso, a polarização é facilitada pelo formato do Twitter, que funciona por meio de “cascatas”: uma cascata é qualificada pela reprodução de informações baseadas na compreensão do comportamento dos atores anteriores como verdadeiro pelos posteriores, mesmo que estes não tenham como saber. (Requero; Gruz, 2019, p. 34).

Considerando o formato das plataformas digitais, bem como seu funcionamento, entendemos que as grandes empresas, isto é, os monopólios de tecnologia da informação, ditam quais informações devem circular e quais não devem, além disso, ditam também a maneira como essa informação circula. Por isso, percebemos que existe também uma “ordem do discurso digital.”

2.2 A infodemia no contexto da pandemia de coronavírus: a circulação de desinformação

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde – OMS decretou pandemia mundial devido ao vírus SARS-CoV-2⁹. Nesse contexto, o Brasil e o mundo precisaram enfrentar um inimigo invisível, e para isso foram implementadas medidas biopolíticas como: o uso obrigatório de máscara facial, a testagem em massa em alguns países, bem como orientações para evitar aglomerações e para que os sujeitos permanecessem reclusos em casa.

Em meio a tamanho medo e incerteza sobre o futuro, emergiram diversas desinformações sobre como proceder para se proteger do vírus; além disso, havia a subnotificação dos dados sobre o número de casos de Covid-19 e a quantidade de óbitos diários e semanais. Isso porque os dados apresentados pelo Ministério de Saúde brasileiro não consideravam as informações sobre alguns estados. Diante dessa realidade, os veículos tradicionais de comunicação trabalharam incansavelmente para manter os sujeitos informados sobre o coronavírus, acerca das recomendações dos órgãos oficiais de saúde, bem como sobre o número de casos confirmados e óbitos.

Nesse cenário, foi criado o Consórcio de Veículos de Imprensa, no dia 8 de julho de 2020, em resposta à decisão do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que resolveu restringir

⁹ Sigla do inglês que significa coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave, cuja doença recebeu a denominação pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de COVID-19 (do inglês coronavirus disease 19 - ano de aparecimento do vírus). Orientações a Respeito da Infecção pelo SARS-CoV-2 (Conhecida como COVID-19) em Crianças. *Fiocruz*, 2020. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Covid-19-Pais-DC-Infecao-DS_Rosely_Alves_Sobral_-convertido.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

o acesso aos dados relacionados à pandemia de coronavírus, isto é, o número de infectados e os óbitos em decorrência da doença. Esses dados eram recolhidos com as Secretarias de Saúde de cada estado brasileiro. Os veículos de comunicação que participaram desse consórcio foram os seguintes: G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL.

Dando continuidade, o primeiro caso de coronavírus foi registrado no país no dia 26 de fevereiro de 2020, pelo Ministério da Saúde, e se tratava de um homem idoso que havia viajado para a Lombardia, na Itália. A primeira vítima fatal do vírus morreu no dia 15 de março de 2020 e era moradora do bairro de Tatuapé, em São Paulo. O Brasil chegou a registrar mais de cinco mil mortes diárias por coronavírus. Em meio a esse contexto de morte em massa, incertezas sobre como se prevenir do vírus, além das dúvidas sobre como ele é propagado, o Ministério da Saúde do Brasil passava por uma crise, e chegou a registrar a troca de cinco ministros em pouco mais de um ano.

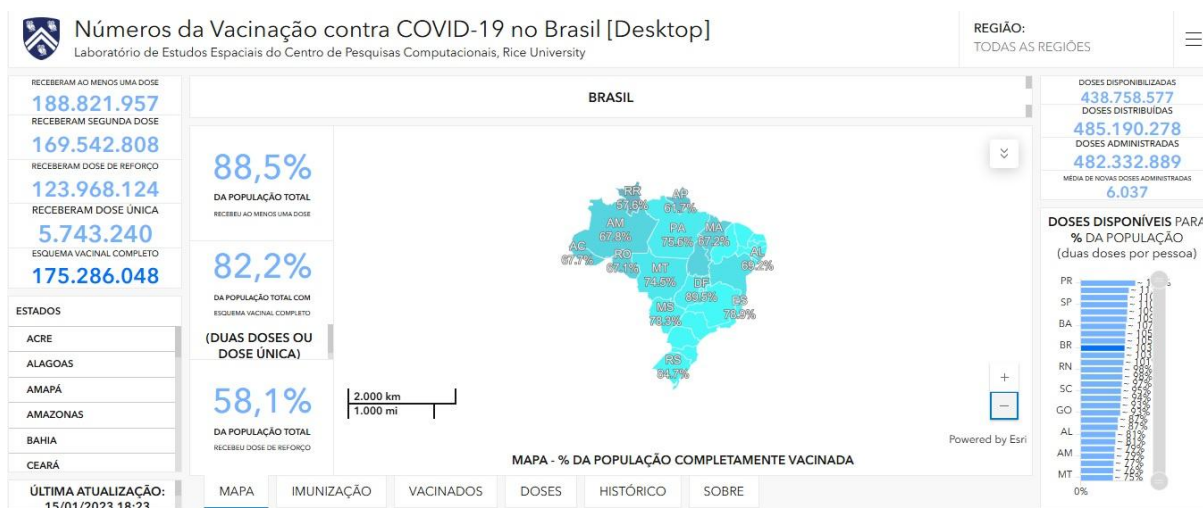
O país também passava por uma crise política, devido ao mal gerenciamento da pandemia por parte do governo Bolsonaro. Houve a saída do então ministro da justiça, Sérgio Moro, que se retirou do cargo acusando o ex-presidente de interferir em investigações da Polícia Federal acerca das “rachadinhas”. Essa crise política refletiu em todo o mandato de Bolsonaro, que teve doze ministros exonerados, cinco deles pertencentes ao Ministério da Saúde. Dois desses ministros eram médicos, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, e ambos foram exonerados devido às discordâncias que tinham com o então presidente em relação às medidas que deveriam ser tomadas para enfrentar o coronavírus. A crise se tornou ainda mais perceptível quando Teich pediu demissão do cargo depois de apenas três semanas como ministro da saúde.

Na sequência, a disputa política ganhou mais um elemento: a vacina contra o coronavírus. Faltando menos de um ano para as eleições presidenciais, além da crise sanitária, havia também uma tensão entre o governo federal, os governadores e os possíveis candidatos à eleição. Nesse contexto, o ex-governador do estado de São Paulo, João Dória, anunciou que iniciaria a vacinação no estado em janeiro de 2021, com a CoronaVac, vacina desenvolvida pelo Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac. Em resposta, o governo federal tentou antecipar a vacinação em um mês, com o imunizante da Pfizer, mas não obteve sucesso (Veja, 2020).

Assim, no dia 17 de janeiro de 2021, o país iniciou a vacinação contra a Covid-19, com o imunizante CoronaVac. Essa foi uma medida biopolítica que impactou diretamente na queda do número de infectados e mortos por coronavírus. Atualmente, o Brasil já conta com a quinta dose da vacina contra o coronavírus, além de vacinas disponíveis para crianças e bebês.

A seguir, apresentamos uma imagem que relata o número de vacinados contra o coronavírus no país até o dia 15 de janeiro de 2023¹⁰.

Figura 3: Dados que mostram os números dos brasileiros totalmente imunizados



Fonte: Mapa de vacinação contra Covid-19 no Brasil. *Vacina Brasil*, 2023. Disponível em: <https://vacinabrasil.org/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

Desde o início da vacinação, em janeiro de 2021, até a última atualização do consórcio de veículos de imprensa, o Brasil conta com mais de 80% da população vacinada com pelo menos duas doses da vacina contra o coronavírus ou a dose única. Segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em um ano de vacinação, o país registrou a marca de 78,8% da população imunizada com a primeira dose da vacina, e 68% com a segunda dose ou a dose única (Brasil, 2022a).

Nesse sentido, apresentamos dados referentes à queda da média móvel de vítimas do vírus, entre o mês de outubro de 2021 e outubro de 2022, a fim de observar a eficácia da vacinação durante o período de um ano.

Segundo dados coletados pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, no último dia do mês outubro de 2020, o Brasil teve um total de 529 mortes, e 15.203 casos confirmados apenas nesse dia. Ainda nesse período, o país chegava a quase 160 mil mortes causadas pelo coronavírus. Já no último dia de outubro de 2021, o país registrou apenas 96 mortes por Covid-19, seguido de 6.853 casos confirmados. (Cavalcante, 2021, p. 31)

Mesmo considerando as subnotificações, esses números dão indícios reais da eficácia da campanha de vacinação contra a Covid-19. Assim, após dois anos de pandemia, a OMS

¹⁰ O consórcio de veículos de imprensa foi encerrado no mês de janeiro de 2023, por isso não há dados atualizados.

O ecossistema da desinformação é composto pela falsa conexão, falso contexto e manipulação do contexto, além de enunciados como sátira ou paródia, conteúdo enganoso, impostor ou fabricado. Assim, um ou mais de um desses elementos podem ser encontrados em uma desinformação, seja ela com um funcionamento discursivo de *fake news* ou de pós-verdade. Nessa perspectiva, alguns estudiosos da comunicação optaram por substituir os termos *fake news* e pós-verdade por desinformação, pois esses acontecimentos discursivos são distintos e complexos, mas fazem parte de um mesmo fenômeno global.

Após a aprovação da vacina pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, esses enunciados passaram a ter como temática central as vacinas contra o coronavírus. Tais enunciados eram construídos, em sua maioria, em formato de texto alertando sobre medicações supostamente eficientes contra o vírus, como a ivermectina, a hidroxicloroquina, entre outras. Ao final do texto, havia um link em anexo que dava acesso a um site com uma matéria confirmando as informações contidas na mensagem, como podemos ver a seguir¹¹:

Figura 5: *Fake news* que circulou no aplicativo WhatsApp sobre o medicamento ivermectina



Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹¹ A imagem foi utilizada apenas para exemplificar como funciona a construção das *fake news* no aplicativo Whatsapp, e não faz parte do *corpus* deste trabalho.

A partir da imagem, percebemos que a mensagem é marcada com um selo de “encaminhada com frequência”, recurso recente do aplicativo WhatsApp, utilizado para evitar a proliferação de *fake news* ou spam (WhatsApp, 2019). No enunciado em questão, é possível ver que o texto possui anexado uma notícia retirada do site “pauta independente”, que, nesse contexto, é utilizado para produzir efeitos de verdade e legitimar a *fake news* contida na mensagem. Além disso, essa situação exemplifica a problemática atual da “era da pós-verdade”, em que qualquer pessoa pode produzir notícias e atribuir efeitos de verdade a elas se utilizando de estratégias como a utilizada nesse enunciado.

Dando continuidade, a medicação citada na mensagem, assim como a hidroxicloroquina, foram apontadas recorrentemente pelo ex-presidente do Brasil e seus apoiadores do Congresso Nacional como sendo a solução para o problema da pandemia. Um dos enunciados falsos mais polêmicos, compartilhado por Bolsonaro em uma *live* (Facebook, 2021), afirmava ter havido um aumento no número de pessoas contaminadas com o vírus do HIV em decorrência das vacinas contra a Covid-19. Esse e outros enunciados emergiram durante a gestão de seu governo, conhecido por disseminar desinformação. No próximo subtópico, especificaremos como a desinformação é composta por dois tipos de enunciados, nomeados pós-verdade e *fake news*.

2.3 O funcionamento discursivo da pós-verdade e das *fake news* no contexto da pandemia pela Covid-19

Tomaremos, neste trabalho, a pós-verdade e as *fake news* como funcionamentos discursivos pertencentes ao fenômeno da desinformação, e que emergiram na contemporaneidade, a partir do surgimento das redes sociais digitais. Apesar de terem funcionamentos distintos, a pós-verdade pode desencadear uma *fake news*, e vice-versa, afinal, fazem parte de um mesmo fenômeno.

A palavra pós-verdade foi eleita a palavra do ano pelo dicionário Oxford em 2016 e foi definida como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal.” (D’Ancona, 2018, p. 20). Dessa forma, a pós-verdade é um acontecimento discursivo que emergiu no ano de 2016, nos Estados Unidos, durante as eleições presidenciais, que tiveram como resultado a eleição de Donald Trump, candidato republicano considerado “o primeiro presidente da pós-verdade.” (D’Ancona, 2018, p. 22).

Para pesquisadores da área de comunicação, como Farkas e Shou (2019 *apud* Fernandes *et al.*, 2020), a era da pós-verdade corresponde a “uma época na qual as evidências científicas e os conhecimentos estão sendo substituídos por fatos alternativos.” (Farkas; Schou, 2019 *apud* Fernandes *et al.*, 2020, p. 6). Em complementariedade, o psicanalista Christian Dunker (2017) define que essa era é caracterizada pela supremacia do discurso emotivo. Entre todas essas definições, a mais defendida pelos jornalistas e pesquisadores da comunicação é aquela segundo a qual a “era da pós-verdade” é um período da história marcado pela descrença nos fatos: uma era em que as instituições científicas, jurídicas e midiáticas passam a ser desacreditadas em prol de uma supervalorização das emoções e das crenças pessoais dos sujeitos, conforme definido pelo dicionário de Oxford.

Assim, tomaremos essa definição como primeiro sentido de pós-verdade: acontecimento que emergiu a partir de uma mudança na relação dos sujeitos com as informações, isto é, na maneira como os usuários das redes digitais, sobretudo, leem, interpretam e compartilham os conteúdos que chegam até eles. Se valendo do primeiro sentido da pós-verdade, entendemos que ele desencadeou outros acontecimentos, dentre eles, as *fake news* e as novas formas de enunciação política, como é apontado por Monica Zoppi Fontana, pesquisadora da área da Linguística, que analisa a pós-verdade a partir da fala pública, a qual tomaremos como o segundo sentido da pós-verdade, que é definido como:

uma forma histórica de enunciação política caracterizada por ser a fala pública de um locutor autorizado, identificado por um nome próprio e inscrito em um lugar institucional de destaque no campo político, a quem lhe seria atribuído um modo de dizer emocional e irracional e uma vontade de enganar e ludibriar a opinião pública. (Fontana, 2021, p. 90-91).

Nessa perspectiva, o ex-presidente dos Estados Unidos se enquadra na definição de pós-verdade desenvolvida por Fontana (2021). Isso porque, em 2015, Trump oficializou sua participação nas eleições estadunidenses fazendo um discurso contra os imigrantes mexicanos, adjetivando-os de “estupradores” (Empoli, 2020). Além de ter um modo de dizer emocional e uma vontade de enganar o público a partir desses pronunciamentos, para Empoli (2020), Trump exprime autenticidade ao ir contra o “politicamente correto” e dizer o que ninguém tem coragem de dizer, como piadas machistas e racistas, além de insultos diretos a jornalistas, que viraram sua marca singular. Dessa forma, os pronunciamentos do ex-presidente norte-americano ganharam notoriedade tanto nas mídias tradicionais quanto nas mídias digitais.

Essa nova forma de enunciação política emerge também devido à mudança na relação dos sujeitos com as informações, como falamos anteriormente. Nesse contexto, surgem outros

tipos de enunciação, como a *trollagem*, definida “não apenas como um ato de postar mensagens e memes de ódio, mas como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico.” (Lamerichs *et al*, 2018 *apud* Nascimento, 2022, p. 60). Esses dois acontecimentos se constituem como modos de enunciação recentes dos políticos de extrema-direita no mundo, como Donald Trump, nos EUA, Jair Bolsonaro, no Brasil, e Viktor Órban, na Hungria. Segundo Nascimento (2022), uma das condições de emergência da *trollagem* se deve às versões recentes do populismo, que

combinam, de maneira estratégica, o ataque à imprensa tradicional como fomentadora de distribuição de propaganda dos inimigos do líder, no caso o representante populista, com o uso de novas tecnologias de informação na internet, principalmente o Twitter, que enfatizam os laços entre os líderes autoritários e os seus “seguidores.” (Lamerichs *et al*, 2018 *apud* Nascimento, 2022, p. 60).

Esse populismo, quando associado à pós-verdade, produz efeitos de verdade capazes de influenciar eleições e de ser uma ameaça à democracia mundial, como foi o caso das eleições estadunidenses de 2016, e brasileiras, de 2018. Os fatores citados anteriormente se constituem como condições de possibilidade para a emergência de enunciados de pós-verdade. Somado a isso, a ascensão da extrema direita no mundo se deve a vários desses fatores citados como a própria pós-verdade, a *trollagem* e o populismo, e junto às mídias sociais digitais, impulsionam discursos de ódio e enunciados falsos, chamados de *fake news*.

Entendemos que as *fake news* se constituem de forma distinta da pós-verdade. Para Fontana (2021), elas possuem três características que as distinguem da pós-verdade: a primeira diz respeito à sua forma de circulação, visto que as *fake news* circulam sempre em forma de boato; a segunda se refere à ausência de um locutor autorizado; e a terceira diz respeito ao fato de que as *fake news* ganham legitimidade a partir da repetição. A autora pontua, ainda, que “uma falha no fazer jornalístico ‘favorece’ que as notícias falsas se espalhem exponencialmente na sociedade e produzam algum consenso e crença.” (Fontana, 2021, p. 94).

Além da falha do fazer jornalístico, é importante destacar o papel dos algoritmos nessa difusão de *fake news* nas redes digitais. Os físicos de dados trabalham com o objetivo de “conceber as mensagens mais convincentes para cada nicho de simpatizantes.” (Empoli, 2020, p. 150-151). Ou seja, se um sujeito é adepto a um discurso antivacina, suas redes sociais digitais mostrarão apenas conteúdos que abarcam esse discurso, devido ao algoritmo que é preparado e otimizado especificamente para esse sujeito. “Hoje, o trabalho dos físicos

estatísticos permite enviar uma mensagem personalizada a cada eleitor com base nas características individuais.” (Empoli, 2020, p. 152).

Considerando essa realidade, percebe-se a formação de “bolhas” nas redes sociais digitais, em que cada indivíduo faz parte de um grupo determinado tanto pelos algoritmos quanto por eles mesmos, de acordo com afinidade de temas. Dessa forma, quando se trata da disseminação de uma *fake news*, esse enunciado alcançará sujeitos específicos que compactuam da mesma crença, e jamais questionariam a veracidade da notícia. Por esse motivo, é difícil refutar e desmentir as *fake news*, pois elas não alcançam pessoas que não compactuam com a crença da notícia, não possuem um autor determinado por nome ou lugar institucional, e ganham legitimidade pela repetição nas redes sociais digitais.

As redes sociais digitais modificaram a maneira como os sujeitos se comunicam e se relacionam entre si. Para Empoli (2020, p. 85), as redes sociais digitais são: “Uma máquina temível que se nutre de raiva e tem como único princípio o engajamento de seus partidários. O importante é alimentá-la permanentemente com conteúdos ‘quentes’, que suscitam emoções.” Além disso, Empoli (2020) afirma que os engenheiros do caos, nome dado aos físicos de dados, compreenderam o potencial da raiva, por ser uma fonte de energia poderosa. A raiva é uma das emoções que são alimentadas por meio das redes sociais digitais, mas não somente ela, há também a ansiedade e o medo, que será discutido no capítulo seguinte. Apesar das palavras “sensacionalistas” do jornalista, as redes sociais digitais, de fato, têm se provado uma grande ferramenta para disseminação de discurso de ódio e desinformação na atualidade.

Por isso, ao analisar a forma de comunicação dos últimos “presidentes da pós-verdade”, como Trump ou Bolsonaro, Empoli (2020) aponta que a maneira como eles se comunicam é estratégica na medida em que considera o funcionamento das redes sociais digitais e de seus algoritmos. Assim, “o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores.” (Empoli, 2020, p. 20).

Dando continuidade, a pós-verdade e as *fake news* costumam ser tratadas como sinônimos por alguns estudiosos do tema. Entretanto, neste trabalho, tomaremos tais fenômenos como funcionamentos discursivos distintos, pois são construídos de maneiras diferentes, apesar de um retroalimentar o outro, afinal, os sujeitos comuns se sentem autorizados a produzir e propagar essas notícias falsas, visto que o próprio ex-presidente do país possuía essa conduta. Isto posto, ambos os acontecimentos são responsáveis por ameaçar

as instituições produtoras de verdades como a ciência e a justiça, impactando eleições presidenciais mundiais e influenciando escolhas anticientíficas na pandemia de coronavírus.

Além disso, é importante pontuar que esses funcionamentos discursivos são ainda mais complexos do que os próprios conceitos apresentados por Fontana (2021), isto porque, uma pós-verdade pode se originar a partir de uma *fake news*, como é o exemplo da declaração de Bolsonaro em uma live no Youtube, na qual lia uma desinformação presente no site norte-americano de notícias falsas. Dessa forma, uma pós-verdade também pode circular como *fake news*, bastando apenas ser publicada em um site ou rede social digital.

Esse funcionamentos discursivos são extremamente adaptativos assim como o funcionamento das redes digitais e a própria maneira como as informações e desinformações circulam na sociedade atual. Assim sendo, notícias falsas “funcionam como ‘efeitos de verdade’ ainda que operacionalizados por enunciações por nós consideradas como produtoras de desinformação.” (Dorne, 2024, p. 479)

No contexto brasileiro, as *fake news* foram determinantes nas eleições presidenciais de 2018. Naquele ano, a *Folha de São Paulo* publicou uma matéria escrita pela jornalista Patrícia Campos de Mello, a qual denunciava que empresários haviam bancado campanha contra o Partido dos Trabalhadores (PT) pelo aplicativo WhatsApp na semana anterior ao segundo turno (Empresários, 2018). Segundo a jornalista, as empresas apoiadoras do então candidato à presidência Jair Bolsonaro haviam fechado um contrato de 12 milhões de reais e contratado um serviço chamado “disparo em massa”, que usava a base de dados dos próprios eleitores de Bolsonaro.

Após a publicação dessa matéria, a jornalista passou a ser perseguida pelo eleitorado do candidato, além de ter se tornado alvo de inúmeras *fake news* e ameaças. No livro *A máquina do ódio* (2020), Patrícia relata essa experiência e propõe reflexões sobre a violência digital. Além de Patrícia, a então candidata à vice-presidência do país, Manuela D’Ávila, também foi alvo de *fake news*, na qual editaram uma foto da camisa da candidata e adicionaram os dizeres “Jesus é Travesti”. Manuela recebeu uma onda de ataques nas redes sociais digitais, além de ameaças contra ela e sua família (É fake, 2018). Por esse motivo, se afastou da vida política e escreveu alguns livros sobre esses anos conturbados, a exemplo de *Por que lutamos?* (2019) e *Somos as palavras que usamos: um guia para entender (um pouco) e explicar (um pouquinho) o mundo* (2022).

Outro caso brasileiro emblemático de difamação por meio de *fake news* é o caso da vereadora Marielle Franco, assassinada no dia 14 de março de 2018. Logo após sua morte, as redes sociais digitais foram inundadas de desinformação sobre a vida da vereadora, inclusive

acusando-a de estar envolvida no mundo do crime. Para Fontana (2021), o levante de resistência para desmentir essas *fake news* foi um sucesso pelo fato de “a resposta ter sido massiva, ultrapassando o número de mensagens difamatórias.” (Fontana, 2021).

Diante desse contexto de desinformação, no ano de 2019 foi criada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – CPMI das Fake News. Essa CPMI tinha como objetivo investigar se havia uma rede de produção e propagação em massa de *fake news*, além do assédio virtual. Em 2020, a Comissão precisou ser paralisada devido à pandemia de coronavírus, e foi encerrada no ano de 2022, cinco meses antes das eleições presidenciais.

A existência das discussões levantadas na CPMI das Fake News chamou a atenção da opinião pública para a problemática da desinformação, bem como para o projeto de lei de nº 2630, intitulado popularmente como “Lei das Fake News”. Essa lei foi proposta pelo senador Alessandro Vieira (CIDADANIA/SE) e “estabelece normas relativas à transparência de redes sociais digitais e de serviços de mensagens privadas, sobretudo no tocante à responsabilidade dos provedores pelo combate à desinformação [...]” (Senado, 2020).

Além da movimentação no Senado Federal, surgiram veículos de mídia com o objetivo de checar notícias e desmentir possíveis *fake news* e pós-verdades, como por exemplo a Agência Lupa¹². Apesar disso, o alcance dessas agências é muito menor do que o alcance dos enunciados falsos. Para Sargentini e Varoni (2021), a onda de desinformação se vale de estratégias antiéticas que são utilizadas pela extrema direita, por isso, a luta é desigual. Além disso, essas agências de *fact-checking* são reflexos da emergência da pós-verdade e das *fake news*.

Considerando o que foi discutido nesse subtópico, percebemos que a pós-verdade e as *fake news* deixaram de ser apenas um perigo à democracia mundial e passaram a ser uma ameaça sanitária durante a pandemia pela Covid-19. Nesse sentido, no próximo subtópico, analisaremos o funcionamento discursivo desses enunciados falsos que circularam nesse período, a fim de entender suas condições de emergência, as relações de poder que exercem, bem como o funcionamento da memória na produção de verdades.

2.4 O funcionamento discursivo da pós-verdade como enunciação política no contexto da pandemia pela Covid-19

¹² Lupa. Uol, 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/> . Acesso em: 17 jan. 2024.

Como discutido anteriormente, o segundo sentido da pós-verdade se relaciona com emergência de uma nova forma de enunciação política, feita por um locutor autorizado, identificado e localizado em um lugar institucional. Além disso, os dizeres desse locutor autorizado estão pautados na intenção de enganar os sujeitos por meio de um discurso carregado de emoções e suscitar crenças pessoais (Fontana, 2021). Nesse sentido, para analisar o funcionamento da pós-verdade como enunciação política, selecionamos dois enunciados que foram produzidos pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

O primeiro enunciado diz respeito a um pronunciamento feito no dia 9 de junho de 2021, quando o país contava com mais de 400 mil mortos pela Covid-19. Nesse contexto, em um culto evangélico na cidade de Anápolis (GO), o ex-presidente disse: “Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxiclороquina. A vacina tem comprovação científica ou está em estado experimental ainda? Está [em estado] experimental.” (Soares, 2021) Dessa forma, a partir de um lugar de poder e autoridade, Bolsonaro defende o uso de hidroxiclороquina para combater os sintomas do coronavírus, e faz um questionamento público acerca da comprovação científica da vacina, causando um efeito de dúvida.

Além disso, na produção desse enunciado, o ex-presidente se utiliza do léxico normalmente utilizado em formações discursivas de cientistas ou de mídias científicas, a exemplo da palavra “hidroxiclороquina” e das expressões “comprovação científica” e “estado experimental.” Assim, atribui-se verdade ao seu discurso ao produzir enunciados que mantêm, em seu domínio associado, enunciados de caráter científico, atribuindo à sua figura a ideia de “cientista” ou “conhecedor da ciência”, que é ainda mais reforçada pela posição-sujeito que ele ocupa, isto é, presidente de um país.

Somado a isso, Bolsonaro se utiliza de um tom pessoal em sua fala, ao dizer: “Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxiclороquina.” Esse tom pessoal aproxima o ex-presidente de seus eleitores na medida em que o distancia de seu lugar de sujeito-presidente, apresentando sua experiência pessoal como sujeito que também está experienciando a pandemia de coronavírus. Essa pessoalidade utilizada por Bolsonaro é bastante recorrente em seus pronunciamentos, sobretudo aqueles em que ele se dirige apenas ao seu eleitorado, como veremos ainda nesse subtópico.

É importante pontuar que o enunciado analisado emergiu no período histórico em que a Anvisa já havia liberado a CoronaVac para uso emergencial no Brasil, apesar de todos os impasses políticos enfrentados antes da liberação. Assim, a partir de seu pronunciamento sobre a comprovação científica da vacina, Bolsonaro também contribui na construção do discurso de medo da vacina contra o coronavírus, bem como de qualquer outra vacina. Nessa

perspectiva, o discurso do ex-presidente incentivou a emergência de discursos antivacina e negacionistas, que ganharam grande repercussão.

Segundo Vignoli e Rabello (2021), os movimentos antivacina são compostos por sujeitos que rejeitam e questionam programas vacinais de todo o tipo. Nesse sentido,

Os argumentos antivacina encontram raízes históricas nos últimos dois séculos, e vêm sendo difundidos, mais recentemente, por meio de mídias sociais, que facilitam a disseminação de enunciados enganosos em relação às vacinas. (Succi, 2018 *apud* Vignoli; Rabello, 2021, p. 2).

Portanto, percebe-se que esse movimento ganhou ainda mais espaço com a emergência das redes sociais digitais. Isso se deve à “liberdade” que as informações têm de circular no meio digital, sejam elas verdadeiras ou falsas; o mais importante é o engajamento que essa informação traz para determinada plataforma. Sendo assim, enunciados caracterizados como desinformação geralmente possuem um grande engajamento, isto é, curtidas e comentários, pois movimentam emoções e convicções dos sujeitos. Além disso,

para ganhar adeptos, as pessoas ou os movimentos negacionistas da realidade ou da ciência – como é o caso dos movimentos antivacina – tendem a simular práticas utilizadas pelo regime de informação em curso e, por esta razão, é difícil aos olhos dos não especialistas obter subsídios contra-argumentativos para algum questionamento às premissas negacionistas produzidas e disseminadas – como é o caso das premissas antivacina – haja vista que os formatos e as situações de expressão são, por vezes, semelhantes aos dos meios formais. (Vignoli; Rabello, 2021, p.14).

Ou seja, os movimentos negacionistas se utilizam de notícias falsas que são construídas discursivamente, de modo semelhante a uma notícia em um site de mídia tradicional, com uma estrutura específica. Além disso, os enunciados também são construídos em forma de artigo científico, entre outros formatos que validam esses enunciados como verdadeiros. Por esse motivo, mesmo que esses enunciados se caracterizem como desinformação, eles são compartilhados de maneira massiva, e muitos sujeitos sequer sabem que se trata de uma notícia falsa, afinal, sua estrutura formal costuma enganar os leitores.

Dando continuidade, alguns dias após afirmar que “nunca viu ninguém morrer de hidroxiclороquina”, Jair Bolsonaro voltou a mencionar o coronavírus. Dessa vez, o ex-presidente afirmou: “Quem pegou o vírus está imunizado. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou vírus para valer.” Essa fala foi proferida em uma *live* na rede social Facebook, no dia 17 de junho de 2021 (Facebook, 2021). Nessa *live*, Bolsonaro chegou a afirmar que já se considerava

imunizado, mesmo sem ter tomado a vacina contra o coronavírus, já que ele havia sido contaminado pelo vírus. Com esse discurso, retoma-se a tese de imunidade de rebanho ou imunidade coletiva, que consiste em: “atingir um ponto em que há uma quantidade suficiente de pessoas imunes ao vírus, interrompendo a transmissão comunitária. E, com menos indivíduos suscetíveis ao vírus, ele vai aos poucos deixando de circular.” (Sanches, 2021).

Entretanto, para o ex-presidente, a imunidade deveria acontecer por meio da contaminação, e não da vacinação contra o vírus. Assim, Bolsonaro se utilizou de uma tese científica que realmente existe e que funcionou em contextos diferentes daquele relativo à pandemia de Covid-19. É dessa maneira que se atribui efeito de verdade ao seu dizer: apoiando-se no conhecimento científico, uma vez que, em nosso tempo, “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem.” (Foucault, 2019, p. 52).

Além disso, também é importante observar o meio no qual o ex-presidente produz esse enunciado: uma rede social, um lugar reservado sobretudo para seus eleitores manterem contato quase que diário. Essa tática produz um efeito de proximidade com os eleitores e atribui à sua imagem efeitos como “presidente acessível” ou “presidente do povo.” Não obstante, antes e durante os quatro anos de mandato presidencial, Bolsonaro se utilizou bastante de suas redes sociais digitais, evitando contato com jornalistas e com a mídia tradicional, visto que ele e seus eleitores faziam duras críticas ao jornalismo tradicional. Esse comportamento é típico da “era da pós-verdade”, e foi visto tanto no Brasil de Bolsonaro, quanto nos Estados Unidos de Donald Trump, entre outros.

Ainda sobre o enunciado, importa ressaltar que, nele, Bolsonaro volta a utilizar um tom pessoal em sua fala, utilizando a si mesmo como exemplo para dizer que sobreviveu ao vírus. Com tal estratégia, são produzidos efeitos de verdade sobre o que é dito por ele, já que o fazia, supostamente, com “conhecimento de causa”. Trata-se de um enunciado que, no ouvinte, pode produzir os seguintes efeitos: “se o presidente do país sobreviveu ao coronavírus, logo, eu também sobreviverei” ou “se o presidente sobreviveu, a tese da imunidade de rebanho se confirma.” Além do tom pessoal, o lugar de poder ocupado pelo ex-presidente é responsável por produzir verdade, bem como as palavras que são utilizadas em enunciados científicos, como “eficaz”, valendo-se mais uma vez do lugar de verdade atribuído às instituições científicas. Esse enunciado foi produzido após um ano de pandemia, quando o Brasil registrava 496.000 mortes pelo coronavírus. Assim, ele emerge em um momento histórico de ansiedade e medo, e reforça discursos negacionistas e antivacina.

2.5 O funcionamento discursivo das *fake news* nas mídias sociais digitais no contexto da pandemia pela Covid-19

Na era da pós-verdade, além da emergência de novas formas de enunciação política, há também novos funcionamentos discursivos como as *fake news*, que circulam em forma de boato e de maneira viral em redes sociais digitais como Facebook, WhatsApp, entre outros. Trata-se de enunciados que não possuem um locutor identificado e ganham valor de verdade pela repetição.

As chamadas *fake news*, as informações falsas ou ao menos distorcidas espalhadas nas redes sociais, se tornaram uma epidemia que percorre o mundo inteiro. Elas fazem parte de uma nova modalidade de guerra informativa, usada com objetivos políticos [...]. (Fontana, 2021, p. 93).

As *fake news* já existiam anteriormente, mas não com essa nomenclatura, eram chamadas de boatos. Além disso, apesar de serem utilizados com objetivos políticos, o alcance das notícias falsas era pequeno comparado ao momento atual, em que as redes sociais digitais amplificaram o impacto dessa desinformação, como pontuam Sargentini e Varoni (2021, p. 78):

É esse novo ecossistema de mídia que trouxe à tona algo já praticado na relação das pessoas com informações. No entanto, como eram reduzidas as possibilidades de o receptor se manifestar, as reações eram até então restritas aos ambientes físicos onde essas pessoas se inseriam.

Tendo isso em mente, é possível perceber que a grande “novidade” das *fake news*, isto é, o surgimento de um termo específico para se referir à boatos em rede social digital, é justamente o local no qual esses boatos circulam, além do fato de eles, geralmente, não possuírem um locutor identificado, ou seja, o fato de não haver sujeito a ser responsabilizado pela notícia falsa.

Para analisar o funcionamento discursivo das *fake news*, selecionamos primeiramente um enunciado presente em uma plataforma de mídia alternativa de extrema-direita, intitulada *Jornal Tribuna Nacional*. Essa plataforma foi retirada do ar no final do ano de 2023, após a justiça determinar que fossem apagadas as matérias que propagassem desinformação relacionando a vacina contra o coronavírus à Aids (Site, 2023). Apesar disso, importa lembrar que este foi um dos principais sites responsáveis pela propagação de *fake news* sobre a vacina durante o período mais crítico da pandemia, e foi muito utilizado como fonte em notícias postadas em redes sociais digitais de mensagens como o WhatsApp. Por isso, escolhemos

analisar alguns enunciados presentes nele. O site se autointitulava como sendo uma mídia alternativa, que preservava “a linha editorial conservadora e crítica, em que a pluralidade e o apreço aos fatos que a grande mídia não mostra são as bases de toda a nossa essência.”¹³

Conseguimos acessar o site do *Jornal Tribuna Nacional* por meio da plataforma *Wayback Machine*¹⁴, feita com iniciativa do *Internet Archive*, uma organização sem fins lucrativos que arquiva cerca de 960 bilhões de sites presentes na internet, mesmo que eles tenham sido excluídos. Assim, para acessar qualquer site em qualquer data, é necessário apenas copiar o link e colar no espaço solicitado na *Wayback Machine*, e selecionar a data específica do seu interesse. Em resumo, funciona como uma biblioteca digital, como afirmam os criadores da plataforma.

Dessa forma, pudemos acessar o layout do *Jornal Tribuna Nacional*, mesmo que ele já estivesse fora do ar, como podemos ver a seguir:

Figura 6: Tela inicial do site Jornal Tribuna Nacional



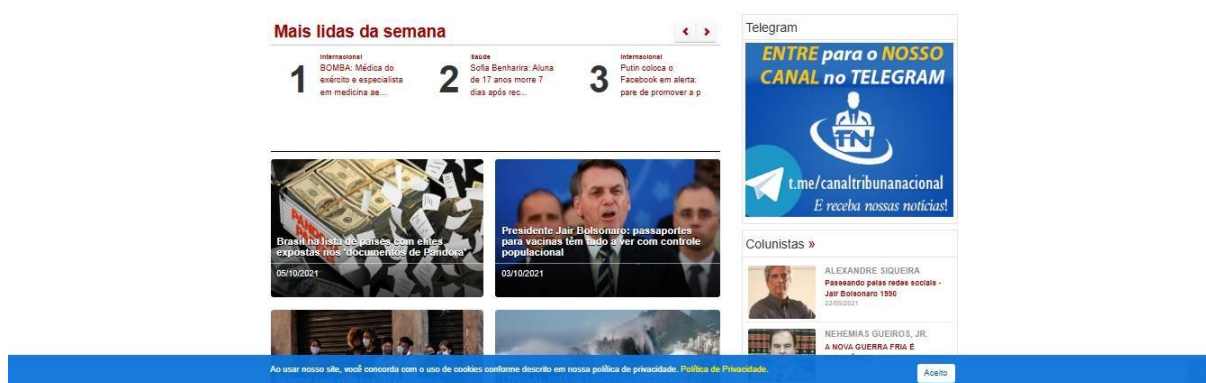
Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*.

O *Jornal Tribuna Nacional* possuía uma estrutura semelhante aos sites de mídia tradicional como o *Gl* e o *Uol*, com título e subtítulo, letras em fonte arial, além de abas separadas por temáticas como “política”, “saúde”, “entretenimento”, entre outros. Além disso, o site possuía uma seção de cadastro para usuários receberem notícias por e-mail, bem como a opção de entrar no canal deles na rede social digital Telegram.

¹³ *Jornal Tribuna Nacional*. Disponível em: <https://tribunanacional.com.br/inicio>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁴ *WayBack Machine*, 2024. Disponível em: <https://web.archive.org/>. Acesso em: 10 set. 2024.

Figura 7: Link para o canal do Telegram



Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*.

Essa é uma estratégia inteligente, pois os sujeitos que acessassem as redes sociais digitais do *Jornal Tribuna Nacional* ou fizessem seu cadastro para receber seus e-mails passariam a se informar apenas por meio da plataforma, conhecida por disseminar desinformação. Assim, cria-se uma “bolha” de sujeitos desinformados, manipulados por meio de discursos emotivos e sem pensamento crítico para questionar as notícias que consome. Além disso, o Telegram comporta um número infinito de pessoas em um canal, que é uma ferramenta responsável por transmitir mensagem a um grande público (Cosseti, 2020). No caso do *Jornal Tribuna Nacional*, são milhares de pessoas desinformadas e desinformando outras mais, sejam familiares ou amigos, e utilizando como fonte as notícias presentes na plataforma.

Dando continuidade, apesar do site apresentar muitas matérias acerca da pandemia de coronavírus, selecionamos para análise apenas enunciados que se referem diretamente à vacinação. A seguir, apresentamos a primeira *fake news* a ser analisada:

O imunizante CoronaVac é 100% eficaz na prevenção de casos graves e evita internação hospitalar. O imunizante não imuniza?

O tratamento precoce, usando remédios simples, como a hidroxicloroquina, a azitromicina, o zinco, junto com outros medicamentos, torna essa doença mais branda e impede que a maioria dos casos se agrave e evita a internação hospitalar.

Figura 8: *Fake news* retirada do site *Jornal Tribuna Nacional*

Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*, 2023.

A *fake news* acima questiona o efeito imunizante da vacina CoronaVac, produzindo um efeito de dúvida a partir do significado da própria palavra “imunizante.” Nesse sentido, percebemos que o enunciado é uma *fake news*, pois distorce o conceito de “imunizante”, inferindo que a vacina não imuniza, já que é 100% eficaz apenas nos casos em que o sujeito já está contaminado. Entretanto, segundo o neurocirurgião Fernando Gomes, em entrevista à CNN: “Sempre que você coloca uma substância em contato com o corpo físico e isso faz com que o sistema imunológico, a produção de anticorpos e até a imunidade sejam desenvolvidas, a gente dá o nome de imunizante” (Correspondente, 2020).

Ou seja, é por isso que as vacinas são chamadas de imunizantes, pois a expressão diz respeito à maneira como elas são desenvolvidas. Além disso, a eficácia da imunização não se refere apenas ao fato de o sujeito não contrair o vírus, mas sim ao fato dele contrair e ter sintomas amenizados graças à vacina. Nesse sentido, a CoronaVac registrou uma taxa de eficácia de 78% em casos leves e 100% em casos graves, que são superiores ao exigido pela Anvisa, a saber, 50% (Vacina, 2021). Assim, percebe-se que o autor do enunciado, que é desconhecido, “brinca” com os sentidos da palavra “imunizante” e produz uma desinformação.

Esse enunciado emerge num contexto de negociação sobre a liberação da CoronaVac para uso emergencial pela Anvisa, quando já se contabilizavam 400 mil mortes pelos coronavírus no Brasil. Ou seja, essa desinformação surge num contexto de medo e ansiedade, emoções que podem influenciar os sujeitos na leitura de uma matéria como essa, por exemplo. Sobretudo em um contexto de pós-verdade, em que há uma supervalorização das emoções e um grande desprezo pelos fatos.

Nessa perspectiva, o subtítulo da matéria também endossa o efeito de dúvida e descrédito à vacina causado pelo título, ao sugerir que o tratamento precoce é mais eficaz para combater o coronavírus. Assim, o enunciado produz efeito de verdade ao questionar a eficácia da vacina e sugerir como solução um tratamento que é supostamente eficaz por se tratar de uma “prevenção”, de uma medida a ser tomada anteriormente à contaminação pelo vírus e, por isso, teoricamente mais “branda.”

O tratamento precoce também ficou conhecido por “kit covid” e foi utilizado como política de enfrentamento à Covid-19 pelo Ministério da Saúde brasileiro, apesar de não haver eficácia comprovada contra o coronavírus. Esse kit era composto pelos medicamentos citados no enunciado, a saber: hidroxicloroquina, azitromicina, zinco e ivermectina. A tese do tratamento precoce foi amplamente defendida pelo ex-presidente brasileiro, inclusive durante o discurso de abertura na 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU (ONU, 2021).

Dando continuidade, o segundo enunciado que analisaremos foi retirado do site de mídia alternativa chamado *Terra Brasil Notícias*, campeão de compartilhamentos no WhatsApp e no Telegram, e responsável por liderar a comunicação bolsonarista nessas mídias sociais digitais (Site, 2021). Assim como o *Jornal Tribuna Nacional*, o *Terra Brasil Notícias* possui um design semelhante a sites de notícia pertencentes à mídia tradicional, com fonte em arial e abas separadas por assuntos, como podemos ver a seguir:

Figura 9: Página inicial do site *Terra Brasil Notícias*



Fonte: *Terra Brasil Notícias*, 2024.

A maneira como o site foi construído corresponde a um conteúdo impostor, na medida em que imita fontes genuínas, como apontado por Wardle (2017 *apud* Sargentini; Varoni, 2021) no quadro chamado “ecossistema da desinformação”. O site foi criado no ano de 2020 por Junior Melo e, segundo a *Folha de São Paulo*, “já foi prestigiado pelo próprio Bolsonaro e pelo ministro de desenvolvimento regional, o potiguar Rogério Marinho.” (Site, 2021). Numa análise prévia da página inicial do site, percebe-se que ele é dividido em notícias para o público geral e as exclusivas para assinantes. Além disso, do lado direito da página, há uma seção de login, em que o leitor pode cadastrar seu e-mail e colocar uma senha, para fazer parte dessa “comunidade” e inclusive receber notícias por e-mail, além de possibilitar o contato com as mídias sociais digitais do X¹⁵, do WhatsApp e do *Terra Brasil Notícias*.

Essa convergência de mídias proporciona um maior engajamento dos usuários e aumenta a possibilidade de distribuição da desinformação, principalmente se considerarmos a utilização do link do site como fonte para respaldar essas notícias falsas e lhes atribuir caráter de verdade, afinal, o próprio site possui uma estrutura que imita plataformas jornalísticas, com utilização de logomarca e slogan. Dessa maneira, podemos afirmar que “As fake news, assim, tomariam emprestado do jornalismo, pela emulação de seus padrões de linguagem, a credibilidade e a legitimidade para a narrativa falsa que propagam, apoiando-se em sua função social.” (Shudson, 2003; Bertolini, 2016 *apud* Requero; Gruz, 2019, p. 33). Apresentamos um enunciado a seguir que confirma o fato das *fake news* serem construídas com base na linguagem jornalística.

¹⁵ Novo nome dado à mídia social que antes era conhecida como Twitter.

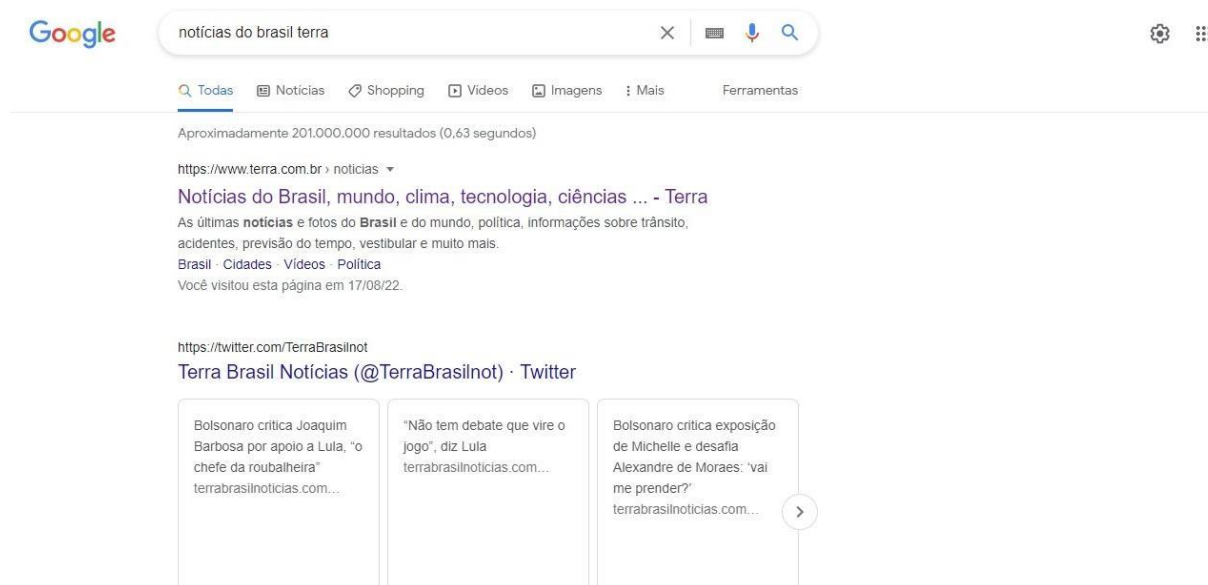
Figura 10: Logomarca e slogan do site *Terra Brasil Notícias*



Fonte: *Terra Brasil Notícias*, 2024.

Esse slogan de marca se assemelha ao utilizado pelo ex-presidente presidente do país, Jair Bolsonaro, que diz: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.” Ao utilizar um slogan semelhante ao do governo, o site se coloca em uma posição de aliado e defensor do governo bolsonarista, produzindo um efeito de confiança nos usuários da plataforma, sobretudo nos eleitores do antigo governo. Além disso, é interessante perceber a semelhança entre o nome do site de mídia independente – *Terra Brasil Notícias*, e o site de mídia tradicional – *Terra Notícias*¹⁶. Até mesmo quando se pesquisa no google “notícias do Brasil terra”, aparece como sugestão a mídia social X do site *Terra Brasil Notícias*, e ainda na primeira página do *Google*.

Figura 11: Página de pesquisa do Google



Fonte: Google, 2022.

Nesse sentido, um usuário pode facilmente confundir as duas plataformas de mídia, ou ainda inferir que o *Terra Brasil Notícias* e o *Terra Notícias* são uma mesma plataforma, afinal,

¹⁶ *Terra*, 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

o nome e o design são semelhantes, com predominância da cor laranja nos dois sites. Assim, a escolha do nome semelhante ao site *Terra Notícias* corresponde a um conteúdo impostor, o qual imita fontes genuínas a fim de enganar o leitor, como analisado por Wardle (2017 *apud* Sargentini; Varoni, 2021) no “ecossistema da desinformação”. Somado a isso, o *Terra Notícias* possui bastante tradição, e ao ser confundido com o site de mídia alternativa, pode atribuir ao segundo efeitos de poder e verdade, o que se estenderia a todas as matérias nele publicadas.

Nesse contexto, selecionamos um enunciado para análise utilizando a aba de pesquisa e os dizeres “vacina”. A partir disso, encontramos uma matéria publicada no dia 21 de julho de 2022, quando o Brasil tinha 676.551 óbitos causados pelo coronavírus (Brasil, 2022b). Tal enunciado fala sobre o jornalista William Bonner, da emissora Rede Globo (Vacinado, 2022):

Figura 12: Notícia sobre o jornalista William Bonner infectado por Covid-19

Início > Governo

Vacinado com 4 doses e ‘fiscal do isolamento’, William Bonner está com Covid pela 1ª vez

Por Terra Brasil — 21/jul/2022 Em Governo



Fonte: Terra Brasil Notícias.

Os efeitos de poder e verdade produzidos a partir do título da notícia podem ser considerados bastante sutis para algumas pessoas, mas não passam despercebidos e produzem efeitos de ironia e dúvida acerca da eficácia da vacina contra o coronavírus. Assim, são produzidos efeitos de poder como “apesar de estar vacinado, ainda assim, Bonner foi infectado”; ou ainda, “mesmo sendo o maior defensor do isolamento social, William Bonner foi infectado com o vírus.” Tais efeitos produzem um discurso irônico, sobretudo ao nomear o jornalista como “fiscal do isolamento”, como se o fato de Bonner ter contraído o coronavírus deslegitimasse seu discurso em defesa da imunização e do isolamento, sobretudo nos momentos mais críticos da pandemia.

Nesse sentido, a ironia é produzida a partir de efeitos de poder falsos e equivocados, que fazem com que esse enunciado se configure como uma desinformação, e considerando o ecossistema da desinformação produzido por Wardle (2017 *apud* Sargentini; Varoni, 2021), esse enunciado apresenta um conteúdo enganoso, pois enquadra a questão da infecção por Covid-19 do jornalista William Bonner, bem como o fato dele ser defensor do isolamento

social e já ter sido imunizado pela quarta vez, produzindo, dessa forma, efeitos de dúvida e ridicularização. Além disso, se caracteriza como uma *fake news*, já que produz efeitos de falsidade, e não possui um agente identificado por nome ou instituição.

A partir desse enunciado, podemos inferir também que há uma crítica indireta à postura política de Bonner que optou por defender abertamente as diretrizes e recomendações dos órgãos de saúde, que aconselharam o isolamento social, a vacinação e o uso de máscaras. Assim, ao criticar a postura do jornalista de uma maneira irônica e sutil, e produzindo efeitos discursivos falsos, o jornal também deixa evidente sua postura política, isto é, alinhado a discursos anticiência e antivacina.

Isso se prova quando, em outra matéria publicada pelo site dias antes, mais especificamente em 7 de julho de 2022, quando o país já possuía 673. 126 óbitos por Covid-19, na qual o título revela mais uma vez a que formações discursivas o *Terra Brasil Notícias* pertence:

Figura 13: USP exige comprovante de vacinação



Fonte: *Terra Brasil Notícias*.

Com o título “USP priva direito constitucional de alunos à educação e exige vacinação de alunos para assistirem às aulas” (USP, 2022), o enunciado se utiliza de um documento federal, isto é a Constituição Brasileira de 1988, para produzir efeitos de poder e verdade. Essa estratégia de menção a um documento de saber-poder e de importância como a Constituição Federal, faz com que a notícia ganhe estatuto de verdade, afinal “a verdade não existe fora do poder ou sem poder.” (Foucault, 2019, p. 51).

Ao afirmar, erroneamente, que a USP está privando os alunos o direito à educação ao pedir o comprovante de vacinação contra o coronavírus num contexto, ainda, pandêmico, o enunciado produz efeitos de falsidade e se trata de uma desinformação. A escolha da entidade educacional tem como base estudos de pesquisadores, os quais chegaram à conclusão, junto aos governos estaduais do Brasil, que apenas duas doses não são o suficiente para garantir a contenção da pandemia, sobretudo num contexto de volta às aulas presencial (Reitoria, 2022).

Dessa forma, assim como na matéria sobre o jornalista William Bonner, nesse enunciado, o *Terra Brasil Notícias* deixa evidente sua linha editorial, assim como a quais formações discursivas o site pertence e se identifica: antivacina, anticiência e negacionista. Assim, aqueles sujeitos que se identificam com esses discursos, facilmente são convencidos por essas *fake news* e outras, sobretudo com a utilização de estratégias como a menção à documentos federais, entre outras ferramentas de saber-poder.

Essa estratégia se mostra recorrente nos enunciados analisados neste trabalho, sejam eles pós-verdade ou *fake news*, isto é, a utilização de instituições de saber-poder para validar o discurso defendido. No caso da pós-verdade, o locutor autorizado, além de pertencer a uma instituição de poder, geralmente recorre ao léxico científico em seu dizer, ou ainda a fontes da ciência. O mesmo caso acontece com as *fake news*, e por isso constatamos que essa estratégia é uma regularidade discursiva presente na estrutura dos enunciados de desinformação, sejam eles caracterizados como *fake news* ou como pós-verdade.

3. O DISCURSO E AS EMOÇÕES: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO MEDO

Nesse último capítulo, apresentamos uma breve retomada histórica da relação entre as emoções e o discurso, bem como da história dos regimes discursivos do medo no Ocidente. Para isso, movimentamos conceitos como medo líquido, de Bauman (2022), memória coletiva (Cordeiro, 2015), e intericonicidade (Courtine, 2013). Em seguida, selecionamos enunciados falsos que funcionam tanto como pós-verdade quanto como *fake news*, a fim de analisar como eles são responsáveis por produzir o discurso do medo da vacina.

3.1 As emoções e o discurso: uma breve retomada histórica

Para falar sobre as emoções, retomaremos alguns períodos históricos da sociedade ocidental, começando com a Antiguidade Clássica e os gregos, a partir das considerações feitas por Maurice Sartre (2020). Nesse período histórico, ainda não existia o termo “emoção” como conhecemos atualmente, isto é, não existia uma terminologia específica, apenas palavras que eram tomadas como sinônimos. Como exemplo, temos os termos gregos *thorybos*, que significa tumulto; *kínesis*, movimento; e *tarachê*, um movimento interior (Sartre, 2020).

Assim, as discussões sobre esse termo parecem encontrar concordância em Aristóteles, que cunhou o termo *pathes* se referindo às emoções. O filósofo definia que as *pathes* são sofridas pelo indivíduo, que sente prazer ou sofrimento (Sartre, 2020). Nessa perspectiva, Sartre (2020, p. 30) pontua: “Aristóteles, que consagra uma parte importante de seu livro II da Retórica às emoções [...] emprega o termo páthos para designar diversos sentimentos violentos que nós denominamos emoções.”

Para explicar a relação dos gregos com as emoções, Sartre (2020) retoma os deuses: “A mitologia grega mostra uma vasta variedade de emoções humanas. Os deuses, à imagem dos humanos, sentem emoções violentas, e neste particular a sociedade divina em quase nada difere da sociedade dos homens.” (p. 41). Além disso, quando os fiéis precisavam pedir ajuda de alguma divindade, eles se utilizavam também das emoções, para despertar a misericórdia e a bondade do deus ou da deusa. Por isso, “existe incontestavelmente nos santuários e nas manifestações que lhe são ligadas uma encenação própria para emocionar, para provocar o medo, a admiração, o entusiasmo.” (Sartre, 2020, p. 46).

Dando continuidade, Sartre (2020) também analisa a relação entre a palavra pública e as emoções:

A cidade grega democrática é o lugar por excelência da palavra política, e Aristóteles, que consagrou uma obra à retórica, simplesmente continuou esta tradição de explorar o político. Ora, é da natureza da eloquência política brincar não somente com a razão, mas também com a tonalidade das emoções [...]. (Sartre, 2020, p. 58)

Ou seja, se antes as emoções eram vistas como fraqueza e algo pouco viril, de acordo com a literatura grega clássica, como a *Iliada*; agora, as emoções são vistas como produtivas e utilizadas no discurso político como ferramenta de persuasão. Por isso, Platão afirma que não estamos mais lidando com uma democracia, e sim com uma teatrocracia, visto que o papel principal dos políticos na assembleia grega seria atuar, ou seja, fazer desse trabalho político um verdadeiro espetáculo. Assim, quanto mais belo e emotivo fosse um pronunciamento, mais admirada e convencida a população ficaria. Dessa forma, na antiga sociedade grega,

as emoções ocupam um lugar de decisão no desdobramento da vida pública. Em três domínios, ao menos, elas exercem uma função decisiva na vida da comunidade à época clássica: na assembleia do povo, no teatro e nos funerais oficiais.” (Sartre, 2020, p. 46)

Na Antiguidade, além do povo grego, os romanos também tinham uma visão semelhante sobre as emoções e se relacionavam com elas de forma parecida. Assim, o conceito de “emoções” que conhecemos atualmente ainda não existia na Roma Antiga: “Se, portanto, não é possível falar inocentemente de “emoções” na Roma antiga, isto não significa afirmar que os romanos não as tenham conhecido ou experimentado, mas que as conceberam diferentemente.” (Sartre, 2020, p. 86).

Nesse sentido, assim como os gregos, os romanos também perceberam que era produtivo utilizar as emoções como instrumento político, mais precisamente no que diz respeito à eloquência na fala: “Eis o que notadamente testemunha a eloquência, onipresente em Roma, cuja regra de ouro se resumia a três infinitivos: *delectare, docere, movere*: ‘agradar’, ‘instruir’, ‘comover’.” (Vial-Logeay, 2020, p. 89).

Assim como os gregos que possuíam a retórica, isto é, a arte da fala, os romanos possuíam a “eloquência patética”, que possui influência grega: “Trata-se de um festival de emoções que associa gestos, expressões faciais e modulações de voz controladas e outros procedimentos que constituem a marca registrada do orador.” (Vial-Logeay, 2020, p. 90). Esse festival de emoção era chamado *actio*, uma habilidade obrigatória a todo orador romano. Além disso, para os romanos, apesar das emoções serem experimentadas de maneira semelhante entre as classes, isto é, a aristocracia e a plebe, há diferenças na qualidade do

controle que as emoções exercem sobre elas. Por isso, “Diante de tais excessos, o romano bem-nascido sabe guardar sua compostura. Este código não é unicamente social, é também moral [...]” (Vial-Logeay, 2020, p. 90).

A partir dessa discussão sobre a expressão material das emoções na Grécia e na Roma Antigas, percebemos que, diferentemente do que se pensa, a relação entre as emoções e o discurso não se configura como subjetiva, e se dá a partir de uma expressão material. Por isso, a expressão de emoções não é um acontecimento natural, inato ou hereditário: “estados afetivos são tomados por fluxos de pensamento que vêm, em nosso espírito do exterior, e que estão em nós porque se encontram também nos outros.” (Halbwachs, 2009, p. 201).

Halbwachs (2009) enfatiza que existe uma ordem das emoções, assim como existe uma ordem do discurso, isto é, não é em todo lugar que se pode expressar certas emoções, também não é qualquer pessoa que pode expressá-las. Assim, nossas emoções se submetem a uma verdadeira disciplina social, e é a sociedade que dita como devemos reagir a certos acontecimentos (Halbwachs, 2009).

Por isso, as emoções jamais serão experimentadas de maneira individual, assim como a forma que elas são expressas demandam manifestações coletivas: as emoções se exaltam quando são compartilhadas. Nessa esteira, Febvre (1985) pontua que as emoções são contagiosas e, ao longo do tempo, se tornaram perigosas, sobretudo por produzirem discurso. Nas emoções compartilhadas e multiplicadas, há eficácia e poder.

Nessa perspectiva, as emoções possuem um caráter histórico que não pode ser ignorado. Por isso, a lembrança de algum acontecimento retoma em nós sentimentos que estavam guardados. Essa retomada, que também é histórica, pode ser responsável por nos persuadir sobre algo de maneira instantânea (Halbwachs, 2009). Por serem históricas, as emoções também possuem especificidades culturais, isto é, são sentidas e expressas de maneiras distintas a depender da sociedade.

O luto é um exemplo disso. Em sociedades ocidentais, indivíduos em luto costumam utilizar roupas pretas. Entretanto, alguns povos orientais, como os japoneses, utilizam vestimentas brancas para simbolizar o luto. Assim sendo, as emoções “se submetem aos hábitos, costumes e tradições, e são por eles inspiradas graças a um conformismo, ao mesmo tempo, externo e interno.” (Halbwachs, 2009, p. 218).

A Revolução Francesa é um caso emblemático de como as emoções podem ser instrumentalizadas e, assim, tornarem-se políticas. Segundo Mazeau (2020, p. 145), “as emoções coletivas [...] são percebidas espontaneamente como causas da radicalização revolucionária.” A revolução surge, para ele, a partir de uma mudança de sensibilidade dos

franceses, originada pelas injustiças de classe, que se tornaram insuportáveis até mesmo fisicamente (Mazeau, 2020).

Dessa forma, a população francesa entende que, para derrubar o poder, é necessário utilizar como armas a “opinião pública” e as emoções. Nesse sentido, Mazeau (2020, p. 153) resume como as emoções eram expressas durante o período da Revolução, as quais são resultado de um impulso coletivo: “[...] as risadas tonitruantes, os barulhentos movimentos de alegria, as torrentes de lágrimas e os potentes clamores.”

Para além dessas emoções revolucionárias, havia também o medo sendo instrumentalizado pelas forças contrárias à Revolução. Esse medo era originado sobretudo a partir da repressão do Estado contra os revolucionários, que era realizada com base na violência física totalmente legalizada. “Reforçada pela censura e a má qualidade das informações que circulam, esse terror faz parte, portanto, do dia a dia.” (Mazeau, 2020, p. 161).

A partir dessa afirmação, percebemos o quanto a desinformação é uma importante aliada na produção discursiva do medo, sobretudo no que diz respeito ao pânico, ou seja, o medo coletivo. Isso é provado no contexto da Revolução Francesa, mas também, no contexto da vacinação contra a Covid-19, no episódio em que o ex-presidente Jair Bolsonaro afirma, em uma *live* no Facebook, que a vacina contra o coronavírus foi responsável pelo aumento no número de casos de AIDS. A *live* em questão foi excluída pelo YouTube e pelo Facebook devido à veiculação de desinformação.

Dessa forma, o medo é utilizado como um dispositivo político-sentimental (Mazeau, 2020), que tem como objetivo reprimir, silenciar e conformar, ou ainda, persuadir os sujeitos sobre algo. No contexto da Revolução, o medo era provocado sobretudo devido à guerra civil, entre os anos de 1792 e 1793 (Mazeau, 2020). O medo era utilizado tanto pelos opressores, representados pelo Estado, quando pela população oprimida, isto é, os revolucionários. Para os mais radicais, essa violência é legítima: tendo o objetivo de derrubar o poder, o povo não tem outra escolha, além de apossar-se do terror e utilizá-lo contra os opressores. (Mazeau, 2020, p. 163).

Além do medo, outras emoções também foram utilizadas como instrumento político a fim de vencer a Revolução, entre elas: o amor, o ódio, a alegria e a melancolia. Isso aconteceu porque os revolucionários perceberam que a ausência de emoções causava paralisia e alienação, e não contribuía em nada nas lutas políticas.

A experiência comum do medo, da alegria compartilhada diante das pequenas e grandes vitórias ou da dor após as prisões, as feridas ou a perda de “irmãos” e “amigos”, participa da criação de coletivos políticos, utilizando a linguagem da afeição, da fraternidade e do amor a fim de reunir e de mobilizar para além deles mesmos. (Mazeau, 2020, p. 172)

Isto posto, além das emoções coletivas possuírem força política, elas também constroem comunidade, comprovando o que diz Courtine (2016, p. 20): “o que produz os laços entre as emoções e o discurso é o caráter coletivo de muitas dessas emoções.” Do mesmo modo, Courtine (2016) retoma uma afirmação do filósofo Aristóteles, para reafirmar que não há discurso sem emoções, a saber, “não há discurso sem o *phatos*.”

Mas além de constituir o discurso, as emoções, sentidas e expressas comunitariamente são responsáveis por formar identidades coletivas (Mariot, 2020). Nesse sentido, “os ideais surgem de momentos de entusiasmo nos quais os indivíduos reunidos estão submetidos a sentimentos comuns.” (Mariot, 2020, p. 106). Portanto, os afetos tornam visível as crenças e convicções dos sujeitos.

Esses afetos comuns não precisam ser sentidos e expressos, necessariamente, a partir da proximidade física. Isso porque, “a eficácia à distância do sentir ‘com e como’ outros permite torná-la um sério candidato à definição do vínculo social nas sociedades modernas, caracterizadas pelo enfraquecimento das relações cara a cara.” (Mariot, 2020, p. 110). Dessa forma, relações construídas por meio das redes sociais digitais possuem grande potencial no que diz respeito à construção de vínculos emocionais e, conseqüentemente, ocasiona a socialização de crenças e convicções, que se tornam ainda mais fortes quando compartilhadas.

Quando utilizadas como instrumento político, as emoções se tornam verdadeiras armas de guerra. Para Mariot (2020, 113), “a socialidade das emoções políticas não vem de seu caráter coletivo, e sim do fato de serem preestabelecidas, de preexistirem em suas diferentes atualizações.” Isso implica dizer que as emoções políticas são técnicas instituídas a partir dos dispositivos de sensibilização. Segundo o autor, é necessário detectar esses dispositivos, pois

Trata-se de mostrar como a efervescência, seja entusiasmo ou ira, pode estar a um só tempo fora dos indivíduos, como modelo preestabelecido e dentro dos indivíduos na forma de atitudes progressivamente adquiridas pelo aprendizado da vida em sociedade.” (Mariot, 2020, p. 118)

Esses dispositivos de sensibilização são utilizados pelos profissionais da política para sensibilizar os públicos, sobretudo em eventos de grande porte como campanhas políticas, inclusive veiculadas na televisão, e são compostos por “um grande número de elementos (um vocabulário específico, pausas lógicas, figuras edificantes, sentimentos que devem ser

experenciados”. (Mariot, 2020, p. 118) Nesse sentido, entendemos que os dispositivos de sensibilização se utilizam das técnicas do corpo. Assim, palavras, gestos, olhares, vestimentas, entre outros, fazem parte desse dispositivo.

Nesse caso, é interessante observar como o dispositivo de sensibilização foi utilizado nos pronunciamentos do ex-presidente do país, que gerou momentos emblemáticos como a citação de uma passagem bíblica na *live* de vitória após a eleições de 2018, no Facebook (No live, 2018). A Bíblia Sagrada sempre foi um elemento presente nas aparições em redes sociais digitais do ex-presidente, e estava sempre à mesa, junto à Constituição Federal. Ambos os elementos foram utilizados como artifícios a fim de sensibilizar os sujeitos, evocando sentimentos de admiração, adoração, triunfo e empatia.

Outra imagem muito utilizada, que faz parte do dispositivo de sensibilização do antigo governo, é a foto do ex-presidente após procedimentos cirúrgicos, os quais ele afirma terem sido necessários devido ao ataque que sofreu em um comício no ano de 2018 (Internado, 2022). Nesse caso, esse enunciado evoca afetos como revolta, ódio, tristeza e empatia. Além disso, a partir dessas emoções, o dispositivo é responsável por produzir a imagem de “herói” e “mártir” de Jair Bolsonaro.

Durante a pandemia pela Covid-19 no Brasil, o governo Bolsonaro se utilizou de várias emoções para propagar discursos, sobretudo o medo, evocado quase sempre nos momentos em que o ex-presidente falava sobre as medidas sanitárias necessárias para conter o vírus, entre elas, a vacinação. Assim, para propagar discursos antivacina e contra o isolamento social, Bolsonaro precisou se utilizar do discurso do medo, sobre o qual discutiremos no tópico seguinte.

3.2 A história do medo no Ocidente e suas atualizações no mundo líquido-moderno

O medo é uma emoção-choque, provocada pela consciência de um perigo iminente (Delumeau, 2009). Nesse sentido, quando o medo se torna coletivo, corre o risco de transformar-se em pânico, como o pânico da AIDS, ou ainda, o episódio conhecido como “O grande medo”, que acometeu os camponeses da França após a Tomada da Bastilha. Nesses cenários, o medo é muitas vezes confundido com “ansiedade” ou “angústia”. Para o saber psiquiátrico, o medo possui um objeto identificado. Entretanto, o acúmulo de medos repetidos pode levar-nos a crises de angústia (Delumeau, 2009).

Para falar sobre medo, é preciso primeiro diferenciá-lo da ansiedade, que para Courtine (2020) se define da seguinte forma:

um estado permanente de ansiedade individual e coletiva parece ter colonizado as mentes e as sociedades no Ocidente. Essa ansiedade é vaga, difusa, líquida e nebulosa - como se queira - e contagiosa. Não conhece fronteiras e permanece presente na ausência mesma de perigo imediato ou identificável, como um “medo do próprio medo”. (Courtine, 2020, p. 426)

A partir dessa definição, entendemos que a ansiedade, diferentemente do medo, não possui um objeto identificado. Por isso, é uma emoção presente em todo momento, como uma neblina, aguardando a emergência de um acontecimento que desperte outras emoções, como o medo. Assim, percebe-se a importância dessa emoção na produção discursiva do medo:

Os grandes medos depositam sedimentos discursivos nas memórias coletivas, das quais a ansiedade os recolhe. A ansiedade é o campo da memória dos medos atenuados, filtrados, não completamente apagados. Os medos ali se ocultam, se enfraquecem, tornam-se irreconhecíveis, “brancos”, vazios, esquemáticos, mas nunca desaparecem completamente. (Courtine, 2020, p. 433)

Ou seja, quando um medo ressurgir em nossa memória discursiva é graças à ansiedade que recolhe os grandes medos da humanidade e os deposita em nossa memória; além disso, esses medos jamais retornam da mesma forma, e tomam forma material e discursiva de maneiras distintas, a depender do momento histórico de emergência, do acontecimento que o faz ressurgir e dos sujeitos discursivos envolvidos.

Sobre a memória das imagens, Jean-Jacques Courtine elabora a noção de intericonicidade a partir da ideia de campo associado de Michel Foucault, e a define como: “a rede de reminiscências pessoais e de memórias coletivas que religam as imagens umas às outras. É deste modo que toda fotografia suscita outra, que toda imagem estende ramificações genealógicas na memória das imagens.” (Courtine, 2013, p. 157). O mesmo funciona com as emoções, isto é, alguns discursos suscitam emoções que estão presentes em nossa memória coletiva como sociedade. Assim, existe toda uma rede de memórias afetivas ligadas a certos discursos e enunciados.

Sobre memória coletiva, Cordeiro (2015) a define a partir de Maurice Halbwachs: “A memória coletiva que nada mais é do que uma massa de recordações comuns que se constrói em paralelo à corrente de pensamento coletivo de um dado grupo.” (Cordeiro, 2015, p. 84). Assim, o grande diferencial entre a memória individual e a memória coletiva é a relação com o grupo. Isso implica dizer que:

A memória coletiva por sua vez é composta dessas memórias individuais convergentes, ela se solidifica como uma massa de recordações comuns que ganha consistência à medida que seus membros rememoram com mais vigor e constância, sendo que para isso precisam estar cada vez mais coesos, isto é, cada vez mais alinhados a uma corrente de pensamento coletivo comum. (Cordeiro, 2015, p. 83)

Entendemos que essa corrente de pensamento comum sobre a qual Cordeiro (2015) discute, corresponde aos conceitos de ideologia ou formação discursiva. Nesse sentido, sujeitos pertencentes a uma determinada cultura, país, movimento político ou grupo marginalizado, possuirão uma memória coletiva semelhante sobre determinado acontecimento. Temos como exemplo a pandemia de coronavírus que eclodiu em 2020 e que, apesar de proporcionar experiências distintas de acordo com cada país do mundo, foi responsável por criar memórias coletivas nos sujeitos, com vivências comuns e emoções sombrias que muitas vezes são sentidas e expressas apenas em situações de catástrofe como uma pandemia.

Dessa forma, os conceitos de memória discursiva e memória coletiva são essenciais para analisar o funcionamento discursivo das emoções, sobretudo porque tanto o movimento de sentir e o de expressar afetos possuem um poder ainda maior quando executados coletivamente. Nesse caso, a memória é um fator importante na produção de discursos afetivos, como o discurso do medo, da vergonha, da culpa, entre outros.

O medo foi uma das primeiras emoções experimentadas pela humanidade, como vimos anteriormente. Medo do mar, medo do diferente, medo da escuridão, medo dos lobos, entre outros, ocupavam a mente dos sujeitos de maneira ininterrupta. Nesse contexto, ao discutir acerca do conceito de “medo líquido”, Zygmunt Bauman compara o medo e a ansiedade: “o medo alivia da ansiedade, quando finalmente ele ocorre. Porque o medo tem um objeto, no medo sabemos o que nos ameaça, enquanto a ansiedade não tem objeto. Ou melhor, ela tem um, que não conhecemos.” (Courtine, 2020, p. 428). Dessa forma, se anteriormente o medo e a ansiedade eram confundidos, neste momento podemos apontar a principal diferença entre ambas as emoções: a determinação de um objeto. Por essas características, Courtine (2020) enfatiza que essas emoções alimentam uma à outra: se o medo existe é porque a ansiedade também o faz.

Além disso, para o autor, no século XX e no início do século XXI, houve três eras da ansiedade. A primeira se deu a ver após a Primeira Guerra Mundial. A segunda, após a Segunda Guerra Mundial, e a terceira após o 11 de setembro de 2001. Sobre a terceira era da ansiedade: “Uma terceira era da ansiedade se abriria mais tarde, à qual o 11 de setembro de

2001 também fornece uma referência cômoda, a dos medos planetários, econômicos, políticos, ambientais e sanitários.” (Courtine, 2020, p. 431). Nessa toada, considerando que a ansiedade é a emoção das massas, segundo Courtine (2020), podemos imaginar que em 2020 vivemos a quarta era da ansiedade, com a emergência da pandemia de coronavírus.

A partir dessas considerações sobre a relação do medo com a ansiedade, é necessário que retomemos a história do medo no Ocidente, para entender seu funcionamento e regimes discursivos. O historiador Jean Delumeau (2009), em sua obra *História do medo no Ocidente*, faz uma retomada histórica, em ordem cronológica, dos “medos da maioria” que assombraram a sociedade ocidental até os dias atuais.

Assim, o primeiro grande medo do ser humano foi o mar, desde a Antiguidade até o século XIX. Esse fato era visto sobretudo na literatura mundial, com narrativas diversas sobre naufragos, e nos documentos históricos que relatam o mar como um grande traiçoeiro. Por esse motivo, a mentalidade coletiva da época estabelecia relações entre mar e pecado.

Além do mar, Delumeau (2009) estabelece que um dos grandes medos da maioria passou a ser o outro, isto é, o diferente. Para ele, um reflexo desse medo do outro pode ser visto nas grandes revoltas religiosas que aconteceram entre os séculos XVI – XVII. Nesse período, temia-se não somente o distante, mas também o próximo, o vizinho. As suspeitas em relação ao vizinho, que parece estar na origem de tantas denúncias por feitiçaria, foi uma constante das civilizações tradicionais.” (Delumeau, 2009, p. 86).

Outros medos do “homem de antigamente” são a adivinhação, a feitiçaria e os lobos. O homem dessa época, sobretudo do universo rural, tinha muito medo de feitiços que os deixassem estéreis, conhecidos como o nó da agulheta. “Emergem, enfim, insistentes apreensões: a esterilidade, a impotência, a loucura, a ‘má noite’, a perda das colheitas e dos rebanhos.” (Delumeau, 2009, p. 98-99). Não bastassem os medos já citados, o lobo se torna uma figura de temor no pensamento coletivo dos sujeitos: “No âmbito das representações conscientes, era o animal sanguinário inimigo dos homens e dos rebanhos, companheiro da fome e da guerra.” (Delumeau, 2009, p. 102).

Finalmente, Delumeau (2009) apresenta a causa de maior temor na Europa entre os séculos XIV e XVI, a chamada peste negra: “durante quase quatrocentos anos, a peste fora, segundo a expressão de B. Benassar, ‘um grande personagem da história de ontem’”. (Delumeau, 2009, p. 156). A peste eclodiu na Europa no período conhecido como Idade Média, e foi responsável pela morte de milhares de pessoas em um curto período de tempo. Por isso, é um acontecimento que movimentou as emoções dos sujeitos, sobretudo sentimentos como a ansiedade e o medo, como afirma o autor: “mal enraizado,

implacavelmente recorrente, a peste, em razão de seus reaparecimentos repetidos, não podia deixar de criar nas populações ‘um estado de nervosismo e de medo’.” (Delumeau, 2009, p. 155).

Por esse motivo, Febvre pontua que o século XVI se tornou conhecido como “o século do medo sempre e em toda parte” (Bauman, 2022). Afinal,

A peste é então uma “praga” comparável às que atingiram o Egito. É ao mesmo tempo identificada como uma nuvem devoradora que chega do estrangeiro e que se desloca de país em país, da costa para o interior e de uma extremidade à outra de uma cidade, semeando a morte à sua passagem. (Delumeau, 2009, p. 161)

Assim, além do impacto sanitário da peste em uma população, é preciso considerar também que, para os sobreviventes, a peste se tornou um trauma psíquico profundo (Delumeau, 2009). A doença afetou todas as áreas da vida humana, as relações entre os sujeitos, bem como a maneira de viver e de morrer, pois durante muito tempo os familiares dos mortos não puderam realizar uma cerimônia fúnebre, devido ao medo do contágio (Delumeau, 2009). Com a suspensão das cerimônias de despedida dos mortos, vê-se um verdadeiro desespero tomar conta da população:

Quando a morte é assim desmascarada, “indecente”, dessacralizada, a esse ponto coletiva, anônima e repulsiva, toda a população corre o risco do desespero ou da loucura, sendo subitamente privada das liturgias seculares que até ali lhe conferiam nas provações dignidade, segurança e identidade.” (p. 181)

O mesmo fato aconteceu duramente a pandemia de coronavírus que acometeu o mundo a partir do ano de 2020, e na qual o sepultamento dos mortos pelo coronavírus era feito com o caixão fechado, sem velório e com um número reduzido de pessoas. Houve uma superlotação nos cemitérios do Brasil, ao ponto de serem abertos novos túmulos, além de em outros lugares, como Manaus, os mortos serem enterrados em valas comuns (Corpos, 2021).

Dando continuidade, para Delumeau (2009), a peste significou uma ruptura inumana na sociedade: “agora, eis aqui a cidade sitiada pela doença, posta em quarentena, se necessário cercada pela tropa, confrontada com a angústia cotidiana e obrigada a um estilo de existência em ruptura com aquele a que se habituara.” (p. 174) A peste evidenciou fenômenos complexos no que diz respeito ao enfrentamento à doença, isso porque, “o medo legítimo da peste levava a retardar pelo maior tempo possível o momento em que seria encarada de frente.” (p. 170).

Por isso, passou-se a evitar até o uso da palavra “peste” para explicar a endemia que assolava a sociedade naquela época. Nesse sentido, o autor pontua:

Constata-se então, no tempo e no espaço, uma espécie de unanimidade na recusa de palavras vistas como tabus. Evitava-se pronunciá-las. Ou, se eram ditas no começo de uma epidemia, era uma locução negativa e tranquilizadora como “não é a peste propriamente dita”. Nomear o mal teria sido atraí-lo e demolir a última muralha que o mantinha a distância.” (Delumeau, 2009, p. 172)

Essa postura também pode ser vista no contexto da pandemia da Covi-19, nas declarações do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, o qual afirmou, no dia 20 de março de 2020, que o coronavírus era apenas uma “gripezinha” (2 momentos, 2020), desprezando a gravidade da doença que já havia matado milhares de pessoas fora do país, em um curto período de tempo, e que já havia sido declarada como pandemia pela OMS.

No contexto da peste, foram tomadas algumas medidas de enfrentamento à doença, e a mais conhecida delas foi a quarentena, que consiste em isolar pessoas que manifestaram algum sintoma da doença. Além disso,

todas as crônicas da peste insistem também na interrupção do comércio e do artesanato, no fechamento das lojas, até das igrejas, na suspensão de qualquer divertimento, no vazio das ruas e das praças, no silêncio dos campanários. (Delumeau, 2009 p. 175)

O mesmo aconteceu no contexto da pandemia de coronavírus em nível mundial, no qual a OMS instituiu o uso de máscaras, além de aconselhar que se evitasse aglomeração. Por isso, em muitos países, inclusive no Brasil, o comércio foi fechado, assim como as igrejas e templos religiosos, além de ter sido proibida a aglomeração de pessoas em lugares abertos como praias e praças. Como disse Delumeau (2009), “agora, eis aqui a cidade sitiada pela doença, posta em quarentena, se necessário cercada pela tropa, confrontada com a angústia cotidiana e obrigada a um estilo de existência em ruptura com aquele a que se habituara.” (p. 174).

No cenário da peste, com o medo da contaminação e da morte, bem como a ansiedade gerada pelo contexto de quarentena, muitos sujeitos da elite tinham como “fuga” o estoicismo, como aponta Delumeau (2009): “evitaremos melhor a peste se não cedemos ao pavor, se nos armarmos de bom humor e de forte dose de serenidade estoica. Mas são palavras e conselhos de uma elite intelectual e moral.” (p. 184).

Ainda segundo o autor, a população utilizava como medidas sanitárias para se protegerem o uso de “fogos e perfumes, máscaras protetoras, isolamento dos doentes e das casas contaminadas, limpeza das ruas, afastamento apressado dos cadáveres, morte dos animais considerados suspeitos etc.” (Delumeau, 2009, p. 203). Nesse contexto, “o tempo de ‘pestilência’ via então multiplicarem-se os charlatães e os vendedores de amuletos, talismãs e filtros miraculosos.” (Delumeau, 2009, p. 211).

Assim sendo, não há como não retomar o acontecimento da pandemia de coronavírus que, na medida em que o número de mortos e infectados aumentava, emergiam discussões acerca de supostos medicamentos que seriam eficazes para evitar a infecção pela Covid-19, afirmação que jamais foi comprovada cientificamente. Dessa forma, houve uma disputa de narrativas no contexto político e midiático, no qual o ex-presidente Jair Bolsonaro estava envolvido, e defendia de maneira insistente o uso do “tratamento precoce” ou do “kit covid” para prevenir a contaminação pelo vírus (Bolsonaro, 2021).

Em um contexto de pânico e ansiedade como uma pandemia, esse tipo de “solução milagrosa” surge como uma verdadeira praga, “contaminando” todos ao seu redor. No caso da Covid-19 no Brasil, essas “soluções milagrosas” emergiam sempre em forma de enunciados falsos, que se difundiam principalmente das mídias sociais digitais, ou ainda, pelos pronunciamentos de figuras importantes no governo Bolsonaro, como o próprio ex-presidente e o Ministério da Saúde.

Considerando esse movimento analítico que consiste em retomar discursivamente o acontecimento da peste negra ao observar o acontecimento discursivo da pandemia de coronavírus no Brasil, percebemos que o medo tem regularidade em acontecimentos discursivos como pandemias e epidemias. Além disso, é possível relembrar a afirmação de Courtine (2020) sobre o fato de os grandes medos depositarem sedimentos em nossa memória discursiva, a qual é responsável por sempre retomá-los a depender das condições de emergência dos acontecimentos. Isso implica dizer que os grandes medos se encontram no nosso inconsciente, como afirma Bauman (2022, p. 20):

Repetidas vezes e nos últimos tempos num ritmo visivelmente acelerado, os perigos nos lembram que eles permanecem realistas, apesar de todas as medidas de precaução que tomamos [...] são retirados da cova rasa em que foram enterrados, apenas alguns centímetros abaixo da superfície de nossa consciência, e lançados brutalmente à luz de nossa atenção.

Assim, os medos de outrora se unem aos medos atuais e produzem novos discursos, saberes e subjetividades. Apesar disso, a maneira como o medo é experimentado e expressado

atualmente possui características distintas do passado, sobretudo devido à emergência das redes sociais digitais, bem como à racionalidade neoliberal que predomina mundialmente e é responsável por fazer circular ou não certos discursos, além de atribuir às emoções um caráter “líquido”, como afirma o filósofo Zygmunt Bauman.

Para o autor, “a vida líquida flui ou se arrasta de um desafio e de um episódio para outro, e o hábito comum dos desafios e episódios é a sua tendência a terem vida curta.” (Bauman, 2022, p. 14). Assim sendo, o mesmo acontece com a expectativa de vida dos medos atuais, que possuem uma duração mínima, até que outra enxurrada de medos em forma de informações e desinformações nas redes sociais aflijam os sujeitos, colocando-os em uma eterna “neblina” de ansiedade e medo (Bauman, 2022). Sobre a ansiedade, Courtine e Piovezani (2024, p. 173) apontam que “em nossos tempos, medo e ansiedade são indissociáveis um do outro, se pressupõem e se alimentam um do outro.”

A confusão dos tempos e dos lugares, das ações e dos objetos e ainda dos riscos imaginários e dos perigos reais vigora nos discursos em que se materializam os medos contemporâneos. Além disso, esses discursos constituem uma modalidade enunciativa singular. Sabemos a quem esse discurso se dirige, quem é por ele interpelado, mediante vias cada vez mais segmentadas e quase sem mediação, com os *big data* e as redes sociais. (Courtine; Piovezani, 2024, p. 171)

Dessa forma, os modos de circulação de informações e, sobretudo, desinformações nas redes sociais digitais propiciam a emergência de emoções como o medo, a ansiedade e o pânico, visto que são ambientes com grande quantidade de pessoas, e esses afetos geralmente pertencem à massa, como afirma Courtine (2020). Além disso, se essas emoções se caracterizam pela “confusão dos tempos e dos lugares”, não há lugar de emergência mais conveniente para tal do que as mídias digitais, que são responsáveis, atualmente, pela difusão descontrolada de desinformação e discurso de ódio.

Nesse sentido, com a emergência da pandemia de coronavírus, não há dúvidas de que houve a retomada do “medo da peste” na memória discursiva dos sujeitos. Diferentemente do contexto da peste na Europa, em que não se tinha muitas informações e formas de se proteger do vírus, a não ser a quarentena, no cenário da pandemia da Covid-19, tivemos grande acesso a informações sobre proteção, como o uso de máscaras, higienização constante das mãos, proibição de aglomeração de pessoas etc. Entretanto, esse fácil acesso possui um lado negativo, isto é, o contato e a disseminação de informações falsas, sobretudo das mídias sociais digitais, utilizadas como meio de acessar informações pelos sujeitos nessa última década.

Finalmente, entendemos que o medo possui um objeto enquanto a ansiedade não. Essa característica é importante para compreender como a ansiedade auxilia na produção do medo no contexto das redes sociais digitais, afinal, ela é uma neblina, difusa e confusa, que encontra certo alívio quando um medo se confirma. Assim, a ansiedade se constitui como uma angústia onipresente, independente de objeto ou não, algo como “o medo do próprio medo” (Bauman, 2022). Nesse contexto, para Courtine e Piovezani (2024, p. 188):

A ansiedade concebida como discurso é uma espécie de condição de possibilidade dos enunciados do medo, nos quais as inquietações e angústias virtuais e latentes se cristalizam em pré-constructos de medos particulares que se atualiza em formulações discursivas investidas de objetos e sujeitos identificáveis.

Por isso, os autores afirmam que a noção de formação discursiva ainda é necessária para analisar o funcionamento das emoções como discurso, considerando a genealogia desses afetos. Para isso, é necessário que o trabalho com a noção de formação discursiva seja atualizado considerando que “os objetos com os quais lidamos atualmente são fluxos discursivos, instantâneos, desterritorializados e disseminados em redes.” (Courtine; Piovezani, 2024, p. 189).

Assim, ao retomarmos alguns regimes discursivos do medo, bem como suas atualizações no mundo líquido, entendemos que se faz necessário uma nova maneira de analisar os discursos, tanto devido à complexidade das emoções na modernidade, quanto devido ao fato de que há novas formas de circulação dos discursos, e novas e líquidas subjetividades no século XXI. Nesse contexto, na próxima seção, propomos uma análise discursiva considerando os fatores discutidos nesse tópico.

3.3 A produção discursiva do medo em pós-verdades no contexto da pandemia pela Covid-19

Neste tópico, faremos a análise de três enunciados que funcionam como desinformação, que foram produzidos pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e possuem o funcionamento discursivo de pós-verdade. O primeiro enunciado emergiu em 8 de dezembro de 2021, durante uma entrevista do ex-presidente à *Gazeta do Povo*, na qual ele afirma: “Da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar. Até porque os efeitos colaterais e adversos são enormes”. (Fagundes, 2021).

No momento de emergência desse enunciado, o Brasil contava com 617.784 mortos pela Covid-19, e nesse dia em específico, houve 137 óbitos causados pelo vírus. Além disso, as vacinas Coronavac e Astrazeneca já haviam sido liberadas em caráter de emergência pela Anvisa desde 17 de janeiro de 2021. Nesse sentido, a eficácia da vacinação fica evidente ao observarmos o número reduzido de óbitos diários em comparação com as estatísticas anteriores à liberação das vacinas.

Dando continuidade, a partir desse pronunciamento feito por Bolsonaro, são produzidos efeitos como “a escolha por tomar a vacina é individual”; ou ainda, “quem não quiser tomar o imunizante não deve ser obrigado”; e por último, “é melhor não tomar a vacina já que os efeitos colaterais são inúmeros”, entre outros. Todos esses efeitos evidenciam o caráter de desinformação desse enunciado, que se configura como um conteúdo enganoso, pois enquadra uma questão se utilizando de informações falsas, como é apontado no “ecossistema da desinformação” de Wardle (2017 *apud* Sargentini; Varoni, 2021). Portanto, o discurso do ex-presidente funciona como uma desinformação, e possui o funcionamento discursivo de uma pós-verdade, uma vez que há um agente identificado, pertencente a um lugar de poder, e que produz notícia falsa estando ciente e com o propósito de enganar um grupo de pessoas (Fontana, 2021).

Assim sendo, a partir da afirmação: “da minha parte, eu não tomei vacina e não vou tomar vacina. É um direito meu e de quem não quer tomar”, percebemos traços de um discurso neoliberal, que tem como base, sobretudo, o individualismo e a concorrência, isto é, “fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si.” (Dardot; Laval, 2013, p. 31). Esse discurso neoliberal é um reflexo da mudança mundial na forma de governar as condutas, que influencia diretamente nas subjetividades e nas relações sociais.

Dessa forma, discursos como esse refletem as dificuldades enfrentadas no combate ao coronavírus, sobretudo no primeiro ano de pandemia, visto que muitos sujeitos abriram mão de pensar e agir em coletividade para priorizar a individualidade. Essa atitude, fruto de uma racionalidade neoliberal e do negacionismo científico, isto é, discursos de movimentos antivacina e anticiência, fizeram com que muitas pessoas optassem por não se vacinar, não usar máscara e não respeitar o *lockdown*¹⁷.

Esse enunciado também produz efeitos de identificação e emoções como empatia e orgulho, que são retomadas a partir da palavra “direito”. Somado a isso, com o enunciado “até

¹⁷ Significa bloqueio total ou confinamento.

porque os efeitos colaterais e adversos são enormes”, percebemos efeitos de poder como “a vacina não é confiável pelos seus efeitos colaterais”, o que é uma desinformação, ou seja, um conteúdo enganoso. A partir desses enunciados, percebemos a utilização de um léxico científico, isto é, a utilização de palavras como “efeitos colaterais e adversos”, que atribuem ao enunciado um caráter de verdade, pelo fato do discurso verdadeiro ainda se apresentar em forma de discurso científico em nossa sociedade (Foucault, 2019).

Além disso, com a afirmação falsa de que os efeitos colaterais e adversos são enormes, produz-se o discurso do medo da vacina, sobretudo a partir do uso da palavra “enormes”, que é ampla e deixa espaço para várias interpretações em um sujeito que já possui em sua memória discursiva acontecimentos referentes à pandemia de coronavírus, isto é, mortes em massa, quarenta, falta de oxigênio, etc, bem como endemias e pandemias anteriores, além de emoções negativas sobre esses eventos.

Portanto, a partir desse pronunciamento do ex-presidente, entendemos que a produção discursiva do medo se dá por meio das condições de possibilidade do enunciado, nesse contexto, a proliferação de enunciados antivacina e negacionistas, bem como da retomada, na memória discursiva dos sujeitos, de acontecimentos epidêmicos e pandêmicos como a peste negra, que assolou a Europa, sobretudo na Idade Média. Assim, apesar dos sujeitos não terem vivenciado esse contexto histórico, leram e ouviram narrativas sobre ele nas instituições de saber como a escola e a universidade. Por isso, o acontecimento da peste, depositado no inconsciente dos sujeitos, é recolhido pela ansiedade, como diz Courtine (2020), e reemerge coletivamente a partir de situações de calamidade sanitária, como a pandemia da Covid-19.

Considerando que esse enunciado falso tem a posição-sujeito ocupada por uma figura de poder, isto é, Jair Bolsonaro, seu impacto e legitimidade são ainda maiores, afinal, o caráter de verdade de qualquer enunciado está diretamente ligado ao poder (Foucault, 2019). Por isso, quando uma figura de poder fala, um dos motivos para seu dizer tornar-se verdadeiro é o seu lugar institucional. Nesse contexto, entendemos que Bolsonaro atua como um agente da necropolítica, na medida em que dissemina desinformação em seus pronunciamentos, seja para entrevistas em jornais ou em *lives* nas redes sociais digitais.

Além disso, a postura de seu governo durante a pandemia sempre foi contrária às recomendações das instituições de saúde como a OMS, instituição a qual o ex-presidente fazia duras críticas, sobretudo acerca da recomendação de isolamento social, que nunca foi respeitada pelo parlamentar. Por isso, tornou-se um exemplo para seus apoiadores, afinal “governar é conduzir a conduta dos homens, desde que se especifique que essa conduta é

tanto aquela que se tem para consigo mesmo quanto aquela que se tem para com os outros.” (Dardot; Laval, 2013, p. 16).

Dando continuidade, o segundo enunciado a ser analisado nessa seção corresponde a uma pós-verdade pronunciada por Jair Bolsonaro no dia 20 de dezembro de 2020, numa *live* no Facebook na qual ele encontrou alguns apoiadores na cidade de Santa Catarina. Nessa data, o país já contava com 186.764 óbitos causados pela Covid-19 e as vacinas ainda não haviam sido liberadas pela Anvisa (Brasil, 2020). Nessa *live*, o ex-presidente afirmou: “eu tive a melhor vacina: o vírus”; e ainda enfatizou que não teve efeitos colaterais.

A partir dessa desinformação, produz-se efeitos como “quem foi contaminado pelo vírus já está vacinado” ou “se contaminar é mais eficaz que vacinar-se”; e por fim, “é melhor contrair o vírus que tomar o imunizante.” Esse enunciado possui características de pós-verdade, pois foi construído com o objetivo de enganar os sujeitos e foi pronunciado por um sujeito em posição de poder, conhecido por nome e titulação, presidente do Brasil à época.

No período de emergência de tal enunciado, o Brasil ainda não possuía programa de imunização contra o coronavírus, e a tese de imunidade de rebanho circulava, de maneira equivocada, nas redes sociais digitais e entre o próprio governo. O enunciado analisado é prova disso. A imunidade de rebanho “consiste em atingir um ponto em que há uma quantidade suficiente de pessoas imunes ao vírus, interrompendo a transmissão comunitária.” (Sanches, 2021). Entretanto, segundo especialistas, não há como chegar a esse ponto sem a vacinação da população, como afirma Helio Bacha, infectologista do Hospital Albert Israelita Einstein: “A imunidade coletiva nunca é entendida ou planejada permitindo que as pessoas fiquem doentes [...] a proteção coletiva que a imunidade de rebanho nos daria é sempre pensada no âmbito do uso de vacinas.” (Sanches, 2021).

Dessa forma, é perceptível que essa tese foi utilizada de maneira errônea pelos produtores de desinformação, assim como foi propagada de forma equivocada pelo ex-presidente. Por esse motivo, várias autoridades de saúde contrariaram essa fala de Jair Bolsonaro, pois é possível ser reinfetado por coronavírus mesmo que já tenha sofrido da doença anteriormente (Sanches, 2021). Nesse sentido, a produção do discurso do medo da vacina nesse enunciado se constrói a partir da afirmação do ex-presidente de que não teve efeito colateral se “vacinando” com o vírus, em um claro tom de ironia e crítica ao fato de vacinas geralmente causarem efeitos colaterais leves, se utilizando desse fato para produzir um efeito de medo e ansiedade nos sujeitos. Esse discurso é suficiente para persuadir os sujeitos a não se vacinarem, como afirma Halbwachs (2009), ao dizer que a lembrança de um acontecimento relembra em nós alguns sentimentos que estavam guardados, e isso pode nos

persuadir sobre algo. Assim, uma emoção é suficiente para nos convencer a fazer ou não algo, sobretudo se ela está ligada a convicções, o que quase sempre acontece.

Por fim, os últimos enunciados a serem analisados correspondem a um pronunciamento feito por meio de uma *live* no Facebook, pelo ex-presidente do país, Jair Messias Bolsonaro, no dia 21 de outubro de 2021, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 14: Bolsonaro dissemina desinformação em live no Facebook



Fonte: *Carta Capital*.

A imagem em questão retrata o momento em que o ex-presidente lê uma desinformação publicada em um site norte americano chamado *Before It News*, conhecido por disseminar notícias falsas. A desinformação em questão relaciona o aumento no número de pessoas infectadas com AIDS à vacinação contra o coronavírus:

Outra coisa grave aqui. Só vou dar a notícia, não vou comentar. Já falei sobre isso no passado, apanhei muito. Tá? Vamo lá! Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados, quem são os totalmente vacinados? Aqueles que depois da segunda dose, né? Quinze dias depois. Quinze dias após a segunda dose, totalmente vacinados. Estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida muito mais rápido que o previsto. Recomendo ler a matéria. Não vou ler aqui com vocês porque posso ter problema com a minha live. Não quero que caia a live aqui, eu quero dar informações concretas. (Ohana, 2021)

Quando esse pronunciamento foi realizado, o Brasil tinha 604.764 óbitos confirmados causados pela pandemia da Covid-19, e a vacinação já havia sido liberada em caráter

emergencial pela Anvisa desde o mês de fevereiro de 2021 (Média, 2021). Na *live* em questão, Bolsonaro aparece em frente a uma estante de livros, utilizando óculos e segurando um texto retirado do site norte americano responsável por difundir desinformação. Sua postura indica seriedade e intelectualidade, atribuindo à sua imagem um caráter de “porta voz da verdade”, postura na qual o ex-presidente se coloca durante toda a leitura da notícia falsa.

Partindo para a análise da desinformação, percebemos que há a menção de uma instituição de poder para legitimar o que foi dito no seguinte trecho: “relatórios oficiais do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados [...] estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida muito mais rápido que o previsto.” (Ohana, 2021) . Assim, a menção aos relatórios oficiais do governo do Reino Unido atribui ao enunciado um caráter de verdade, bem como o fato de uma pessoa pertencente a uma instituição de poder, isto é, a presidência do país, na época, está pronunciando essa notícia falsa em uma rede social digital. Como diz Michel Foucault (2019, p. 54), “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.”

Dessa forma, o ex-presidente inicia dizendo “Outra coisa grave aqui. Só vou dar a notícia, não vou comentar”. Nesse trecho, a escolha lexical da palavra “grave” se mostra essencial na produção do discurso do medo da vacina. Afinal, essa é uma palavra que desperta medo em quem a lê ou a escuta, além de uma atmosfera de antecipação de uma grande catástrofe, que é criada pela ansiedade, ou seja, a angústia por algo que ainda não se sabe bem o que é (Halbwachs, 2009).

A partir das palavras “só vou dar a notícia, não vou comentar”, percebe-se uma tentativa de isenção de responsabilidade por aquilo que diz, como se ele não estivesse em uma posição de poder, presidente do país, e não influenciasse milhares de brasileiros, sobretudo no momento de angústia que foi a pandemia da Covid-19. Nessa perspectiva, retomamos a discussão de Sousa (2023) sobre a dinâmica entre influenciadores e seguidores, proporcionada pelas redes sociais digitais e que também possuem um impacto considerável fora delas.

Para a autora, “vivemos a era dos adultos infantilizados”; essa infantilização diz respeito à desresponsabilização sobre os próprios atos ou a terceirização das suas decisões, que é chamada também de menoridade. Sobre isso, ao citar Kant, Michel Foucault afirma: “e por ‘menoridade’ ele entende um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios em que convém fazer uso da razão.” (Foucault, 1984, p. 335).

Assim, o mundo das redes sociais digitais nos apresentou uma nova figura, o chamado *influencer*. No caso do ex-presidente, ele se tornou *influencer* pelo número de pessoas que o

seguem em todas as redes sociais digitais. Nesse contexto, surge também a posição sujeito de seguidor, na qual esses sujeitos encontram-se em uma posição de menoridade, pois deixam-se ser influenciados, e jamais questionam o que foi dito pelo *influencer*.

Dessa forma, no enunciado analisado, Bolsonaro fala para seus seguidores e sua rede social digital, o Facebook. Por isso, seus apoiadores, em estado de menoridade, influenciados pelo léxico emocional apresentado no pronunciamento, bem como pela identificação de suas convicções com as do ex-presidente, acolhem esse e outros enunciados falsos e os tomam como verdadeiros. Por esse caráter emotivo e por existir uma pessoa identificada institucionalmente, esse enunciado possui funcionamento discursivo de uma pós-verdade.

Na sequência, a notícia falsa afirma que “quinze dias após a segunda dose, totalmente vacinados. Estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida muito mais rápido que o previsto.” (Ohana, 2021). Ao analisarmos a estrutura dessa afirmação, percebemos a utilização de um léxico científico ao falar da AIDS sem usar a sigla, isto é, usando a nomenclatura completa, a saber, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, produzindo efeitos de verdade e confiabilidade ao que é dito.

Além disso, ao citar a AIDS, doença que matou milhares de pessoas no final do século XX, o enunciado nos faz retomar em nossa memória discursiva imagens e relatos das pessoas que sofreram com a doença, além do estigma que essa doença carrega uma vez que foi, por muito tempo, considerada a “peste gay”. Nesse sentido, o enunciado produz um novo “pânico da AIDS”, bem como o “pânico da vacina” contra o coronavírus. A partir do medo e do estigma que a doença carrega, os sujeitos são convencidos a não se vacinarem contra a Covid-19, provando a afirmação de Courtine (2020, p. 424) que diz: “o presente dos temores contemporâneo é obsedado pela evocação de medos antigos.”

Somado a isso, o ex-presidente se subjetiva como uma pessoa “perseguida” por dizer a “verdade”: “Recomendo ler a matéria. Não vou ler aqui com vocês porque posso ter problema com a minha live. Não quero que caia a live aqui, eu quero dar informações concretas.” (Ohana, 2021). Mais uma vez, Bolsonaro terceiriza a responsabilidade pelo seu dizer, enfatizando que apenas leu uma matéria e, caso os sujeitos quiserem saber mais, ou conferir a veracidade da notícia, que a busquem por eles mesmos.

Nesse contexto, percebemos a produção de uma desinformação a partir de dois funcionamentos discursivos, tanto a pós-verdade quanto a *fake news*. Isso porque, a notícia falsa associando o aumento de infecção por AIDS à vacina contra o coronavírus foi retirada do site *Before It's News*, responsável por disseminar desinformação. Dessa forma, entendemos que um funcionamento discursivo pode alimentar outro, isto é, uma *fake news*

pode ser uma base discursiva para uma pós-verdade, como no enunciado analisado, e vice-versa.

Finalmente, entendemos que a construção discursiva de uma desinformação que tem o funcionamento de uma pós-verdade é complexa e seu efeito de veracidade dependerá da posição do sujeito do enunciado, bem como das instituições de poder que esse enunciado evoca. Além disso, a aceitação do enunciado como verdadeiro dependerá também dos tipos de emoção que ele produz, assim como das convicções que ele evoca, afinal, a relação entre emoção e convicção é suficiente para persuadir os sujeitos sobre algo nesse momento histórico de “pós-verdade”, isto é, um momento histórico de supervalorização das emoções em detrimento da verdade factual.

Nessa seção, vimos de que maneira a pós-verdade, como enunciação política, funciona discursivamente. Entretanto, o fenômeno da desinformação possui dois funcionamentos discursivos, por isso, na próxima seção, veremos de que maneira as *fakes news* funcionam e de que forma esse funcionamento se difere da pós-verdade.

3.4 A produção discursiva do medo em *fake news* no contexto da pandemia pela Covid-19

Nessa seção, analisaremos notícias falsas que possuem o funcionamento discursivo de uma *fake news*, bem como observaremos de que forma esses enunciados falsos produzem o discurso do medo. Para tanto, selecionamos duas *fake news* que foram publicadas pelo site *Jornal Tribuna Nacional*, conhecido por disseminar desinformação. O primeiro enunciado afirma que houve um aumento no número de jovens com câncer após a vacinação contra a Covid-19, como vemos a seguir.

Figura 15: Notícia falsa sobre aumento de câncer devido à vacinação contra a Covid-19.

04/10/2021 às 10h48min - Atualizada em 04/10/2021 às 10h48min

Médico de Idaho relata um 'aumento de 20 vezes' de câncer em pacientes vacinados, principalmente em mulheres jovens

"Desde 1º de janeiro, no laboratório, estou vendo um aumento de 20 vezes nos cânceres de endométrio em relação ao que vejo em uma base anual", relatou o Dr. Cole no videoclipe compartilhado no Twitter .

Comentar



Cristina Barroso

Life Site News



(REPRODUÇÃO)

Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*.

Essa notícia falsa foi publicada no dia 4 de outubro de 2021, ano em que a vacinação já havia sido liberada pela Anvisa no Brasil, e o país tinha em torno de 598.152 óbitos causados pela Covid-19 (Garrett Jr., 2021). Ao observarmos a notícia falsa, percebemos que ela foi construída discursiva e esteticamente semelhante às matérias publicadas em sites de mídia tradicional como o Uol e o G1, isto é, utilizando fontes semelhantes, além de elementos próprios de um texto jornalístico como o título, o subtítulo e o lide.

Para compor essa análise, utilizaremos esses três principais elementos que constroem a *fake news*. No título, temos a seguinte afirmação: “Médico de Idaho relata um 'aumento de 20 vezes' de câncer em pacientes vacinados, principalmente em mulheres jovens” (Barroso, 2021). Nesse caso, o câncer é um elemento central na produção do discurso do medo, afinal, é uma doença conhecida pelo senso comum como extremamente grave, além de mortal, na maioria dos casos. Do mesmo modo, é uma doença que faz parte do dia a dia da população,

afinal, muitos sujeitos conhecem ao menos uma pessoa que já foi acometida pelo câncer ou morreu em decorrência da doença; ou ainda, o próprio sujeito-leitor já foi acometido pela enfermidade. Sendo assim, quando o câncer é utilizado nessa notícia falsa, produz-se efeitos de medo e ansiedade, mas também de empatia, além de persuadir os leitores de que a vacina é realmente responsável pelo aumento do número de jovens com câncer.

Assim, considerando o “ecossistema da desinformação” de Wardle (2017 *apud* Sargentini; Varoni, 2021), podemos caracterizar essa notícia como um *conteúdo enganoso*, pois enquadra a questão da vacina contra o coronavírus e a associa a informações falsas. Além disso, a notícia enfatiza a juventude das supostas “vítimas da vacina”, numa clara tentativa de provocar empatia dos leitores, afinal, há muitos discursos em torno da juventude, sobretudo aqueles que a romantizam e a definem como “a melhor época da vida.”

O subtítulo, por seu turno, compõe a notícia falsa com outros elementos importantes na constituição dos efeitos de verdade e na produção de emoções: “‘Desde 1º de janeiro, no laboratório, estou vendo um aumento de 20 vezes nos cânceres de endométrio em relação ao que vejo em uma base anual’, relatou o Dr. Cole no videoclipe compartilhado no Twitter”. (Barroso, 2021).

Nesse trecho, há a citação de uma figura de autoridade e poder, o médico Dr. Cole, que relata ter observado um aumento no número de cânceres no endométrio, em comparação com os dados de anos anteriores. Observamos que a citação de uma figura de autoridade como um médico atribui ao enunciado efeitos de veracidade e confiabilidade. Além disso, o lide da notícia endossa ainda mais esse efeito com a utilização de um léxico científico: “Um médico descobriu um aumento nos cânceres desde o lançamento da inoculação COVID-19.” (Barroso, 2021).

No corpo do texto, observamos a utilização da mesma estratégia, com o uso de jargão médico e científico: “Da mesma forma, Cole descreve, ‘pós-vacina, o que estamos vendo é uma queda nas células T assassinas, nas células CD8 [...] E o que as células CD8 fazem? Eles mantêm todos os outros vírus sob controle’, continuou ele.” (Barroso, 2021). Na continuidade, são citadas outras pesquisas, numa tentativa de tornar esse enunciado verdadeiro: “De acordo com um estudo de pesquisa alemão, o polietilenoglicol, um ingrediente encontrado nos jabs da Pfizer e Moderna, foi considerado um ‘risco potencial de toxicidade’ para os ovários das mulheres.” (Barroso, 2021).

A partir desses dados falsos, produz-se efeitos de pânico da vacina, além de negacionismo científico. Dessa forma, assim como o medo foi instrumentalizado na Revolução Francesa, é utilizado mais uma vez como instrumento, dessa vez para disseminar

desinformação num contexto de calamidade pública, isto é, uma pandemia. No mesmo sentido, a imagem apresentada na notícia, uma seringa com um pouco do material saindo pela agulha, remete à vacina e complementa os efeitos de poder e saber do enunciado.

A retomada de outras imagens proporcionada pela foto da notícia é causada graças ao princípio da intericonicidade: “da mesma forma que existe o ‘sempre já’ do discurso, existe o sempre já da imagem.” (Courtine, 2013, p. 156). Dessa forma, a imagem da seringa retoma na memória discursiva dos sujeitos a vacina contra o coronavírus e reafirma os efeitos de verdade apresentados na notícia falsa, isto é, “a vacina não é confiável” e “a vacina causa câncer”, entre outros, conferindo veracidade ao enunciado.

Por fim, ao final da notícia falsa, foi adicionada um tipo de observação ou justificativa, pelo fato dos vídeos do Dr. Cole não terem sido anexados à matéria para “comprovar” o que foi dito: “Os vídeos do Dr. Cole nesses eventos, que foram postados originalmente no YouTube, foram excluídos pela plataforma de vídeo de propriedade do Google em um esforço contínuo de censura pela Big Tech.” (Barroso, 2021).

A narrativa de perseguição e censura é continuamente retomada pelos produtores e disseminadores de desinformação, como nesse caso ou , ainda, no enunciado analisado na seção anterior em que Bolsonaro afirma: “Não vou ler aqui com vocês porque posso ter problema com a minha live. Não quero que caia a live aqui, eu quero dar informações concretas.” (Ohana, 2021). Esse *modus operandi* também é responsável por atrair seguidores devido ao efeito de empatia e admiração que causa em certos sujeitos, sobretudo naqueles que compartilham das mesmas convicções, isto é, discursos negacionistas e antivacina.

Em continuidade, o segundo enunciado selecionado para análise corresponde a uma notícia falsa também publicada no *Jornal Tribuna Nacional*, no dia 28 de dezembro de 2022, no qual a média móvel de óbitos registrada foi de 171, quase dois anos após a liberação da vacina contra o coronavírus no Brasil (Espina; Vasconcellos, 2022). A média móvel de óbitos é medida considerando o número total de mortos pela Covid-19 durante a semana.

O enunciado selecionado tem como título: “Descobrimos a verdade: examinando a ligação fatal entre as vacinas COVID e uma nova forma de AIDS” (Tanure, 2022).

Figura 16: Notícia falsa associando a vacinação contra a Covid-19 e a AIDS

Descobrimos a verdade: examinando a ligação fatal entre as vacinas COVID e uma nova forma de AIDS

Aqui apresentamos uma série de fortes evidências de que as vacinas Covid-19 estão fazendo com que os receptores desenvolvam a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) ou uma nova condição com atributos semelhantes que só podem ser descritos como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida Induzida pela Vacina Covid-19 (VAIDS).

Comentar

Marília Tanure
Daily Digest



Fonte: *Jornal Tribuna Nacional*.

O título já inicia com um léxico sensacionalista, isto é, com o uso das palavras “descobrimos a verdade” (Tanure, 2022), induzindo o leitor a inferir que “estamos vivendo uma mentira”, nesse caso, sobre a vacina contra o coronavírus, e despertando emoções como curiosidade e medo. O texto continua: “examinando a ligação fatal entre as vacinas COVID e uma nova forma de AIDS.” (Tanure, 2022). A escolha lexical da palavra “fatal” estimula ainda mais os efeitos de medo produzidos pelo enunciado, que culmina na menção à ligação entre as vacinas contra o coronavírus e uma nova forma de AIDS.

Esse enunciado se enquadra na categoria de *fake news*, pois não há um agente identificado como produtor dessa notícia falsa, ou um agente pertencente a uma instituição de poder, além dela possuir um potencial de viralização, já que o site tinha um canal no Telegram com milhares de pessoas, usado apenas para difundir as matérias postadas na plataforma.

Assim, quando a AIDS é retomada nesse enunciado, também ressurgem antigos medos presentes na memória discursiva dos sujeitos da contemporaneidade. A AIDS, além de ter

sido uma doença fatal logo em seu início, nos anos 80, matando milhares de pessoas, ainda é considerada uma epidemia e uma pandemia a serem combatidas¹⁸. Somado a isso, em seu surgimento, a doença era conhecida, de forma preconceituosa e pejorativa, como “peste gay”.

Dessa forma, tanto o medo quanto o estigma da AIDS são retomados nessa notícia falsa e, quando associados à vacina contra a Covid-19, produzem efeitos de repulsa e “pânico da vacina”; esses efeitos são semelhantes aos produzidos pelo pronunciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, analisado anteriormente. Entretanto, a grande diferença é a condição histórica de produção desse enunciado falso do *Jornal Tribuna Nacional*. Enquanto a pós-verdade de Bolsonaro emergiu no início da vacinação, essa *fake news* emerge quase dois anos após a liberação dos imunizantes. Apesar disso, há uma regularidade discursiva, tanto na construção da notícia falsa quanto na temática e na produção de certos discursos emotivos.

No subtítulo dessa matéria, temos um texto complementando os efeitos de verdade produzidos pelo título:

Aqui apresentamos uma série de fortes evidências de que as vacinas Covid-19 estão fazendo com que os receptores desenvolvam a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) ou uma nova condição com atributos semelhantes que só podem ser descritos como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida Induzida pela Vacina Covid-19 (VAIDS).

Nesse enunciado, o uso do léxico científico, isto é, o nome completo da AIDS, assim como a palavra “receptores”, contribui para a produção de efeitos de verdade e atribui veracidade à notícia. Além disso, o enunciado apresenta um “novo tipo” de AIDS, que é causado pela vacina contra a Covid-19 e é nomeado “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida Induzida pela Vacina Covid-19 (VAIDS).” Apesar do conteúdo enganoso desse enunciado, esse neologismo, a saber, VAIDS, é responsável por produzir o pânico da vacina, pois une “a peste gay” de outrora a uma “peste” atual: a vacina contra o coronavírus. Esse neologismo passou a ser utilizado em muitos enunciados falsos publicados pelo *Jornal Tribuna Nacional* e por outros sites que disseminam desinformação, afinal, é um termo pequeno e de rápida fixação, mas que produz efeitos emotivos e de poder possíveis de persuadir os sujeitos.

¹⁸ “O cenário atual da aids é caracterizado tanto por uma epidemia quanto pandemia, uma vez que a primeira refere-se, especialmente, ao número de casos em uma determinada população em relação ao esperado, e a segunda diz sobre a transmissão comunitária de um agente infeccioso em países de mais de um continente.” (Tiemi, 2023).

Em complemento, a imagem apresentada na matéria mostra uma agulha e a palavra “poison”, que traduzida do francês significa “tóxico”, e está acompanhada da imagem de uma caveira, que é popularmente conhecida por representar efeitos de “perigo” e “morte”. Tal escolha de palavra e imagem não é coincidência e evidencia a importância da semiótica na construção discursiva de uma *fake news*. Isso porque símbolos são elementos ainda mais “fáceis” de produzir efeitos, inclusive emoções negativas, como é o caso dessa caveira apresentada na notícia falsa. Além disso, a agulha escolhida para compor a imagem não corresponde a uma agulha usada em imunizantes, entretanto, por ser “grossa”, auxilia ainda mais na produção do “pânico da vacina”, pelo fato de ser um discurso de senso comum a dor causada por agulhas de mais alto calibre.

Finalmente, o lide da matéria traz a seguinte afirmação: “É um equívoco comum pensar que a AIDS é causada apenas pelo vírus HIV ou que eles são a mesma coisa.” (Tanure, 2022). A partir desse trecho, observamos efeitos de saber e verdade como “AIDS não é causada apenas pelo HIV, mas também pela vacina contra a Covid-19”, o que é falso. Apesar disso, o enunciado apresenta um conteúdo verdadeiro ao afirmar que os sujeitos confundem o vírus HIV com a doença AIDS. Assim, a *fake news* é construída apresentando dados verídicos ao mesmo tempo que traz informações falsas.

Essa construção evidenciada pelo lide constitui a grande maioria das notícias falsas, tenham eles funcionamento de pós-verdade ou de *fake news*. Como afirma Seixas (2019, p. 128 *apud* Dunker, 2017, p. 38), ao analisar o fenômeno da desinformação: “Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira”.

Tendo isso em mente, entendemos que a adesão dos sujeitos a notícias falsas se dá por vários fatores: pela construção discursiva do enunciado, uso de léxico científico, retomada de medos antigos e produção de novos medos, as condições de emergência e produção dos enunciados, a posição sujeito de quem enuncia e, por último, a convicção dos sujeitos que consomem essa desinformação.

Uma vez que os valores são princípios estruturantes do próprio ser enquanto ser-no-mundo, não há como passar despercebido o fato de que se trata, no fim das contas, não de um desejo de descoberta de uma suposta verdade última, estanque ou definitiva, mas sim de um desejo de manutenção das identidades e das verdades que lhe são convenientes para tanto. (Seixas, 2019, p. 133)

Assim, apesar do termo “convicção” e seu significado soar bastante subjetivo ou individual, na verdade, nesse caso, o local de produção de desinformação, isto é, as redes sociais digitais e seus algoritmos, une sujeitos que compartilham das mesmas convicções. Portanto, entendemos as convicções correspondem a união entre as emoções compartilhadas pelos sujeitos bem como as formações discursivas que eles compartilham.

Nesse sentido, ao retomarmos os enunciados analisados neste trabalho, que funcionam como desinformação sobre a vacina contra o coronavírus, percebemos algumas regularidades discursivas. A primeira delas diz respeito à construção das notícias falsas em sites de mídia alternativa, que utilizam, de maneira recorrente, o mesmo tamanho e a mesma fonte de textos de sites de mídia tradicional.

Outra regularidade encontrada nesses enunciados é a menção a um sujeito de prestígio ou às instituições produtoras de verdade, a fim de legitimar o que é dito na notícia falsa, como no enunciado “relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados [...] estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.” (Ohana, 2021)

Por fim, observamos uma regularidade que rege todas as notícias falsas analisadas neste trabalho, isto é, o uso de um léxico que desperta medo e ansiedade nos sujeitos, como no enunciado “Descobrimos a verdade: examinando a ligação fatal entre as vacinas COVID e uma nova forma de AIDS” (Tanure, 2022). A menção a doenças como AIDS ou câncer também é recorrente nesses enunciados, produzindo o discurso de medo a partir da historicidade dessas patologias, no Brasil e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, retomaremos nosso objetivo principal, que se tratava de descrever e analisar o funcionamento discursivo da pós-verdade e das *fake news*, e suas respectivas relações com as emoções, considerando o contexto histórico da pandemia pela Covid-19 e da vacinação contra o vírus.

Para isso, selecionamos enunciados falsos sobre as vacinas publicados por sites de mídia alternativa de extrema direita, o *Jornal Tribuna Nacional* e o *Terra Brasil Notícias*, no período temporal de 2020 a 2022. Além disso, selecionamos os pronunciamentos do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, conhecido por disseminar desinformação nas mais diversas mídias digitais, considerando o período temporal do seu mandato, isto é, de 2019 a 2022.

A fim de realizar essa análise discursiva, tomamos como fundamentação teórica os Estudos Discursivos Foucaultianos (1997; 2005; 2013; 2014a; 2014b; 2019; 2020) acerca dos conceitos de discurso, sujeito, verdade, poder, biopolítica, racismo de Estado, governamentalidade, entre outros. Somado a isso, complementaremos nossa discussão com os estudos sobre necropolítica, de Mbembe (2018), plataformação, de Van Dijck (2017), pós-informação, de Negroponte (1995), entre outros.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho, retomamos alguns conceitos pertencentes aos Estudos Discursivos Foucaultianos a fim de compreendermos como é feita a análise discursiva, considerando os elementos do enunciado, como a raridade, a exterioridade, o acúmulo, entre outros. Além desses conceitos, retomamos as discussões de Michel Foucault acerca da relação entre discurso, poder e verdade, bem como a importância desses conceitos no contexto da desinformação na pandemia de coronavírus. Por fim, discutimos ainda os conceitos de disciplina, biopolítica e governamentalidade, assim como racismo de Estado e necropolítica (Mbembe, 2018) no cenário de emergência sanitária.

No segundo capítulo, apresentamos discussões sobre a estrutura das redes sociais digitais, seus algoritmos e a maneira como os sujeitos disseminam e consomem informações. Por isso, retomamos a discussão sobre a plataformação e as problemáticas desse movimento no que diz respeito à difusão de informações selecionadas pelas Big Techs, sejam essas informações verdadeiras ou não.

Além disso, revisitamos os acontecimentos mais importantes da pandemia de coronavírus no Brasil, tanto políticos quanto sanitários. Assim, discutimos alguns enunciados falsos que circularam nas mídias sociais digitais nesse período, e destacamos o fenômeno da desinformação e seus respectivos funcionamentos discursivos: a pós-verdade e as *fake news*.

A pós-verdade possui dois sentidos, o primeiro diz respeito a uma “era” na qual há um desprezo pela verdade factual em detrimento das emoções. O segundo sentido se refere à pós-verdade como forma de enunciação política, em que há um sujeito identificado por uma instituição de poder, o qual enuncia a fim de enganar os sujeitos de forma consciente. Por fim, diferentemente da pós-verdade, a *fake news* se caracteriza por um enunciado sem sujeito identificado por uma instituição, além de circular em forma de boato e ganhar efeito de veracidade graças à repetição.

Para análise, selecionamos duas pós-verdades: uma primeira, na qual Bolsonaro afirma que a vacina contra o coronavírus não é confiável pois ainda está em estado experimental, o que é falso. E a segunda na qual o ex-presidente afirma que a melhor vacina é o vírus. Finalmente, selecionamos duas *fake news*: a primeira é uma notícia retirada do site *Jornal Tribuna Nacional*, na qual se afirma que o imunizante contra o coronavírus não imuniza. A segunda *fake news* foi retirada do site *Terra Brasil Notícias* e afirma que é mais eficaz pegar o vírus da Covid-19 a tomar a vacina, o que também é falso.

No terceiro e último capítulo, retomamos a história das emoções e dos regimes do medo no Ocidente, bem como discutimos o conceito de medo líquido apresentado por Bauman (2022). Dessa forma, entendemos que os medos antigos são retomados a partir de acontecimentos recentes devido à memória coletiva e discursiva dos sujeitos, suscitando medos e ansiedades ancestrais, como por exemplo, a pandemia de coronavírus ressuscitando o “medo da peste”; ou, ainda, enunciados falsos atribuindo o aumento de infectados por AIDS à vacina contra a Covid-19, suscitando o medo da “peste gay” e produzindo o “pânico da vacina”.

Portanto, entendemos que a desinformação no contexto da vacinação contra o coronavírus alimenta o discurso do medo da vacina, assim como o discurso do medo alimenta a disseminação de desinformação. Em resumo, nessa “era de pós-verdade”, para que um enunciado falso tenha adesão e ganhe veracidade, é necessário que ele mencione ao menos uma instituição que valide sua veracidade, seja científica, jurídica ou religiosa, entretanto, é necessário que esse enunciado seja acompanhado de grande carga emocional e se assemelhe às convicções dos leitores, para que ele funcione como verdadeiro.

Entendemos que tal problemática é também estimulada pela maneira como as redes sociais digitais funcionam, além do fato das *Big Techs* deterem o poder sobre as informações que podem ou não circular. Assim, apesar de haver sistemas de checagem de fatos, é necessária a regulação das redes sociais digitais, afinal, o problema é, sobretudo, estrutural, e impacta, de maneira direta a forma como os sujeitos se relacionam com as informações.

REFERÊNCIAS

- 2 MOMENTOS em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. *BBC*, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 15 out. 2024.
- APÓS período de 'sumiço', Zé Gotinha participa de evento com novo ministro da Saúde. *GI*, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/24/apos-periodo-de-sumico-ze-gotinha-participa-de-evento-com-novo-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BARROSO, Cristina. Médico de Idaho relata um 'aumento de 20 vezes' de câncer em pacientes vacinados, principalmente em mulheres jovens. *Jornal Tribuna Nacional*, 04 out. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20211006003018/https://tribunanacional.com.br/noticia/2166/meco-de-idaho-relata-um-aumento-de-20-vezes-de-cancer-em-pacientes-vacinados-principalmente-em-mulheres-jovens>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- BOLSONARO insiste em 'tratamento precoce' contra Covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos. *GI*, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contr-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contr-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BRASIL celebra um ano da vacina contra a Covid-19. *Fiocruz*, 18 jan. 2022a. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/brasil-celebra-um-ano-da-vacina-contr-a-covid-19>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BRASIL registra mais 559 mortes por covid-19. *DW*, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-registra-mais-559-mortes-por-covid-19/a-56003914>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BRASIL tem média móvel de 244 mortes diárias por Covid; variação aponta estabilidade. *GI*, 21 jul. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/07/21/brasil-tem-media-movel-de-244-mortes-diarias-por-covid-variacao-aponta-estabilidade.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- CAVALCANTE, Rayane Medeiros dos Santos. *Entre as pandemias de Covid-19 e fake news: uma análise sobre o discurso científico em plataformas digitais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, João Pessoa, PB, 2021.
- CORACCINI, Raphael. OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso. *CNN Brasil*, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos/>. Acesso em: 27 set. 2024.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020a.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: Das Luzes até o final do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: Do final do século XIX até hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020c.

- CORDEIRO, Veridiana Domingos. *Por uma sociologia da memória: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-11112015-132539/>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- CORPOS de vítimas da Covid enterrados empilhados em valas comuns em Manaus serão exumados, diz prefeito. *GI*, 2 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/11/02/corpos-de-vitimas-da-covid-enterradas-empilhadas-em-valas-comuns-em-manaus-serao-exumados-diz-prefeito.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2024.
- CORRESPONDENTE Médico: O que é e como funciona o imunizante em vacinas. *CNN Brasil*, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/correspondente-medico-o-que-e-e-como-funciona-o-imunizante-em-vacinas/>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- COSSETI, Melissa Cruz. Qual a diferença entre grupos e canais no Telegram? *Tecnoblog*, out. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/qual-a-diferenca-entre-grupos-e-canais-no-telegram/>. Acesso em: 25 out. 2024.
- COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade; discurso, história e emoções. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). *(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. O medo na era da ansiedade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: do final do século XIX até hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. Discursos do medo na era da ansiedade. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 163-190.
- CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). *Discurso e (Pós) – verdade*. São Paulo: Parábola, 2021.
- D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto. (org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Sesc, 2009.
- DORNE, V. D. “É verdade esse bilete!”: racionalidades em jogo na produção da (des)informação midiática. BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de (orgs.) *Discursos e desigualdades: cartografar com Foucault*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.
- DUNKER, Cristian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Cristian et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre/ São Paulo: Dublinense, 2017.
- É #FAKE imagem em que Manuela D'Ávila aparece com camiseta 'Jesus é travesti'. *GI*, 2 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/02/e-fake-imagem-em-que-manuela-davila-aparece-com-camiseta-jesus-e-travesti.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- EMPRESÁRIOS bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. *Folha de São Paulo*, 18 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- ENTENDA o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do facebook e o colocou na mira de autoridades. *GI*, 20 mar. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2024.

ESPINA, Ricardo; VASCONCELLOS, Hygino. Covid: Média de mortes fica em 171 e atinge maior marca em mais de 4 meses. *Uol*, 28 dez. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/12/28/covid-19-coronavirus-casos-mortes-28-de-dezembro.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

FACEBOOK e Instagram excluem live em que Bolsonaro relaciona vacina contra Covid à Aids. *Youtube*, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3yTOyDta4U>. Acesso em: 20 fev. 2024.

FAGUNDES, Murilo. Bolsonaro critica vacinas e diz que Michelle e ministros “passaram mal”. *Poder 360*, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-vacinas-e-diz-que-michelle-e-ministros-passaram-mal/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FEBVRE, Lucien. Como reconstituir a vida afectiva de outrora? A sensibilidade e a história. In: FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985. p. 217-232.

FERNANDES, Carla Montuori *et al.* A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5317>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FERNANDES, Cleudemar; SARGENTINI, Vanice. Saussure e Foucault, língua e discurso. *Revista da ANPOLL*, v. 53, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1692>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FONTANA, Mónica Zoppi. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). *Discurso e (Pós) – verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87-104.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *What is Enlightenment? (O que são as Luzes?)*. In: Rabinow, Paul. (Ed.). *The Foucault reader*. Nova Iorque, Pantheon Books, 1984. p. 32-50.

FRANCONETI, Marina. A morte e a vida nas catacumbas centenárias de Paris. *Artrianon*, 31 out. 2019. Disponível em: <https://artrianon.com/2019/10/31/a-morte-e-a-vida-nas-catacumbas-centenarias-de-paris/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GARRETT Jr., Gilson. Há 20 dias, média de mortes por covid-19 no Brasil está próxima de 500. *Exame*, 4 out. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/casos-de-coronavirus-numero-de-mortes-04-de-outubro-de-2021/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

- HALBWACHS, Maurice. A expressão das emoções e a sociedade. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8, n. 22, p. 201-218, abr., 2009.
- INTERNADO com obstrução intestinal, Bolsonaro posta foto em hospital e diz que fará exames. *GI*, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/03/internado-com-obstrucao-intestinal-bolsonaro-posta-foto-em-hospital-e-diz-que-fara-novos-exames.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- IRETON, Cherilyn; POSSETI, Julie. Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo. *Unesco*, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2022.
- MARIOT, Nicholas. Fúrias, comunhões e ardor cívico: a vida política das emoções. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org). *História das emoções: do final do século XIX até hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- MASSARANI *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, maio 2021.
- MAZEAU, Guillaume. Emoções políticas: a Revolução Francesa. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org). *História das emoções: das luzes até o final do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MÉDIA móvel de mortes por Covid no Brasil completa 10 dias abaixo de 400 e volta a indicar queda. *GI*, 21 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/media-movel-de-mortes-por-covid-no-brasil-completa-10-dias-abaixo-de-400-e-volta-a-indicar-queda.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.
- MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MINISTÉRIO mantém recomendação para uso de cloroquina em casos leves de Covid-19, mas corrige texto. *GI*, 21 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/21/ministerio-da-saude-divulga-versao-de-orientacoes-sobre-cloroquina-com-asinaturas.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- NASCIMENTO, Mylena Araújo do. *O acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NO 'LIVE da vitória', a biblioteca do presidente: da Bíblia a Churchill. *O Globo*, 29 out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/no-live-da-vitoria-biblioteca-do-presidente-da-biblia-churchill-23194605>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- OHANA, Victor. YouTube derruba live em que Bolsonaro dissemina novas mentiras sobre vacinas. *Carta Capital*, 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/youtube-derruba-live-em-que-bolsonaro-dissemina-novas-mentiras-sobre-vacinas/>. Acesso em: 22. nov. 2024.
- OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. *Organização Panamericana da Saúde*, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- ONU: Bolsonaro defende tratamento sem eficácia contra a Covid-19; veja frases do discurso e o que se sabe. *GI*, 21 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/09/21/onu-bolsonaro-defende->

[tratamento-sem-eficacia-contra-covid-19-veja-frases-do-discurso-e-o-que-se-sabe.ghml](#).

Acesso em: 15 fev. 2024.

PAZUELLO mente ao afirmar que ministério nunca recomendou 'tratamento precoce' para Covid. *GI*, 18 jan. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/18/pazuello-diz-agora-que-ministerio-orienta-atendimento-precoce-e-nao-tratamento-precoce.ghml>. Acesso em: 21 nov. 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; Van Dijck, José. Plataformização. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, Vale do Rio dos Sinos, v. 22, n. 1, p. 63 – 77, abril, 2020.

REITORIA exige 3º dose da vacina contra a covid para frequentar campi da USP. *Jornal do Campus*, 23 set. 2022. Disponível em:

<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2022/09/reitoria-exige-3a-dose-da-vacina-contra-covid-para-frequentar-campi-da-usp/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

REQUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais online*. Salvador: EDUFBA, 2017.

REQUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galaxia* (São Paulo, online), n. 41, p. 31-47, maio-ago., 2019.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Bruno. Governo Bolsonaro deixou 53 e-mails da Pfizer sem resposta, diz Randolfe. *Uol*, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/06/04/governo-bolsonaro-deixou-53-e-mails-da-pfizer-sem-resposta-diz-randolfe.htm>. Acesso em: 27 set. 2024.

SANCHES, Danielle. Por que a 'imunidade de rebanho' não é a solução para a covid-19? *Uol*, 7 maio 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/07/por-que-a-imunidade-de-rebanho-nao-e-a-solucao-para-a-covid-19.htm>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SARGENTINI, Vanice; VARONI, Pedro. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake news. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). *Discurso e (Pós) – verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-86.

SARTRE, Maurice. Os gregos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica de pós-verdade: o problema das convicções. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 18, n. 1, abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SENADO Federal. *Projeto de Lei nº 2630, de 2020*. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SITE campeão de compartilhamentos no WhatsApp e no Telegram lidera comunicação bolsonarista. *Folha de São Paulo*, 16 ago. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/site-campeao-de-compartilhamentos-no-whatsapp-e-no-telegram-lidera-comunicacao-bolsonarista.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SITE desinformador sai do ar após Justiça mandar apagar mentiras sobre vacinas e Aids. *Uol*, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/checamos/site-desinformador-sai-do-ar-apos-justica-mandar-apagar-mentiras-sobre-vacinas-e-aids,4a772038f92bc9105f2a1e77fb918f1brjkqe059.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro compara hidroxiclороquina à vacina: "Experimental". *Correio Braziliense*, 09 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4930111-bolsonaro-compara-hidroxiclороquina-a-vacina-experimental.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SOUSA, Katia Menezes de. De pastorado a governo das condutas dos homens: estado de minoridade e competição da razão neoliberal. In: BUTTURI Jr., Atílio; FERNANDES, Cleudemar; BRAGA, Sandro. (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade*. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.

TANURE, Marília. Descobrimos a verdade: examinando a ligação fatal entre as vacinas COVID e uma nova forma de AIDS. *Jornal Tribuna Nacional*, 28 dez. 2022. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20221229233151/https://tribunanacional.com.br/noticia/4749/descobrimos-a-verdade-examinando-a-ligacao-fatal-entre-as-vacinas-covid-e-uma-nova-forma-de-aids>. Acesso em: 21 nov. 2024.

TIEMI, Raquel. Relatório da ONU aponta que pandemia da aids pode acabar até 2030. *Jornal USP*, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/relatorio-da-onu-aponta-que-pandemia-da-aids-pode-acabar-ate-2030/#:~:text=O%20cen%C3%A1rio%20atual%20da%20aids,de%20mais%20de%20um%20continente>. Acesso em: 18 nov. 2024.

USP priva direito constitucional de alunos à educação e exige vacinação de alunos para assistirem às aulas. *Terra Brasil Notícias*, 07 jul. 2022. Disponível em: <https://terrabrasilnoticias.com/2022/07/usp-priva-direito-constitucional-de-alunos-a-educacao-e-exige-vacinacao-de-alunos-para-assistirem-as-aulas/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Vacina Brasil, 2023. Disponível em: <https://vacinabrasil.org/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

VACINA do Butantan: eficácia é de 78% em casos leves e 100% em casos graves. *CNN Brasil*, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/vacina-do-butantan-eficacia-e-de-78-em-casos-leves-e-100-em-graves/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

VACINADO com 4 doses e ‘fiscal do isolamento’, William Bonner está com Covid pela 1ª vez. *Terra Brasil Notícias*, 21 jul. 2022. Disponível em: <https://terrabrasilnoticias.com/2022/07/vacinado-com-4-doses-e-fiscal-do-isolamento-william-bonner-esta-com-covid-pela-1a-vez/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

VAN DIJCK, José. *Confiemos nos dados?* As implicações da datificação para o monitoramento social. *Matrizes*, São Paulo, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p39-59>. Acesso em: 18 ago. 2024.

VEJA a cronologia da disputa entre Bolsonaro e Doria em torno da vacina contra a Covid-19. *GI*, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.

VIAL-LOGEAY, Anne. O universo romano. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (org.). *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

VIGNOLI, Richele; RABELLO, Rodrigo. Informação, misinformation, desinformação e movimentos antivacina: materialidade de enunciados em regimes de informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 26, p. 01-31, 2021.

WHATSAPP alertará quando mensagem for encaminhada muitas vezes. *O Sul*, 4 ago. 2019. Disponível em: <https://www.osul.com.br/o-whatsapp-vai-mostrar-se-uma-mensagem-foi-encaminhada-muitas-vezes/>. Acesso em: 20 fev. 2024.